

BELO HORIZONTE — CR \$2,00
OUTRAS CIDADES — CR \$2,50

C. 26/10/53

ANO VI — Nº 45
JANEIRO DE 1944

Alterosa



A ELITE BELORIZONTINA
COMEMORA OS SEUS GRANDES
ACONTECIMENTOS SOCIAIS
NO MARAVILHOSO

"Grill" DA

PAMPULHA

★ Para os belorizontinos já se tornou praxe a comemoração do aniversário no "grill" da PAMPULHA. É o ponto ideal para festejar as datas que a todos são caras.

Num ambiente de distinção e elegância, dançando ao som de duas excelentes orquestras, ou assistindo a um "show" que é esplendido espetáculo de variedades, animado por grandes atrações internacionais ou saboreando o prazer de um perfeito serviço à "la carte", todos encontram no aristocrático "grill" da Represa o salão ideal para as comemorações festivas.



ROCHA

Alterosa

Publicação mensal da
Sociedade Editora ALTEROSA Ltda.
Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

*

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 —
Fone 2-0652 — Caixa Postal, 279 —
End. Telegr.: ALTEROSA — BELO
HORIZONTE — Est. de Minas Gerais

*

VENDA AVULSA

Belo Horizonte Cr\$2,00
No resto do país Cr\$2,50
Número atrasado Cr\$3,00
As edições especiais de Aniversário e
Natal circulam respectivamente em
Agosto e Dezembro, ao preço único
de Cr\$3,00. Os números especiais de
moda aparecem em Maio e Novem-
bro, também ao preço de Cr\$3,00 em
todo o país.

*

ASSINATURAS NA CAPITAL
(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$13,00
Ano (12 números) Cr\$25,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$45,00

**ASSINATURAS NO INTERIOR DO
ESTADO E NO PAÍS**
(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$15,00
1 ano (12 números) Cr\$30,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$55,00

*

SUCURSAL NO RIO

Diretor:

ULISSES DE CASTRO FILHO
Rua da Matriz, 108 — Ap. 15
Fone 26-1881

*

SUCURSAL DO ESTADO DO RIO

Diretor:

JORGE AZEVEDO

Estação de Paulo Frontin — E.F.C.B.
Rodeio

*

SECRETARIOS — Teódulo Pereira e
Clemente Luz.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, A.
J. Pereira da Silva, Almir Neves, Al-
varus de Oliveira, Austen Amaro,
Baia de Vasconcelos, Djalma Andrade,
Evagrio Rodrigues, Fernando Sabino,
Francisco Armond, Geraldo Dutra de
Moraes, Godofredo Rangel, Huberto
Rohden, João Dornas Filho, Jorge
Azevedo, Luiz de Bessa, Mário Casas-
santa, Murilo Araujo, Modesto de
Abreu, Narbal Mont'Alvão, Nilo Apare-
cida Pinto, O. Lage Filho, Oscar Men-
des, Olga Obry, Otty Silva, Rafael
Tarnapolsky, Raul de Azevedo,
Salomão de Vasconcelos, Vanda Mur-
gel de Castro, Vanderlei Vilela.

FOTOGRAFIA — Antonio Freitas.
IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brei-
ner Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Ge-
rais Limitada e Gravador Araujo.
DESENHOS — Augusto Rezende, An-
tônio Rocha, Rodolfo e Osvaldo Na-
varro.

INSPETORES:

A serviço desta Revista percorrem os
municípios brasileiros o Cel. Rai-
mundo Pereira Brasil e a Sra. M. N.
Esteves.

*

A redação não devolve, em hipótese
alguma, fotografias ou originais, ain-
da que não tenham sido publicados.

ALTEROSA * JANEIRO DE 1944

★NESTE NUMERO★

CADA

A fotografia que ilustra a capa nesta edição mostra a srta. Yedda Mello
Teixeira, ornamento da sociedade da Capital, em um artístico trabalho fotográ-
fico do Studio Constantino, apresentado em tricotomila feita pelo Gravador Araujo.

CONTOS

O TALISMA — Alberto Renart — Premiado	2
OS LABIOS DE ISAUFINHA — Murilo Rubião	8
COLOQUIO NOTURNO COM IGNIS E LUCIA — Huberto Rohden	12
O MILAGRE — Jorge Azevedo	14
PEDRAS NO CAMINHO — Tradução de Alvarus de Oliveira	16

LITERATURA

PLANTAS DE BEIRA MAR — Murilo Araujo	27
VITRINE LITERARIA — Editoriais	30
TRISTE FIM DE UM PENITENTE — Oscar Mendes	32
VIDA NOVA — Alberto Olavo	37
O SENTIDO DE UM OLHAR — Editoriais	48

HUMORISMO

SEDAS E PLUMAS — Editoriais	24
DE MES A MES — Guilherme Tell	26
OUTRA COMEDIA DA VIDA — Osvaldo Navarro	29

REPORTAGENS

HOMENAGEM DO ROTARY A' CAPITAL	38
PROFESSORAS DE ALEGRIA	88
INAUGURAÇÃO DO RESTAURANTE POPULAR	62-A

DIVULGAÇÃO

SEU ULTIMO DIA DE MENINA — Olga Obry	21
AGUAS PASSADAS — Djalma Andrade	28
LAFAYETE — Mário Casasanta	34
ESTA E' A TUA HERANÇA — Redação	36

CINE E RADIO

NÃO BEBE, NÃO FUMA E NÃO JOGA — Reportagem	46
ESTA, SIM, E' QUE E' ESTRELA — Reportagem	47
AS CAPAS DE REVISTA EM UM FILME ELEGANTE — Reportagem	50
POR QUEM OS SINOS DOBRAM	53
DE CINEMA	54
COMENTARIOS RADIOFONICOS	69
REPORTAGENS E NOTAS DE RADIO	70
JANE CLAYTON EM BELO HORIZONTE	81

PARA A MULHER

MODA FEMININA — Creações em modelos vivos	41 a 52
MODA FEMININA — Creações em desenhos	78 a 76
SUGESTÕES PARA A SUA BELEZA	88

DIVERSOS

ESPARSOS — Poesias selecionadas	65
FOTOGRAFIAS DE FORMATURA	66
NO MUNDO DOS ENIGMAS — Direção de Polliaro	94
ARTE CULINARIA	78
GRAFOLOGIA — Direção de Fêbo	96
TRANSPORTES — Conclusões	100

O TALISMÃ

CONTO DE

ERA a Princesa. Porque no Carnaval sempre saía de princesa no cordão do morro.

Mas tinha um nome. Sonoro como a sua voz de passaro livre: Ermelinda.

Nesse dia passou pelo seu chalet um soldado de folga.

— Morena côr de jambo.

Nem ergueu a cabeça. Olhou-o com o rabo dos olhos, e continuou a catar violetas.

— Sai, azar de cartola!

Tinha ouvido a expressão não sabia onde nem a quem. Usava-a a torto e a direito, a propósito ou não, como fazia com todas as palavras e locuções pitorescas que lhe chegavam aos ouvidos.

Podia não ligar. Os pretendentes eram tantos, que chegava a duvidar do que diziam os jornais a respeito da falta de homens.

Quando o soldado voltou Ermelinda estava no portão. Puzera no peito, do lado esquerdo, o bouquet de violetas, que parecia, de longe, um co-

ração rôxo.

— Pôde ser uma voltinha hoje de noite?

Não respondeu. Mas olhou longamente o atrevido, bem no fundo dos olhos, com os seus olhos escuros, cheios de carícias.

Era simpático, o tipo. E não lhe ficava mal a roupa amarela. Pena que não tivesse divisas, nem umasi-nha para fazer figa à Leocadia.

O soldado compreendeu que a morena tinha aderido.

— Te espero às sete e meia lá em baixo.

Ermelinda acompanhou-o com o olhar, até a faldá do morro. Aí o soldado voltou-se e acenou. Ela ergueu o braço, lentamente, e ajeitou a fitinha vermelha do cabelo. Estava combinado o encontro.

— Ermelinda... dá!

No quintal, dona Biloça estendia roupa no arame que ia da porta da cozinha a um pilar da caixa d'água. Os vestidos estampados drapejavam como estandartes de guerra.

— Vai buscar as compras na venda. Mas não fica lá toda a vida, que eu preciso do feijão para a janta.

Ermelinda entrou na cozinha, assada como a de um internato em dia de visita, e apanhou a cesta. Depois tirou do peito o bouquet de violetas e foi colocá-lo num copo, em cima da pia.

Estava enfeitada como se fôsse a uma vespéral na "União das Côres". O vestido encarnado, de bolinhas brancas, tinha sido feito pela Rosa cartomante. As argolas das orelhas eram presente do Andolfo, primeiro caixairo d'"O Forte Luzitano".

Descendo o morro, em passo de samba, Ermelinda ia procurando solver um problema difícil. Justamente naquela noite haveria uma brincadeira na casa do Hermeto, e ela era convidada de honra. Não só por isso, mas por outra razão, muito mais importante, não queria faltar. E' que o Hermeto tocava no radio, e lhe havia prometido que a levaria ao estúdio, depois da festa, para uma prova.

— Vou falar com o Bento pra encaixar você no programa das onze e quinze.

— Você acha que ele concorda?

— Batata. O Bento é lige.

Seria uma cousa louca. Já imaginava a Leocadia, sentada perto do aparelho de radio, escutando com lágrimas nos olhos o ultimo capítulo d'"A Morta Virgem", que seria irradiado às onze horas. De repente, o locutor anunciava: — E agora, amáveis ouvintes, vamos apresentar uma revelação: a Princesa do Morro — Ermelinda Cândida, que nos vai deliciar com "O Segredinho de Iáíá", acompanhada ao violão pelo incrível Hermeto!

Chegou a ouvir a ofensa, — a palavra suja atirada contra o aparelho impassível. Que gozo!

Mas, — e aquele polícia simpático? A brincadeira na casa do Hermeto começava às sete. Precisava ir bem cedo, para ensaiar bastante, pois queria fazer bonito. E o soldado dissera que a esperaria às sete e meia. Como resolver?

Não queria faltar ao encontro, porque acreditava no Destino. A Rosa lhe revelara que apareceria um rapaz moreno, de olhos grandes e pretos, no caminho da sua vida. Só não dissera que seria soldado da Polícia. Mas também as cartas não podem revelar todos os detalhes.

Havia muita gente no armazem.



Bento começou falar principalmente sobre ele mesmo...

PREMIADO NO

ALTEROSA * JANEIRO DE 1944

ALBERTO RENART

Encarapitado no topo da escaca, o Andolfo tentava desembutir uma lata de azeite da ultima prateleira, com risco de despencar lá decima e quebrar o pescoço no cimento. Os outros calxeiros andavam numa roda viva.

Ermelinda esperou alguns instantes, e afinal perdeu a paciência:

— Me despache logo, seu Ribeiro, que mamãe precisa do feijão para a janta!

— Ora a princesa! — resmungou uma velhota de cabelo pintado, liso como ébano bruido.

Ermelinda reconheceu-a. Chama-vam-lhe, no morro, “a velha do cabelo que a vaca lambeu”.

— Sou princesa, sim, — retrucou —, mas não como da tua panela, velha gaiteira!

A outra não perdeu a deixa. Também não tinha papas na língua. E gritou bem alto:

— Velha gaiteira é tua mãe, sua sem-vergonha! Não é atôa que o João Urso vai lá todas as noites!

Aquilo era uma calúnia descabelada. Ermelinda sabia que não era por causa de dona Biloca que João Urso ia a sua casa todas as noites. Avaiçou para a velha linguaruda, quasi chorando de raiva.

— Bruxa inventadeira!

Os outros freguesas formaram uma barreira entre as duas. De repente, do seu posto de observação, o Andolfo gritou:

— Dá o fóra, Princesa, que vem aí a polícia!

Ermelinda voltou-se, assustada. Mas sorriu logo, vitoriosa. A porta do armazem estava parado aquele soldado simpático, de olhos grandes e pretos.

Senhora da situação, Ermelinda chamou-o:

— Seu polícia, faz favor.

Os fregueses abriram alas. Seu Ribeiro, por precaução, foi postar-se ao lado da registradora. O policial aproximou-se, constrangido.

— Qué qué houve aí? — perguntou timidamente.

— Foi aquela bruxa que xingou minha mãe!

Mas a “velha do cabelo que a vaca lambeu” já tinha desaparecido. Ao ver o soldado, esgueirara-se por trás do balcão e dera o fóra pelos fundos do armazem.

— A bruxa deu o pira — disse Ermelinda, olhando em torno. E acrescentou, dirigindo ao soldado um olhar comprido, cheio de promessas:



Quando o soldado voltou, Ermelinda estava no portão.

— Ficou com medo de você...

Sentindo-se observado pelos presentes, o policial perdeu a chave. Recuou um passo, sem saber se devia sair ou ficar.

— Me espera lá fora, que eu saio já — disse Ermelinda, indiferente aos olhares maliciosos, pondo a cesta em cima do balcão.

E voltando-se para o dono do armazem, que continuava firme junto à registradora:

— Me despache logo, seu Ribeiro!

*

Foram subindo o morro, lado a lado, lentamente.

— Se você não chegasse — vangloriou-se Ermelinda — eu fazia um esparramo na venda e quebrava a cara daquela velha.

— Como é o teu nome? — perguntou o soldado, entrando no assunto que lhe interessava.

— Ermelinda. Mas eles me chamam de Princesa, porque no Carnaval eu sempre saio de princesa. E o teu?

— Jeremias.

— Que nome gozado! — riu Ermelinda.

Nesse momento vinha descendo o morro uma mulatinha faceira, de boina e pasta. Ao passar pelos dois, ace-

nou para Ermelinda:

— Bái, bái, Princesa! Estou atrasadíssima hoje, menina!

— Mulata besta — murmurou Ermelinda.

O soldado quis saber quem era, para arranjar assunto.

— E' a Leocádia, filha do maquiunista. Só porque tem pai e está na escola pensa que é mais do que as outras.

— Pois se não fôsse a pasta, eu pensava que era empregada da tua casa.

— Mas é empregada! Vê lá se ela se passa... Ela está estudando pra isca de chupim.

— Pra que?...

Ermelinda enfiou a mão na cesta e retirou-a chela de grãos de arroz.

— Professora — explicou, atirando à boca um punhado de grãos.

— Sabe?... — acrescentou. Eu vou cantar no rádio hoje de noite.

— Não diga! — fez Jeremias, sinceramente maravilhado.

Não esperava tanto. Embora a principio a conquista o tivesse surpreendido um pouco — pois Ermelinda era de fato uma morena de raça —, já a admitira como um acontecimento banal. Pensando bem, ele não era um

CONCURSO PERMANENTE DE "ALTEROSA"

Tônico real, não mero estimulante. Não contém álcool. Rica em vitaminas e cálcio. 70 anos de fama mundial.



EMULSÃO DE SCOTT

a maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

repaz feio nem deselegante. Apenas nunca topára no seu caminho com um pedaço daqueles.

Mas, além de morena do outro mundo, artista de rádio, — isso, sim, era coisa que o deixava perplexo. Um simples soldado. Ermelinda não era para o seu bico. De sargento pra cima, no mínimo.

Disse, meio desanimado:

— Então me diz a hora, que eu quero escutar.

Ermelinda informou a hora do programa e o nome da estação.

— Porque você não vai me esperar na saída? — acrescentou. E' pertinente.

— Mas você não vai lá em baixo às sete e meia se encontrar comigo? — perguntou Jeremias, animando-se de novo.

— Não posso, bem — disse Ermelinda, penalizada. Eu te explico.

Jeremias concordou. Nem ela poderia convidá-lo para a brincadeira na casa do Hermeto, pois era simples convidada. Até era muito melhor encontrarem-se às onze e meia. Durante a irradiação, ele ficaria num bar que tivesse rádio, para ouvir o seu número.

Tinham chegado junto a um poste de iluminação, fincado à orla do barranco. Ermelinda encostou-se no poste, e disse:

— Iam fazer uma casa aí em baixo. Mas parece que a Sanitária não deixou, porque só vieram as pedras.

Jeremias aproximou-se da rampa, e olhou.

— Deve ser perigoso passar aqui quando chove. Um escorregãozinho só, e o parceiro arreventa a cabeça nas pedras.

Caminharam mais alguns passos, e Ermelinda tornou a parar.

— Daqui você volta — disse. Mãe não gosta que eu namore de dia. Dá muito na vista.

Estendeu a mão a Jeremias, que a releve na sua alguns instantes.

— Então até logo — despediu-se ele. Eu te espero às onze e meia na porta da estação de rádio.

*

Quando João Urso chegou, Ermelinda estava pronta para sair.

— Que grãfinismo, Princesa! — exclamou, tomando o seu lugar costu-

meiro, a um canto da sala.

— Ermelinda vai cantar no rádio hoje, depois da festa na casa do Hermeto... — explicou dona Biloca, escarrapachada na cadeira de balanço.

João Urso não pareceu dar grande importância à notícia. Puxou o relógio, olhou as horas.

— Antes de você sair, eu queria ter uma conversinha com você, Ermelinda...

Ermelinda deu duas palmadinhas no vestido de tafetá, e respondeu, amuada:

— Não adianta, João Urso. Eu já disse a mamãe que não me caso com você.

Dona Biloca mexeu-se no seu canto.

— Quanto você está tirando agora na oficina, seu João? — perguntou.

João Urso pensou um momento, antes de responder.

— Não estou tirando muito, por causa da falta de material — disse. Mas dá pra tirar aí uns quatrocentos por mês.

— E' uma boa bolada, não acha, Ermelinda? — suspirou dona Biloca.

Ermelinda pensou que o Hermeto, numa semana, tirava mais que isso. Disse, encaminhando-se para a porta:

— Fiquem torcendo aí pra mim fazer sucesso. Cháu.

João Urso chamou-a.

— Leva isto, que dá sorte.

Tinha desabotoado a camisa, e tirara do peito uma medalha que usava presa a "sweater" por um alfinetinho de mola.

Era uma medalha de prata, de forma triangular, tendo gravada, em alto relevo, uma cabeça de urso. Devia ser muito antiga, pois o metal, riscado de ranhuras, estava enegrecido.

— Será que dá sorte mesmo? —

duvidou Ermelinda. Em todo caso, eu levo. Amanhã eu te devolvo.

— Póde ficar com ela pra você — disse João Urso. E' um presente

— Outro?...

Ermelinda olhou-o longamente, com simpatia. João Urso era um bom. Rara noite chegava de mãos vazias. Ora era um vidro de perfume, ora um sabonete, ora um pacote de confeitos. E fazia quasi um ano que frequentava a sua casa, sem faltar uma noite. Chegava às sete em ponto e retirava-se às dez. Falava da oficina, dos prejos dos generos, da sua ideia de mandar construir uma casinha. E de vez em quando batia na tecla do casamento.

Ermelinda mudava de assunto. Sentia-se vagamente comovida diante daquele amor que não compreendia, mas não queria casar com João Urso. Achava-o velho, feio e prosaico. Preferia ficar solteira, e esperar pelo homem do seu Destino, de que falara a Rosa. Enquanto esperava, poderia ir-se divertindo com quanto rapaz aparecesse. E não eram poucos os que apareciam.

João Urso retribuira o olhar carinhoso de Ermelinda, e aguardava. Lêra uma promessa nos seus olhos escuros.

— Quando eu ficar viúva, João Urso — disse ela, afinal —, eu caso com você...

Guardou a medalha na bolsa, e saiu cantarolando "O Segredinho de Iaiá".

*

Ermelinda nem quis dânsar. Ficou no quintal, sob um telheiro, ensaiando o seu numero. Afinal, o Hermeto deu por terminado o ensaio.

— Está muito bom — disse. Melhor que isso, só a Alzirinha.

— Sei... — fez Ermelinda, incrédula.

Foram até a sala, e ficaram apreciando a sapequice da Leocádia.

Ermelinda estava impaciente.

— Que horas são, Hermeto?

— E' cedo ainda. Nem nove horas.

— Será que tem bonde pra voltar?

— Não precisa. O Bento traz a gente no carro dele.

Ermelinda pensou que esse Bento

Evite! Trate!

PYORRHEA - GENGIVAS DOENTES
MAU HALITO - ESTOMATITES

ODORANS

ANTISEPTICO ESPECIALLY PARA A BOCA E A GARGANTA

Resultados Surprehendentes!

devia ser um sujeito muito importante. Se conseguisse conquistá-lo, não seria difícil arranjar um contrato... Ficou olhando os pares, cismativa, com a cabeça cheia de minhoquinhas.

Depois dos doces, Hermeto anunciou que sentia muito, mas tinha que ir trabalhar. Ermelinda ardia de impaciência.

— Vocês, querendo, podem ficar aí dansando — disse ele.

Leocádia respondeu que preferia ir para casa. Tinha receio de perder o ultimo capítulo de "A Morta Virgem". Nem falou no numero de Ermelinda.

Todos os outros resolveram acompanhar os dois até o ponto do bonde. E, como fazia uma bela noite, ficariam na confeitaria do Ricardinho, tomando guaraná, para ouvir o programa das onze e quinze.

*

Ao entrar, toda trêmula de emoção, Ermelinda quis saber se estava na hora.

— Tem muito tempo — respondeu Hermeto. Agora eu vou te apresentar ao Bento.

Bateu levemente numa porta, que se abriu sem ruído. Um rapaz gordo, de terno claro, recebeu-os numa saleta em penumbra. Ermelinda distinguia vagamente um divan, um armário com garrafas e cálices, duas poltronas unidas, uma mesinha.

— Eu te trouxe a Princesa, Bento — disse Hermeto, impelindo-a suavemente. E acrescentou: — Este é o celebre Bento, Ermelinda.

O sujeito gordo curvou-se numa profunda mesura.

— Aceite, Princesa, a homenagem do mais humilde de seus vassalos.

E Ermelinda riu, contrafeita. Ia dizer uma irreverência, mas não achou as palavras. Fôra do seu ambiente, sentia-se acanhada.

O célebre Bento procurou pô-la à vontade.

— Vamos sentar um pouco — disse. Temos tempo de sobra. Toma um "drink", Hermeto?

— Não, Bento, obrigado — respondeu o tocador de violão. Está na minha hora. Distráia um pouco a Princesa, que ela é meio acanhada.

— Tentarei — disse Bento, com um sorriso cínico.

Ermelinda sentou-se, e Bento foi buscar uma garrafa e dois cálices.

— Isto vaporiza a timidez — disse.

Depois começou a falar. Sobre a sua posição de destaque no "broadcasting" nacional, sobre musica, sobre artistas. Principalmente sobre ele mesmo. Falou durante muito tempo, quasi sem tomar fôlego. De vez em quando tornava a encher os cálices.

Final, Ermelinda interrompeu-o:

— Será que não está na hora do meu numero?

Bento sacudiu o braço num gesto estudado, e olhou o relógio de pulso.

— E' muito cedo ainda.

Disse, e alongou os dedos roliços, de unhas brunidas:

— Posso?..

Ermelinda abandonou a mão.

— Não tira pedaço.

Sentia-se atordoada. Já tinha ingerido cinco doses daquela bebida, que não era pinga-com-limão nem licór-de-cacau. Bento parára de falar, e olhava-a agora fixamente, como uma cobra deve olhar uma pomba rôla.

A mão gorducha deslizou cariciosamente pelo ante-braço de Ermelinda. O gesto arregaçou a manga do jaquetão, e deixou a descoberto o relógio de pulso. Ermelinda olhou o mostrador fosforescente: meia-noite e trinta.

Apesar da embriaguez, compreendeu tudo. Ergueu-se num pulo, e a bofetada estalou no rosto ansioso: pá!

— Cachorrão!

Abriu a porta da saleta e, cambaleando, atravessou o corredor às escuras. Ao chegar à rua esbarrou com Jeremias.

— Que demora! — exclamou ele. Aconteceu alguma coisa?

— Me leva pra casa — disse Ermelinda, com voz trôpega.

Jeremias percebeu que Ermelinda estava embriagada.

— E' melhor ir a pé.

Foram caminhando a passo lento pela rua deserta. Jeremias tinha-a enlaçado pela cintura, e Ermelinda apoiara a cabeça no ombro dele. Pouco adiante, ela parou.

— Quero dormir — disse.

Do outro lado da rua, pendente de uma porta, havia uma taboleta: "Quartos para alugar".

Jeremias ficou indeciso um momento.

— Quero dormir — insistiu Ermelinda, aninhando a cabeça no peito dele.

Jeremias fê-la atravessar a rua.

Quando acordou deviam ser umas sete horas. Ermelinda, encolhida, no leito revólto, dormia profundamente.

Não poderia deixá-la naquele quarto. O dinheiro que tinha no bolso mal dava para pagar o aluguel de

PRECISANDO DEPURAR O SANGUE

TOME



ELIXIR DE NOGUEIRA

Combate as: Feridas, Espinhas, Manchas, Eczemas, Ulceras e Reumatismos

Dôr de dente?

CÉRA

Dr. Lustosa

Inofensiva aos dentes - Não queima a boca.

uma noite. Depois, precisava apresentar-se no quartel antes das oito horas; do contrario, pegaria cadeia. Começava a sentir o embaraço da situação.

De repente, Ermelinda virou-se no leito e abriu os olhos. Esfregou as palpebras, espreguiçou-se, olhou em torno.

— Meu Deus! — exclamou.

Sentou-se, e mergulhou o rosto nas mãos espalmadas.

— Eu vou levar você pra casa — disse Jeremias, embaraçado.

Ermelinda ergueu a cabeça. Tinha os olhos molhados.

— Não quero ir pra casa — respondeu com tristeza. Se você quiser, pode me deixar aqui. Depois eu saio.

Jeremias não queria deixá-la. Tinha certeza de que Ermelinda faria uma loucura. Depois, já estava ficando apaixonado.

Arriscou, timidamente:

— Você se importava de morar comigo? Eu tenho um quarto no cortiço do Caracachá, lá perto do morro.

Ermelinda não respondeu imediatamente. Saltou do leito, enxugou os olhos, passou os braços em torno do pescoço de Jeremias.

— Você é um amor — disse.

Uma tarde Jeremias perguntou a Ermelinda:

— Quem é esse tal de Urso, que te conhece?

— Quem?... Ah! — fez Ermelinda, João Urso. Era um amigo de pai.

Jeremias deu um giro pelo quarto, cismando. Depois disse:

— E' um bom sujeito.

Ermelinda olhava-o, sem compreender.

— E eu acho que ele tem razão — continuou Jeremias. Esse negócio de viver junto, sem casar, acaba mal.

Deu outro giro, e rematou:

— Amanhã nós vamos encontrar com ele no Registro Civil.

Ermelinda ficou com os olhos cheios d'água. Sabia que João Urso era uma alma grande, mas não tanto assim. Que lhe houvesse perdoado o erro, — admitia. Mas que chegasse a convencer Jeremias de que devia casar-se com ela, — isso sim, era inacreditável. Chegou quase a arrepender-se de ter recusado as

suas propostas de casamento. Disse, comovida:

— João Urso é um amigo!

Tinham decorrido dois meses. Apesar do casamento, provocado pelos conselhos de João Urso, dona Biloca não queria ver a filha.

— Aquela sem-vergonha não me pisa mais nesta casa! — dissera.

A miséria aumentava dia a dia. O soldo de Jeremias mal dava para pagar o aluguel do quarto e a parca alimentação. Ermelinda quasi não saía à rua, por falta de roupa e sapatos. Era um desespero.

Certa noite — chovia a cântaros — Ermelinda sugeriu ao marido que fosse à casa de dona Biloca e expusesse a situação em que se encontravam.

— Póde ser que mamãe tenha dó e convide a gente para morar com ela.

— Mas, com essa chuva? Deixa isso pra amanhã.

— Não! Vai hoje. Eu não aguento mais!

Jeremias enfiou o capote, e ia sair.

— Espera! — disse Ermelinda. Leva isto.

Apanhou a bolsa desbotada, abriu-a, e tirou a medalha que João Urso lhe havia dado. Com um alfinete de mola prendeu-a ao capote do marido, sobre o coração.

— Quem foi que te enganou que cabeça de urso dá sorte? — zombou Jeremias.

Mas, como também era supersticioso, não retirou a medalha.

Depois que o marido saiu, Ermelinda sentou-se na cama, e ficou cismando.

Se sua mãe permitisse, ela iria morar lá com Jeremias. Podiam ficar no quarto da frente, que fôra o seu quarto no tempo de solteira. Jeremias daria um tanto por mês, para as despesas da casa. Ela poderia ajudar na cozinha, e até poderia lavar a roupa. Não se importava de trabalhar, desde que pudesse sair daquela miséria.

Andava muito fraca ultimamente. Os desgostos e a má alimentação tinham-lhe arrasado a saúde. Todas as noites, àquela hora — e fazia pouco que anoitecera —, dominava-a um torpor invencível.

Despertou-a o estrondo de um trovão.

Não tinha relógio, mas calculou que seria muito tarde. Por que Jeremias não voltára?

Enfiou uma velha blusa de lã, cobriu a cabeça com um farrapo, e, de chinelos, saiu para a rua.

Foi até a porta de um botiquim, perguntou que horas eram. Quasi dez.

Não era crível que Jeremias ainda estivesse na casa de sua mãe. Ermelinda, inquieta pôs-se a caminhar apressadamente em direção ao morro.

Duas vezes escorregou e caiu. Da primeira, perdeu os chinelos; da segunda, o pano que lhe cobria a cabeça.

Ao chegar diante da casa, tremia de frio e febre. Apolou-se à cerca, e bateu palmas, timidamente.

Decorridos alguns minutos, abriu-se a porta, e dona Biloca surgiu ao umbral. Com um rápido olhar, Ermelinda distinguiu, no seu canto, o perfil de João Urso.

— Quem é? — perguntou dona Biloca.

— Sou eu, mamãe. Ermelinda.

Houve um curto silêncio. O vulto de João Urso ergueu-se no seu canto.

— E o que é que você quer aqui, sua descarada? — perguntou dona Biloca, impiedosa.

— E' que meu marido disse que vinha aqui falar com a senhora... — começou Ermelinda, com voz de choro. Ele já saiu daí?

— E quem foi que te disse que deixava aquele vagabundo entrar na minha casa?... Aqui não veio ninguém! Ermelinda soluçou alto. O vulto de João Urso atravessou a sala e caminhou até o portão.

— Me conta o que aconteceu, Ermelinda. Ele te abandonou? — inquiriu em tom suave, acariciando-lhe os cabelos.

Ermelinda levou as mãos ao ventre, e caiu desmaiada nos braços de João Urso.

Eram nove horas quando vieram trazer a notícia. Jeremias tinha sido encontrado sobre as pedras, com o crânio espatifado. A' beira do barranco, perto do poste, ainda se viam os sulcos abertos pelo raspão das botinas.

Ermelinda tinha passado muito mal durante a noite, mas melhorara ao amanhecer. A Rita Curiosa, porem,

era de opinião que não deviam comunicar-lhe o ocorrido. Poderia sobrevir qualquer complicação, e ela não se responsabilizava.

Nessa noite, quando João Urso chegou, dona Biloca veio correndo ao seu encontro.

— Sabe, seu João?... Acharam o marido da Ermelinda...

João Urso já sabia. Tinha lido a notícia nos jornais da tarde. Um deles — informou — insinuava que talvez o soldado estivesse bêbado.

— E a Ermelinda? — perguntou, já sabe?

— Não. Ermelinda não fôra avisada. Seria mais prudente dar-lhe a notícia no dia seguinte.

João Urso também achava.

— Eu só peço a Deus que a polícia não venha a aborrecer a gente com perguntas! — suspirou dona Biloca.

João Urso era de opinião que a polícia não viria aborrecer-las. Os jornais não falavam em abertura de inquérito.

Apesar disso, a polícia veio no dia seguinte. Crivou-as de mil e uma perguntas, cada qual mais capciosa e embaraçante.

Ermelinda suportou o golpe rude. Apenas, durante as duas noites que se seguiram ao inquérito, delirou sem cessar. E, durante o delírio, repetia a cada momento:

— Um escorregãozinho só, e o parceiro arrebenta a cabeça nas pedras... nas pedras... nas pedras...

Mas decorreram seis meses. Como as feridas do corpo, as da alma também se fecham com o passar do tempo. Ermelinda tinha vinte anos incompletos.

Uma noite João Urso lembrou-lhe:

— Você disse que quando ficasse viúva casava comigo...

Ermelinda achou graça. João Urso, então, falou-lhe na sua casinha, que ficaria pronta dentro de alguns dias. D. Biloca, radiante, correu de porta em porta, espalhando a notícia.

Ao ser informado, o Hermeto não pôde ocultar o seu despeito. Tinha ainda bem viva na memória a lembrança da decepção sofrida pelo Bento.

— A Ermelinda já desencheu — disse ele numa roda, na confeitaria do Ricardinho. Pbr isso é que vai casar outra vez...

A festa foi na casa de dona Biloca. Hermeto fez um brinde e executou um sólo de Tárrega. A Leocádia sugeriu que se arredassem as cadeiras e a mesa, e se organizasse um baile. Mas João Urso, obedecendo a um velho hábito, retirou-se às dez horas. Reflorou-se, levando pelo braço, toda trêmula de felicidade, a Princesa do seu coração.

Ermelinda acordou muito cedo.

— Conclue na pag. 10 —

GRAVADOR

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÊS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

ARAUJO

PHOTOGRAFIAS
ZINCOGRAPHIAS
TRICROMIAS
DUBLES CLICHÊS
EM COBRE, E
DESENHOS.

CLICHÊS



RIO DE JANEIRO



FRACO
VOCÊ SERÁ UM IMPECILHO!

FORTE

VOCÊ SERÁ INDISPENSÁVEL
quando a Pátria o chamar!



JÁ pensou no que poderá fazer para a defesa da Pátria, se necessário for? Se estiver enfraquecido, sem energia, sem resistência, Você poderá ser o ponto fraco na defesa do solo pátrio! Pense agora em sua saúde! Se Você está abatido, magro, sem apetite e com a memória fraca, esteja alerta: êsses podem ser os sintomas da desnutrição do sangue! Alimente o seu sangue e corrija êsses males com o Vinho Reconstituente Silva Araujo — o poderoso tônico sempre receitado pelos nossos mais eminentes médicos aos anêmicos e esgotados. Feito à base de extrato de carne, quina, calcio, e fósforo, o Vinho Reconstituente Silva Araujo revigora o cérebro e os músculos, levanta as forças, abre o apetite e tonifica o organismo todo. Experimente-o e verá os resultados aparecerem imediatamente. Além de eficaz, o Vinho Reconstituente Silva Araujo é também econômico: a sua dose — um calice às refeições — fica em apenas 40 centavos.

É SEU DEVER SER FORTE E TER SAÚDE



Fortaleça-se seguindo este conselho:

Todos os dias, durante um mês, tome ao almoço e ao jantar um calice do

Vinho Reconstituente SILVA ARAUJO

para nutrir o sangue, abrir o apetite, revigorar o cérebro e os músculos. Se depois de um mês não sentir melhoras decisivas, não hesite um instante: Procure, sem demora, o seu médico, pois certamente o seu mal é outro e requer os cuidados de um clínico.



CUIDADO
com as imitações! Peça-o sempre pelo nome.

VINHO RECONSTITUINTE SILVA ARAUJO

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

COM BRASILEIROS FORTES O BRASIL SERÁ MAIS FORTE AINDA!

OS LÁBIOS DE ISaurinha

MEU DEUS! Fui eu que pedi e não devia ter pedido!

Mas a gente faz tanta coisa sem pensar! (Não. Não acho que meus pais fizeram mal em se casar e nem de me terem posto no mundo. Absolutamente não penso assim. Esse casamento era muito necessário. Sem ele eu não teria conhecido Isaurinha).

Isaurinha, oh! Isaurinha! Uma terrura diabólica me invade os olhos quando me lembro de Isaurinha (e isso se repete a todo momento). Os lábios dela — que lábios, santo Deus! — forçavam-me a procurar na memória os melhores adjetivos do professor Amadeu “Caveirinha” e a acreditar nas maiores e mais deliciosas mentiras do mundo. (Um dia — estávamos ainda no grupo escolar — ela me contou que o seu tetravô tinha sido um macaco e que, com certeza, também o meu. Fiquei muito indignado, mas acreditei. Como prêmio de minha credulidade ganhei um longo beijo, o que me fez, por instantes, esquecer a nossa triste ascendência).

Tudo estava muito bem, mesmo os enganos constantes pelos quais a imaginação de Isaurinha me fazia passar e as suas amiguinhas traições com o maricas do Enock. (Um bobalhão que necessitava do auxílio da mãe até para lhe dar o nó na gravata). Sim, tudo. Menos aquele pedido. Ainda hoje não consigo saber porque o fiz. Nem a desculpa de ter ingerido alguns chopês a mais, nada disso.

Agora, quando muitos anos já se passaram, e só me resta o arrependimento, tento reconstituir os fatos, e fico na mesma. Apenas uma coisa se me afigura bem clara: não devia ter pedido.

Recordo-me que foi numa tarde e eu estava um tanto zangado com Isaurinha. Soubera que, na véspera, ela fôra ao cinema com Enock, aproveitando a minha ida à casa de uns colegas, onde estudávamos, febrilmente, as matérias do vestibular de Direito.

A briga não foi longa. Disse-lhe uma porção de desaforos, Isaurinha me respondeu outro tanto e acabei por aceitar a mentira que ela me apresentou à guisa de desculpa. Não recebi o beijo do costume, que era o termo de todos os nossos arrufos. Era de dia e algum vizinho poderia ver.

Antes o tivesse ganho! Os meus lábios teriam permanecido fechados e eu não formularia o maldito pedido. (Não. Não lhe fiz qualquer proposta indecorosa, nem a pedi em casamento. Gostávamos muito um do outro

e nos contentávamos com o nosso amor, sem perdermos tempo fazendo planos para o futuro. Pensávamos — ou nunca pensávamos — que tudo caminharía naturalmente para um fim, independente do nosso arbítrio).

Lembro-me também de que ela fechou muito a cara antes de me lançar aquela torrente de insultos. Em nenhuma outra ocasião a vi tão incisiva e tão dura. Teve para mim expressões as quais nunca pensei que uma pequena soubesse. (Hoje sei que elas conhecem algumas bem peores).

Engraçado: não reagi, nem ao menos senti vontade de replicar. Contentei-me em rir às bandeiras despregadas. E não era para menos. Aqueles lábios, que eu sempre admirei (vermelhos e bem feitos), tornaram-se de repente grotescos e ridículos. Tinham contrações rápidas, estavam salpicados de saliva. E para tornar mais risível o seu aspecto, descia de um dos cantos um fio tênue de baba, que me fazia recordar um passelo de barca que eu empreendera com alguns companheiros, no Rio das Velhas. Não nos afastáramos muito (margem, quando o barco virou e tivemos que nos lançar à água. Todos sabiam nadar, menos o maricas do Enock, que deu um trabalhão medonho para ser salvo. Quando o tiramos para fora, meio desmalaço, escorria de seus lábios o mesmo fiozinho de baba).

Essa lembrança fez com que eu me dobrasse em novas gargalhadas. E, completando o grotesco da cena, me veio ao cérebro o pensamento mais absurdo do mundo: quem sabe aqueles dois fiozinhos não seriam um ponto de união entre os seus destinos? (Vejam só: o idiota do Enock casado com Isaurinha! Tinha graça.)

E tinha mesmo.

Segurando um pouco o riso e não me contendo por mais tempo, exclamei:

— Imagine você casada com o Enock! Que parzinho notável! Digno de uma exposição de animais...

— De animais, não é? De animais, não é, seu borra-botas! Pois fique sabendo que me casarei com ele, viu seu... seu... seu coisa!

*

Como são teimosas as mulheres! No dia seguinte, já o meu lugar junto de Isaurinha estava ocupado pelo quase afogado do Rio das Velhas. (Por que não o deixei afogar-se?)

A princípio calculava que o capricho de Isaurinha passasse logo, e até me divertia ao ver os dois conversando, à noite, encostados no portão da casa dela, localizada bem em frente à minha. Às vezes, por alguns segun-

dos, ficava nervoso, à idéia de que eles podiam estar se beijando. Mas logo me voltava o bom humor: que mal poderiam fazer aqueles ábios — maravilhosos lábios! — os beijos do inofensivo Enock?

Com o decorrer das semanas, porém, fui ficando apreensivo, e tratei de arranjar um jeito de me aproximar novamente de Isaurinha. E, sob os mais ridículos pretextos, procurava-a constantemente. Isaurinha, por seu lado, não me recebia mal e mantinha palestras compridas comigo, permanecendo numa atitude de indiferença condescendente, capaz de exasperar a qualquer um.

Outras vezes, deixava de conversar com Enock, para aceitar um convite de irmos juntos ao cinema. Então eu me punha mais animado e lhe fazia propostas de paz, que ela repetia sem mostrar nenhum desagrado, deixando-me entrever uma esperança longínqua de voltarmos ao nosso antigo namoro.

As coisas estavam nesse pé, há dois meses, quando um dia fui procurado por Enock. Após um longo rodeio, temendo maguar-me (tenho certeza de que ele acreditava na flagrante diferença que existia entre os meus rijos braços e os seus descarnados membros), pediu-me, humildemente:

— Olhe, Zé, por favor... Não fique zangado não... Nós somos amigos... Mas você compreende, não compreende? Eu sou namorado de Isaurinha, você sabe? Sei que você é mais simpático... Ela gosta de passear... E eu... e eu... Pode parecer ridículo, mas não é não. É muito sincero. Eu me casarei com ela...

Penalizado com o seu tom humilde, e mais para mostrar a minha superioridade, atalhei o discurso:

— Está bem, rapaz. Você deseja que eu não ande tanto com sua namorada, não é assim? Pois fique tranquilo. Eu já tinha pensado nisso mesmo. Você não ignora que tenho muitas admiradoras. Todo o mundo sabe. Não que eu ligue muito para elas, mulher comigo, é na batata. Mas, que diabo! Não tenho o direito de desgostá-las. Vá sossegado. Não sairei mais com a sua doce pombinha.

Ele se foi arrebatando de alegria, enquanto eu ficava a engendrar um plano seguro de lhe roubar a pequena. E acabei por acreditar que outra namorada é que resolvia. Mas não resolveu não. Isabelinha, uma pequena simpática e de voz fina, não despertou clames em Isaurinha. Nem Eudóxia — que dentes felos eram os dela! — nem Lourdes, nem Inácia, nem ninguém.

CONTO DE MURILO RUBIÃO

Desanimado, já com as esperanças bem minguadas, dei para beber, fazer farras tremendas. Esperava que ela se comovesse com os meus gestos. E se comoveu? Nem sequer comentou. Não se dignou (mesmo o seu desprezo eu desejava) a ter uma expressão de piedade por mim.

Um ano mais tarde, durante um baile, onde, sob os olhares inquietos e suplices de Enock, dansamos várias vezes seguidas, abri meu coração a Isaurinha. Contei-lhe todos os meus sofrimentos, impostos pela nossa separação. Disse-lhe (que entonação comovida eu dava à minha voz!) que a amava desesperadamente, que não podia viver sem ela. Disse tudo o que um homem apaixonado sabe dizer nessas ocasiões.

Em vão. Ela se limitou a dizer, quando terminei:

— Outra mulher poderia aceitar como verdadeiro o que você acaba de dizer. Eu prefiro crer somente no meu Enock, com quem me casarei um dia.

Por mais que lhe afirmasse serem sinceras as minhas palavras, que o seu namoro com Enock não podia deixar de ser mero produto de um despeito, não fui bem sucedido no meu intento.

Ela respondia com sorrisos incrédulos aos meus argumentos, até que a verdade me saltou aos olhos: Isaurinha estava mais do que certa da minha sinceridade, apenas não lhe interessava acreditar-me.

Depois dêsse baile, renunciei para sempre a qualquer tentativa de aproximar-me de Isaurinha, sem que, no entanto, a esquecesse.

Quando, anos após, eles ficaram noivos, fiz o impossível para me convencer de que aquilo ainda era um capricho da minha antiga namorada. Contudo, tive que viajar, procurando distrair-me um pouco daquela obcecante paixão que me ia tornando excessivamente neurastênico.

Viajei. Utilizei-me dos mais diversos veículos, desde o cavalo, a carroça, o automóvel, o trem de ferro, o navio, até o avião. Amei mulheres de raças exquísitas, de lábios de todos os feitios imagináveis. Porém, os lábios de Isaurinha permaneciam diante dos meus olhos, fixos, fazendo com que, como um louco, eu beijassem desesperado o ar.

E somente eles. A figura dela já se apagara totalmente para mim.

Eram uns lábios bem feitos (para que descrevê-los mais?). Bem feitos e mentirosos. Mas que importância havia serem eles mentirosos? Os lábios feios, secos, é que precisam dizer somente verdades. Além disso

nunca me importaram as mentiras. Também já menti demasiadamente e, entretanto, nunca achei que devesse molestar-me por esse motivo.

Quando, dez anos depois do início de minhas viagens, regressiei, encontrei-os casados. Enock não mudara em nada e era o mesmo bobalhão de sempre. Só Isaurinha sofrera transformações no seu físico. Perdera os dentes, em consequência de uma desapiadada piorreia. Trazia o rosto marcado pela varíola e o corpo estagado pelos filhos que brotavam anualmente de seu ventre.

Todavia, os lábios eram os mesmos. Belos e mentirosos. O marido nem notava esse pormenor, preocupado com conquistas fáceis e amargurado com uma felura que ele pretendia ver na esposa.

A minha chegada causou bastante reboliço na vizinhança, sempre desejosa de novidades. Recebi visitas de todos os moradores da rua, que ainda eram do meu tempo, inclusive do Enock, muito interessado em saber

algo sobre os costumes dos europeus.

De Isaurinha, nem sombra. Passava-se depressa pelo alpendre da casa, (onde tantas vezes nos beijamos) atarefada com os filhos, sem olhar para mim que, da janela do meu quarto, ansioso, esperava que ela me visse. (Infelizmente, a minha vida continuava a girar em torno de seus lábios).

Agoniado por aquela brutal indiferença, que eu sabia ser simulada, enviei-lhe vários bilhetes (pela minha cozinheira), propondo-lhe que fugissemos para um país distante. Prometi-lhe a felicidade e o universo, sem que obtivesse uma única resposta. Isaurinha mantinha-se fiel ao que me dissera vinte anos antes.

Não esperei que ela respondesse ao último bilhete. Numa madrugada, sem me despedir de ninguém e sem saber para onde ia, resolvi embarcar no primeiro trem que saísse da cidade.

Enquanto aguardava o automóvel



que me levaria à Estação, fiquei a contemplar as flores do meu jardim. Lambrei-me, vendo uma palmeira que não dava mostras de envelhecimento, de a ter plantado. A meu lado, Isaurinha também a vir a nascer. Participara do meu enlevo, dos cuidados e do carinho com que eu assistia ao seu crescimento.

Caía uma garça fina e a casa de Isaurinha, cheia de trepadeiras, as paredes de um tom vermelho desmaiado, com um alpendre comprido, de grades de ferro, aparecia na minha frente, envolto pelas brumas, como um bloco massivo, a tolher os meus pensamentos.

* * *

O TALISMÃ

Através da vidraça, um raio quente de sol iluminava o leito.

Estendido a seu lado, resupino, com os braços ao longo do corpo, João Urso ressonava. Tinha a camisa aberta, e o seu peito felpudo, de músculos vigorosos, arfava ansiosamente.

Ermelinda sentou-se no leito, vagueou o olhar pelo quarto, aspirou o cheiro da tinta fresca. Estava na sua casa, novinha em folha, que João Urso mandara construir para ela. Cariloso, o seu olhar pousou no peito arfante do marido.

Pousou, e fixou-se num pequeno objeto de metal, meio oculto entre os pelos espessos, preso a um barbante enegrecido de suor.

Era uma medalha de prata, de for-

Senti-me, repentinamente, transportado para uma noite fria e brumosa de muitos anos atrás. Voltávamos do cinema, coladinhos um no outro, esquentando-nos mutuamente com o calor de nossos corpos.

Isaurinha chupava um "pirolito". De vez em quando, ela levava o doce aos meus lábios, voltando-o, em seguida, aos seus. Aquele ir e vir da bala, deu-me a sensação de que, durante toda a nossa existência, caminharíamos ao lado um do outro, repartindo-nos nos mesmos desejos e pensamentos.

Ao lhe transmitir o que estava pensando, Isaurinha, num transborda-

(CONCLUSÃO)

ma triangular, tenço gravada, em alto relêvo, uma cabeça de urso riscada de ranhuras.

Como hipnotizada, Ermelinda ficou olhando a medalha, fixamente. No seu cérebro atordoado ia-se formando um pensamento monstruoso.

— Não! — exclamou, sem desfitar a medalha.

João Urso acordou.

Imovel no leito, dirigiu o olhar aos olhos de Ermelinda. Instintivamente, num gesto rápido, levou a mão ao peito.

Ermelinda ergueu o olhar, e recusou, horrorizada.

Acabava de lêr nos olhos de João Urso a confirmação da tremenda verdade...

* * *

O SOL E AS CRIANÇAS

SOL é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da criança. Os banhos de sol são recomendáveis pelo seu efeito surpreendente.

Para isso, a criança deve estar inteiramente nua; deve-se também dar preferência ao sol da manhã, isto é, até ao meio dia. Os banhos de sol não podem ser feitos à vontade, mas sim em dias marcados, e o tempo não pode passar de 5, 10 ou 15 minutos. É preciso ainda saber se a pele da criança resiste bem aos raios solares, pois não é recomendável que se sujeitem a queimaduras.

mento de ternura, beijou-me nos olhos. Foi o suficiente para que, sentindo-os melados de açúcar, eu me zangasse demoradamente com ela.

Depsos disso, ficamos uma semana sem conversar, sem contemplarmos juntos a palmeira que continuava a crescer, indiferente aos nossos amúos e às nossas pequenas alegrias.

A buzina do automóvel arrancou-me dos meus devaneios. Por anos afora eu iria ouvir aquele mesmo barulho, em manhãs nevoentas como aquela, manhãs douradas, chelas de sol, empoeiradas ou sem cor.

Iria ouvir sons de sirenes, apitos de locomotivas, todos os ruídos que são festivas despedidas para muitos, tristeza para outros, indiferença para os que, como eu, não sabem o que procuram ou apenas estejam fugindo a um fantasma.

Recomecei as minhas viagens. Percorri caminhos e estradas cujas paisagens não me comoviam mais. Travei novos conhecimentos com pessoas que não me contavam nada de novo, nem deixavam transparecer nenhuma tragédia íntima: desses conhecimentos de alguns dias e mesmo de horas, que fazem os que viajam por profissão, prazer, tédio, ou, como no meu caso, para escapar a uns lábios vermelhos e bem feitos.

Muitas vezes, no tombadilho de um navio, ou num bar de uma cidade qualquer, assustou um eventual companheiro, que conheci minutos antes, com a minha pergunta de sempre: Porque fiz aquele pedido?

Quase sempre olham-me com espanto e ficam esperando que eu me explique. No entanto, permaneço em silêncio, olhando, muito atentamente, qualquer cousa no ar, que bem pode ser a miragem de uns lábios mentirosos, ou pode não ser nada, como esse nada que eu procuro inutilmente encher, nas minhas correrias pelo mundo.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS PROMOVIDO POR "ALTEROSA"

* * *

Cr \$ 100,00 AO MELHOR CONTO DO MÊS

BASES:

- 1.º) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n. 2, com o máximo de 6 laudas de formato carta.
- 2.º) Motivado brasileiro.

ALEM DO PREMIO EM DINHEIRO, AO MELHOR CONTO DO MÊS, SERÃO CONCEDIDAS MENÇÕES HONROSAS AOS TRABALHOS CONSIDERADOS DIGNOS DE PUBLICAÇÃO.

NÃO SERÁ DEVOLVIDO NENHUM ORIGINAL RECEBIDO PARA O CONCURSO, AINDA QUE NÃO APROVEITADO.

CORRESPONDENCIA PARA O CONCURSO DEVE SER ENVIADA A' CX. POSTAL, 279, EM BELO HORIZONTE

POR QUE a "SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES"

oferece a maior proteção às pessoas e seus bens

EM TODO O BRASIL ?



Porque em toda a vastidão do Territorio Nacional estão espalhadas as Sucursais e Agencias sempre prontas a satisfazer todas as necessidades de proteção e cobrir todos os riscos de

**INCENDIOS — ACIDENTES DO TRABALHO — ACIDENTES PESSOAIS
AUTOMOVEIS—RESPONSABILIDADE CIVIL—FIDELIDADE—TRANSPORTES**

A Companhia de Seguros que maior soma de reposição de valores tem espalhado em todo o Brasil

Cr\$ 190.884.833,00 de indenizações até 1943

SUC. MINAS GERAIS: Rua São Paulo - Esquina Av. Amazonas - Edificio "Lutetia" —
(entrada pela Galeria) - Caixa Postal 124 - Belo Horizonte. SUC. EM ITAJUBA': Rua
Francisco Pereira 311 - 1.º andar — AGENCIAS: Juiz de Fôra: Rua Halfeld, 704
Sala 107 - UBERLANDIA — Praça Benedito Valadares, 20

ORGANIZAÇÃO DE INSPETORIAS EM TODO O ESTADO

UM CAPÍTULO DE "POR MUNDOS IGNOTOS", DO GRANDE ESCRITOR CRISTÃO HUBERTO ROHDEN

COLÓQUIO

HUBERTO ROHDEN, o consagrado escritor, oferece-nos, hoje, um capítulo inédito do seu próximo livro "POR MUNDOS IGNOTOS" — obra originalíssima a que se pode denominar um romance em que as personagens são — como se verificará na leitura deste capítulo — os seres animais, vegetais e minerais...

ALTEROSA terá o prazer de apresentar vários capítulos desse livro em separado, por especial deferência do insigne escritor.

* * *

ERA intenso o inverno daquele ano. Naquela altitude de quasi 1.000 metros amanhecera a campina toda branca de geada. A noite próxima prometia ser ainda mais fria, porque o céu brilhava numa transparência nunca vista, as estrelas eram limpidíssimas e a via-lactea fosforescia com grande nitidez.

Eu conhecia esses prenúncios...

Sentei-me ao pé da tépida estufa feita de cerâmica e deitei uma paçada de carvão sobre a brasa. Reclinado na fofa cadeira de braços, tinha sobre os joelhos um caderno escolar em que alinhava os capítulos deste livro.

Nessa noite, porém, quasi nada escrevi. Estava tão cansado que logo adormeci, enquanto o fogo crepitava alegremente na estufa.

No meio do carvão mudo que eu lançara ao fogo, havia um pedaço maior e mais duro. Quando o ardor se apoderou dele e lhe penetrou no interior despertou a alma dormente do carvão de pedra. Ergueu-se em forma de linguinha rubra e pôs-se a lambem sofregamente em redor de si, como se estivesse com muita fome.

E com muita fome estava ela, a alma ígnea do escuro carvão...

— Onde estou? — perguntou à meia-voz a alma flamejante, olhando em derredor.

— Não sei. — segredou a outra linguinha de fogo que ao lado da primeira se erguera. — Está tudo tão mudado...

— Quando adormecemos — proseguia a primeira — estávamos rodeados de imensas florestas, árvores que atingiam quase as nuvens do céu, e agora não vejo árvore alguma...

— E aquele animal sentado aí, de corpo vertical, que será?...

— Não é como os do nosso tempo, que tinha corpo horizontal e cabeça para o lado. Este tem a cabeça para cima...

— Parece que foi ele que nos despertou do longo sono. Voltamos a ser luz como éramos antes que os raios solares nos encarcerassem nos teclados celulares da madeira.

— Se foi esse ser vertical que nos despertou do sono deve ser mais inteligente que todos os seres vivos horizontais do nosso tempo. Será que ele sabe falar?

— Parece que não. Quando eu acordei, estava ele se entretendo em lançar uns rabiscos pretos sobre umas lâminas brancas, sem dizer nada. Depois parou, fechou os olhos e ficou assim como está agora, meio morto.

— Vou espiar o que esse estranho animal rabiscou nas lâminas brancas que tem sobre os joelhos...

A linguinha ígnea nascida do grande pedaço de carvão ergueu o corpo oscilante e flexível a mais de meio metro de altura, de maneira que a cabecinha em forma de flexa ficava acima dos joelhos do dormente e iluminou com a sua alma lúcida as poucas linhas negras que eu lançara sobre o papel antes de adormecer. E disse à companheira:

— Se esse animal tem inteligência, não deve ser grande coisa. Os desenhos que ele fez na lâmina branca não têm beleza alguma. Você se lembra, Lúcia, dos desenhos artísticos dos nossos corpos, quando éramos madeira?

— Ah! que maravilha, esses desenhos, Ignis! Tenho saudade daqueles tempos... Os meus, em parte, ainda persistem no meu corpo de hoje, petrificado em escuro carvão. Naquele tempo, o meu corpo era cor de ouro e neve com uns traços longitudinais de sépia. Através das minhas artérias circulavam as seivas da árvore. Veio então aquele cataclismo que nos soffrerou centenas de metros. Morri sufocada debaixo duma montanha enorme. Morreu-me a alma vegetal que viera da terra, mas continuou a viver em mim esta alma ígnea que recebi do sol.

— E esta não morre nunca, parece. — Será que agora a nossa alma ígnea não está morrendo? Vejo o meu corpo negro reduzir-se a cinzas...

— Não, Lúcia, a nossa alma de fogo não pode morrer. Agora, depois de dormir muito tempo no seio da

madeira e do carvão, ela despertou, e alma desperta e vigil não pode ficar presa dentro desse cárcere material. Tem de ser assim mesmo como é.

— Mas, depois de sair daqui, Ignis, para onde vai ela?

— Volta para os espaços celestes donde veio. E, algum dia, quando o sol quiser, tornará a entrar dentro da matéria, para dormir mais um grande sono. A nossa vida é assim, Lúcia, uma eterna circulação, dentro e fora da matéria. Dentro da matéria dormimos esse sono inconciente das energias potenciais, e fora da matéria vivemos essa vida conciente das energias vivas e atualizadas.

— A nossa vida é bela, não achas, Ignis?

— Bela, bellissima! O fogo é o que há de mais belo em todo o universo. Possui todas as propriedades que um ser perfeito deve possuir. É luminoso. É ardente. É puro. É forte. É leve. É ágil. É imortal. É eterno. Por isto, o sol é fogo, porque é a fonte de todas as perfeições da Natureza. Sabes que beleza o sol dá às plantas e aos animais? Todas as cores. A plenitude da vida...

Enquanto Ignis se exaltava cantando com entusiasmo a apoteose do misterioso elemento, contemplava Lúcia, pensativa, o semblante do animal dormente sentado na cadeira, com umas delgadas lâminas brancas sobre os joelhos. De vez em quando, as feições do dormente se contraíam ligeiramente, como que num sorriso quasi imperceptível.

— Esse animal não dorme — disse a chama.

— Dorme, sim — respondeu a outra. — Mas, parece que a alma dele está viva dentro desse corpo. É como nós; dorme, mas vive.

— Vou ver de que são feitas aquelas lâminas brancas que ele tem sobre os joelhos. — Não me parece estranha a substância.

Antes que Ignis pudesse desaconselhar a companheira de realizar o seu intento esta já se inclinara sobre as tênues lâminas e começou a acariciá-las de leve com a pontinha da língua.

— São de madeira lisa, lisa, lisa! da nossa madeira! — exclamou.

Não terminara a frase, quando as folhas de papel estavam em chamas.

Acordei, estremunhado. Lancei de mim o caderno e apaguei o fogo que começava a devorar o que eu escrevera.

As duas chamas da estufa recuaram por momentos, agachando-se ao pé da parede de cerâmica.

NOTURNO COM IGNIS E LÚCIA

longe do fogo. Relembrei o que sonhara, e continuei a sonhar de olhos abertos. Minha alma, porém, continuava sintonizada pela onda rubra daqueles seres igneos; pois só assim podia eu compreender-lhes a misteriosa linguagem. Quando Lúcia percebeu o estrago que causara, ergueu a cabecinha, tímida, e murmurou:

— Desculpe, ilustre animal, o susto que lhe dei e o prejuízo que lhe causei... Não foi por mal... eu... eu...

— Está desculpada, flâmula amiga.

— Obrigada. Meu nome é Lúcia... — O meu é Ignis — acrescentou a outra.

— Eu sou homem, e não animal.
— Homem? que isto? — perguntou a maior das chamas.

— Homem? que é isto? — perguntou a menor.

— No nosso tempo não havia sobre a terra esse animal — desculpe! — esse... esse ser vertical chamado homem...

— E de cabeça para cima, como nós — disse Lúcia, com certo orgulho.

— E' verdade, vocês, isto é, vossos corpos nasceram uns 300.000.000 de anos antes do aparecimento do homem à face deste planeta.

— 300.000.000 de anos?! — disse Ignis, cheia de pavor.

— 300.000.000 de anos?! — repetiu Lúcia, arregalando os olhos de fogo.

— E dormimos todo esse tempo?

— Sim, minhas amigas igneas, uns 300.000.000 de anos que quase

toda a terra estava coberta de flores-tas imensas. A atmosfera era tépida e úmida, e disto gostam as plantas.

— E' mesmo — concordou Ignis.

— E' mesmo — concordou Lúcia.

— Até nos atuais polos terrestres não reinava esse frio intenso de hoje. Chovia muito, porque o ar andava todo saturado de vapores d'água. Desenvolveram-se então fantásticamente as árvores, formando gigantescas selvas, de polo a polo. Mais tarde, em virtude de violentos abalos da crosta terrestre ainda não suficientemente solidificada, foram soterradas enormes florestas e, cobertas de montanhas, se petrificaram aos poucos, no fundo da terra, dando em resultado o chamado carvão de pedra. Nessas camadas carboníferas, ainda hoje se encontram troncos e galhos de árvores com a sua forma primitiva, mas reduzidos a pedra inerte, pedra feita de madeira.

— Espantoso! — exclamou Ignis.

— Como é que você, homem sublime, sabe de tudo isto, se a sua raça, como diz, nasceu 300.000.000 anos depois desses acontecimentos?

— Nós, os homens, possuímos inteligência, espírito, razão, que tem a faculdade de descobrir tudo isto.

— E nós, minha companheira e eu, olhando os rabiscos que você lançara nessas lâminas brancas, achávamos que era um ser de pouca inteligência, porque os rabiscos eram feios...

— Os rabiscos, isto é, as letras, servem apenas para fixar o nosso pensamento, mas elas não são o pen-

samento. Se fôssemos ainda mais inteligentes do que somos, não haveríamos mistér servir-nos desses rabiscos; poderíamos ter na cabeça grande cópia de pensamentos ao mesmo tempo, sem necessidade de os fixar no papel. Há seres muito mais perfeitos e inteligentes do que nós; e esses seres não se servem de papel nem de adjutório material algum para fixar os seus pensamentos. O mais inteligente de todos os seres inteligentes é Deus, Senhor nosso e Autor de todas as coisas...

Ao ouvirem a palavra *Deus*, as duas chamas de fogo se abateram repentinamente, rojando sobre o fundo da estufa, em sinal de reverência. Depois, reerguendo-se, conservaram-se por alguns minutos em atitude erecta, hirta, imóvel, como duas espadas rubras, prestando o destarte culto de tática adoração ao Soberano do Universo.

— Deus! — murmurou Ignis, num ímpeto de amor.

— Deus! — disse Lúcia, com solenidade.

— Deus! — repeti eu, erguendo os olhos ao céu.

Houve minutos de grande silêncio, interrompido apenas pelo discreto crepitar das brasas no fundo da estufa.

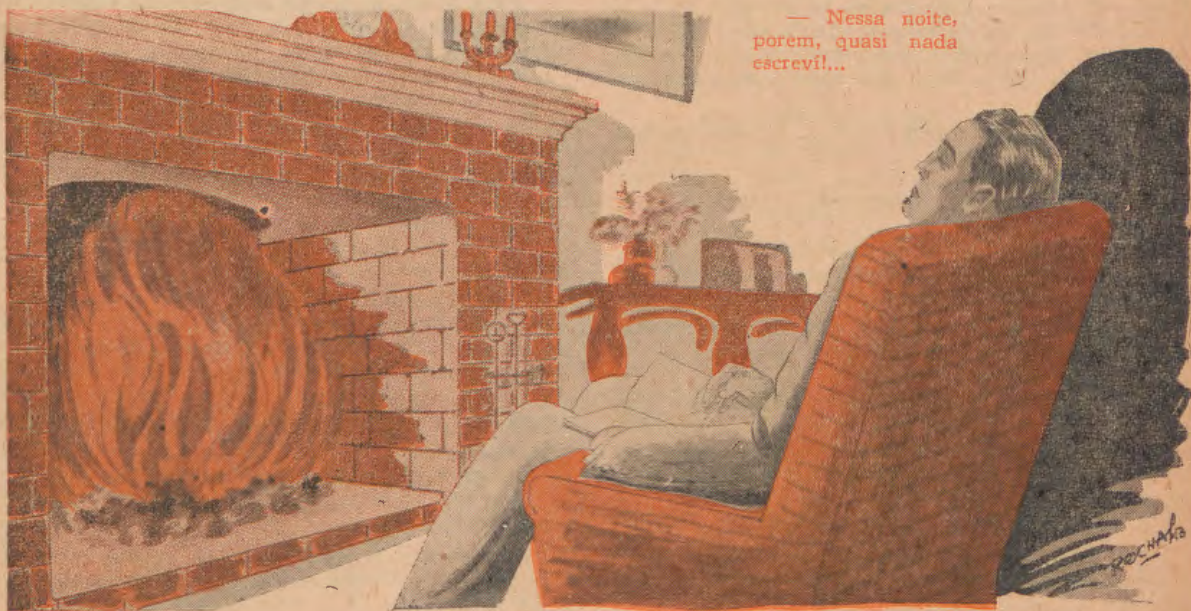
Depois, aproximando-se de mim, perguntou Lúcia em tom confidencial:

— Então, nós dormimos todo esse tempo — 300.000.000 de anos?

— Mais ou menos. Dormiram muito. Sua alma solar ficou como que

(Continúa no fim da revista)

— Nessa noite, porém, quase nada escreví...



ABRUMA envolvia àquela hora morta da noite o casario adormecido. O vento gelado fustigava, zunindo, a garôa que descia do céu turvo em rodopios.

Rubem Azevedo desceu às pressas a ladeira escorregadia e, embuçado, tiritante, bateu com os nós dos dedos na porta de sua residência que ainda estava iluminada.

Seus maxilares estremeciam à friagem anavalhante da noite, sentia as pernas bambas. O trajeto, da redação do jornal à casa, era longo e ele crivado de dores atrozes vencera-o não sabia como.

Olhou a rua: sobre a placa negra do asfalto lavado pela chuva, as lâmpadas dos postes equidistantes, envoltas no halo hibernal, deitavam num polimento feérico os seus longos reflexos embaciados, e dos prédios, exteriormente adormecidos, vinha o brilho indiscreto das lâmpadas veladas...

Dos confins da rua deserta, raramente acordada pelo ruído de automóveis fugidios, chegava-lhe o trilo persistente do guarda-noturno.

Quando a porta se abriu, deitando na escada um jato de luz, entrou.

Despojou-se da capa encharcada e do chapéu de feltro amolecido e arrancou, num ímpeto, os calçados lamacentos e as meias gotejantes. E estendeu-se, exausto, com um *ictus* de dor na fisionomia pálida, numa "chaise-longue".

Balbuciou, numa súplica:

— Não chores, querida...

Encostada na porta que fechara, uma mulher jovem, num pijama azul-escuro, que lhe realçava ainda mais a veludosa brancura da epiderme, e com as mãos espalmadas no rosto, não continha os soluços dolorosos. Seu corpo, que se deixava adivinhar em toda a radiosa plenitude das formas através da tenuidade do tecido, estremecia, e dos seus olhos, cujas pálpebras se fechavam com aflição, desciam as lágrimas.

Ergueu-se da "chaise-longue", num esforço sobrehumano, e enlaçou-a num carinhoso abraço, beijando-lhe a boca dolorosa e as espáduas brancas.

— Não chores, meu amor... Estou apenas cansado... Não penses, por Deus, em recaídas...

Carmen olhou-o bem nos olhos, circundados pelas olheiras roxas, e suplicou, sufocando um soluço:

— Eu sinto que estás mentindo! Eu o sinto, Rubem. Não voltarás a trabalhar no jornal, não voltarás! Senta-te, senta-te e espera.

Enxugou as lágrimas e correu, pressurosa, à sala, voltando, momentos depois, com a bacia cheia d'água quase fervente.

E, enquanto a esposa lhe escaldava os pés gelados, ele olhava-lhe a fulva cabeleira e a rósea carnção dos ombros desnudos. Como era linda! Sentia, à fascinação daquela beleza ardente, cruciante pressentimento.

— E a tua irmã, a Mara, veio?

— Não, mandou-me dizer que mamãe adoeceu ontem à tarde... Logo hoje, que ela entra na casa dos quinze...

— Quem, a dona Laura?

Carmen ergueu o rosto risonho:

— Ora, querido, que graça! Deixa ela saber... Mas, estás chorando, Rubem?

— Eu? Não...

Ela tomou-lhe a cabeça entre os braços e beijou-lhe a boca fria, apertando-lhe o corpo magro contra o seu corpo quente.

— E se eu morrer?

— Que idéia, Rubem! Casamo-nos ainda ontem...

Já calçado, ergueu-se da "chaise-longue" e, num ímpeto amoroso, tomou-a nos braços doloridos e deitou-a no leito macio. O seu olhar deslumbrado acariciou-lhe o corpo, desde os pés alvos que, friorentos, procuravam os cobertores, até os seus olhos de veludo que, marejados, o fiavam melancólicos...

— Ainda vais chorar mais, Carmen?

Ela ergueu-se e pôs seus lábios nos dele:

— Não, meu amor, mas só se não falares mais o que falaste... É's minha vida. Sabes quanto sofri por ti: a luta que sustentei com meus pais e com os teus, que sempre me julgaram uma moça namoradeira e fútil...

— Mas, não o eras, eu sabia. Agora, és minha e não te perderei jamais... Agora, se eu morrer...

— Rubem!

Dormiram mais aconchegados ainda: ela, palpitante, amorosa, dando-lhe o calor da sua mocidade em flor; ele, apaixonado, mas com a idéia longe, sentindo estranho esmorecimento em todo o corpo.

Na tépida penumbra do aposento, o médico teve um falso sorriso otimista, enquanto se dirigia para a porta:

— Vai bem, minha senhora... Repouso... repouso absoluto...

Falara alto para que o doente o ouvisse.

No jardim, enrugou a testa, cofiou o bigode grisalho e murmurou, desolado:

— Tenha resignação. Se não quiser perdê-lo já, leve-o para clima melhor. Talvez a mudança lhe faça bem... mas não o curará. Só um milagre!

Carmen, sufocada, lívida, as lágrimas em borbotões, amparou-se nas grades de ferro do portão. E perguntou, num soluço reprimido:

— Só um milagre? Sim, sim, Deus que tudo faz, há de curá-lo!

O velho médico alçou os olhos ao céu:

— Só um milagre!

O sol rutilo inundava de luz o jardim e da rua movimentada chegava a gritaria da creança alvoroçada.

A frase angustiada ainda perdurava na mesma intonação:

— Só um milagre!

Entrou devagarinho no quarto do doente querido.

Escancoarou a janela para que o sol entrasse e, com um leve sorriso de ternura, foi sentar-se à beira da cama para acariciar o marido:

— Queridinho, o doutor me disse que dentro de dois meses podes trabalhar. Mas não será no jornal, porque eu não quero, ouviste? Disse-me que para adeantar a convalescença, fôssemos para clima melhor... Já pensei na fazenda da mãe...

— A fazenda não é de Mara?

— Sim, mas sendo de Mara é de mãe...

Mamãe morrendo, sim... Mas, concordas?

— Iremos sozinhos, querida?

— Não, falarei com mãe que me deixe levar a copeira...

— Ora, a copeira... Você precisa de companhia. Leve Mara.

— Está bem.

Rubem Azevedo fechou as pálpebras com angústia: sabia-se perdido. Sentira na expressão do médico o seu "verdictum"... Tinha a desoladora certeza de que o seu pulmão apodrecera à friagem das noites de boemias e de trabalho noturno nos jornais. Que profissão inglória!

Não se conteve. Soluçou alto, enterrando a cabeça no travesseiro.

Olhou dolorosamente aquela linda mulher que o fitava pálida.

Era toda uma mocidade arrebatadora... Quantos sacrifícios para desposá-la! Quanta amargura sofrera para arrancá-la da casa dos pais imbecis! Agora, ia perdê-la sem que ninguém a arrebatasse... Ah, como o destino é vill!

Ergueu-se, de súbito, enlaçando-a desesperado. Era a febre...

— Carmen! Minha adorada Carmen! Eu não quero morrer! Eu não posso morrer!

Soluçava como criança:

— Lembras-te do que passei para fazer-te minha? Eras a minha preocupação, a noite e o dia, a alegria e o sofrimento. E vivias um pouco o martírio da minha vida... E depois, para que o meu coração dilacerasse, veio a oposição injusta dos seus pais, que me julgavam um inútil, um doente... Ah! como eles na sua maldade acertavam... Como foste sincera, como foste mulher! Sim, quando implorei para que fugissemos... para longe, longe, onde ninguém viesse perturbar a nossa felicidade... E como foi linda a nossa fuga, Carmen! O céu rebrilhava de estrelas e como era perfumada a brisa do jardim... A corrida vertiginosa do comboio. Chorávamos os dois de tão felizes. Encostavas a cabeça no meu peito que eu julgava tão forte para defender-te na vida... E agora sinto que vou morrer... Carmen! Sinto que vou morrer!

Ela o amparou, chorando:

— Mentira! Mentira! Vais viver, Rubem, vais viver para o amor de tua Carmen...

Apertava-o com força:

— Jamais te deixarei, Rubem! Porque és tudo o que melhor existe para mim na vida. Sofri também muito por ti, e jamais me arrependerei, creia. Eras a febre que me invadia nas noites de insônia. Vinhas no luar que penetrava pela minha janela. Nós havemos de viver ainda muito, muito, gozando esta felicidade boa que a vida nos deu...

E como se pressentissem uma força oculta os separando, apertavam-se mais.

Agora, a gargalhada do sol estrugiu no aposento.

Lá fora, na rua movimentada, ressoavam os gritos da criança doida ao sol.



— Vais viver, Rubem.
Vais viver!

A tarde, quando o sol morria, Carmen ajoelhou-se, chorando ante a imagem da santa do seu pequeno oratório, suplicando a realização do milagre na fazenda...

Num desses dias tropicais, passávamos, eu e o José Silveira — que fôra colega de redação do Rubem Azevedo — pela Avenida, quando paramos, numa dupla atitude de surpresa:

— Será possível?!

A hora lânguida da tarde, o sol coloria o asfalto, num último espasmo de luz. Próximo à luxuosa montra, um casal palestrava: êle, atlético, sanguíneo, sorridente; ela, nova, moderna, deliciosamente linda...

— Conheceste o Rubem Azevedo? — perguntou-me José, parado, batendo um cigarro na unha bem tratada.

— O jornalista?

— Exatamente. É aquele rapaz que vês ali...

E apontou-me o atleta.

Recordando-me da história, fixei a sua linda companheira:

— E aquela é a Carmen?

José Silveira sorriu e, acendendo o cigarro, chupou e bafou a resposta com a fumaça:

— Não, a Carmen morreu...

— Mas, é parecida!...

— As irmãs às vezes se parecem... Que fazenda milagrosa!

E, pegando-me pelo braço, tirou-me da estupefação, no habitual convite:

— Vamos tomar qualquer coisa?...

A PESAR de muito jovem, Terezita tinha já fama de ser uma formosa pequena. Seus brilhantes cabelos escuros e tua tez mate, eram traços do sangue espanhol que lhe corria nas veias. Seu caráter era íntegro e grave. Não se lhe viam sorrisos frequentes. Pertencia a uma família de colonizadores espanhóis, donos de grande extensão de terras e bosques ao norte da Califórnia. Havião escolhido o dia do seu próximo aniversário para seu casamento e todos os jovens hispano-californianos daquela localidade, estavam tristes, pois Terezita devia casar-se com um americano que não conhecia ainda, a quem seu tio, o sr. Peralta, fora buscar para trazê-lo de São Francisco para a estância. Chamava-se o jovem Carlos Ledyard, era moço muito elegante e imensamente rico.

O carro em que viajavam os dois senhores fôra alugado à Companhia Califórnia e os conduzia um tal Dick Redding, jovem nativo que vinha na boleia, não cessando de cantar e assobiar durante todo o trajeto. O senhor Peralta estava um tanto envergonhado que o veículo não fôsse seu, mas não era rico, apesar de possuir muitos hectares de terras e bosques, sem valor àquele tempo e completamente inexplorados.

Quando os dois viajantes chegaram à estância já era tarde e tôdas as luzes estavam acesas. Terezita entrou na grande habitação onde no dia seguinte seriam celebrados seus esposais... Levava um singelo traje roxo de algodão, com grandes enfeites roxos também e sandálias. Apenas dirigiu uma olhadela ao seu futuro espôso. Seu tio, um tanto preocupado de ver a atitude dos noivos que nem sequer se falaram, acabou por concluir que devia ser isto mesmo: — estavam todos cansados pela viagem e pelos preparativos das festas.

O jovem casal devia passar sua lua de mel na fazenda pertencente à Terezita e que distava uns cinquenta quilômetros terra a dentro, tendo que atravessar serras e montes.

Pela manhã seguinte, estava Terezita sentada ao pé da escada quando chegou Ledyard.

Apenas viu sua estampa na escadaria. A moça o saudou levemente com a cabeça, levantando-se. Ele estava realmente belo na sua camisa branca de seda, peito aberto; com seus cabelos louros ondulados. Ao chegar a ela disse-lhe:

— Se você prefere, poderemos ir a Havaii para nossa viagem de núpcias.

Assim que ele queria ir à sua fazenda? Não tinha interesse em conhecer sua casa? Sem contestar-lhe uma simples palavra, deu meia volta e voltou-lhe as costas. Teria sem dúvida de casar-se com o homem que o tio lhe escolhera, mas ao menos não discutiria com ele. Era realmente um casamento estranho!

Durante a cerimônia religiosa, na grande sala do sr. Peralta, Ledyard apenas se atreveu a dirigir os olhos à figura branca a seu lado, envolta no seu traje de noiva à moda espanhola, tendo à sua mão um ramo de flôres brancas que ele trouxe de São Francisco. Pensava porque seria que a moça estava contrariada de casar-se com ele. Talvez fôsse um outro amor...

Contemplou em derredor e viu, os convidados e parentes ali reunidos, todos ispano-californianos, com caras tristes e aspecto de pobreza, apesar de seus trajes de seda. Seguramente ele era o único homem rico da reunião social.

Depois da cerimônia, o senhor Peralta ordenou que todos se servissem de vinho à vontade.

Com seus copos levantados ao alto, os jovens se acercaram de Ledyard para brindar.

— Você não é um camponês como nós, senhor — disse-lhe um dos que falavam inglês.

— Nasci em São Francisco e estudei no Oeste — lhe respondeu Ledyard.

— Sou primo de Terezita, sou Henrique João — replicou seu interlocutor, agitando seu chapéu de veludo negro. Todos nós somos primos e parentes dos Peralta. E não nos agradam os americanos — ajuntou. Vocês vêm à Califórnia devastar nossas terras e roubar-nas.

— Não o fazemos desde que vocês nos obedecem, — fez Ledyard olhando sua jovem esposa, que tinha seu copo à mão, em cujo dedo brilhava o anel de núpcias que ele lhe havia dado e que pertencera à sua mãe. O copo do seu espôso estava até ali intacto. Acaso não gastava também do vinho da região?

— Tempo que não lhe agrade nossa terra, disse-lhe.

O primo Henrique João saiu ao pátio, em busca de alguém com quem pudesse descarregar seu mau humor.

No amplo quintal dansavam os convidados quasi todos mexicanos, ao som de sua música nativa. Já era hora da noiva mudar de traje para a viagem. Ledyard ficou olhando o pátio: eram poucos os convidados que dansavam e a festa não duraria muito tempo, pois se via que ali não existia muito dinheiro. Assim lhe provava também a carta que recebera do tio de Terezita e que dizia mais ou menos assim: "Quando um homem está em apuros, não sabe mais a que recorrer. Sinto-me um homem de poucas amizades; entre estas contava seu pai, meu bom amigo Augusto Ledyard. Não podendo chamá-lo porque já não existe, dirijome a seu filho. Ofereço-lhe a mão de minha sobrinha Terezita; tem dezenove anos, é bela e pode obter o amor de qualquer homem. Os jovens do lugar não a merecem e não quero que pertença a nenhum deles. Dizem que tudo passa neste mundo, minhas penas e sofreres não passarão jamais e não me permitem conciliar o sono. Se ao menos meu amigo Augusto Ledyard estivesse vivo! Não estando, entanto, subscrevo-me de você, mui respeitosamente, Caetano Peralta".

No quintal cheio de convivas, esperava a deligência alugada à Companhia Californiana, com o cocheiro ao alto, para levar o novo casal à fazenda.

O sr. Peralta chegou-se ao cocheiro, seguido do sr. Ledyard e lhe disse em voz alta:

— Minha sobrinha Terezita chegará bem à sua fazenda antes do anoitecer de amanhã, sob a proteção do filho de Augusto Ledyard, pois — acrescentou — recuso crer que haja ainda bandidos pelos caminhos.

PEDRAS NO CAMINHO...



A noiva, conduzida pelo primo Henrique João, chegou-se ao coche, despedindo-se da sua família e subindo ao carro. Ledyard sentou-se-lhe ao lado. A viagem começou.

Quando chegaram à encosta, o tempo refrescava bastante. Ledyard havia pôsto seu casaco "gris". Às seis da tarde atravessaram um pequeno povoado, em meio do qual havia muita gente reunida que falava animadamente. Quando passavam, os camponeses avisaram-nos que ficassem de sobreaviso, pois Juan, o Negro, estava novamente fazendo das suas. Há poucos dias houvera ferido um cocheiro na perna, pondo-o abaixo do carro num ataque que dera, mas... não convinha assustar os viajantes pois fariam, destarte, uma idéia errada da Califórnia.

O sol estava no ocaso; frente a eles se estendia um rio bordado de magníficas árvores seculares e o caminho se perdia dentro de um bosque em que reinava escuridão quasi profunda.

Ledyard assomou à janela para admirar as árvores altíssimas.

— Quão pequenos parecemos ao lado destas árvores magníficas. São suas? — perguntou indiferentemente o moço.

— Sim, pela graça de Deus; há em meus bosques uma árvore que mede cerca de cem metros. Peço-lhe que não a mande cortar nunca.

Ledyard escutou-a com agrado. Terezita estava recostada sobre os almofadões do coche. Haviã-lhe preparado para sua viagem de núpcias uma ampla câma de terçilo.

Tinha fama de beleza? Seguramente ela já namorara a muitos com sua tez pálida e seus brilhantes cabelos negros. Graças a Deus êle estava livre do seu feitiço.

Seguiram viajando entre os bosques de altos arvoredos que desfilavam, sem cessar por ambos os lados do veículo.

— Há árvores demais por aqui — pensou Ledyard em alta voz.

Elã voltou-se altaneira:

— Aqui estão por centenas e centenas de anos a fio. E pensar que, a qualquer momento, podem pô-las abaixo!

— Porque acusar-me? — Disse êle sem a faltar porque estava demasiado ofendido com ela.

O cocheiro deu um grito e os cavalos pararam. Haviã chegado ao lugar onde as parelhas dos animais oeviam pastar e descansar.

O rapaz aproveitou a oportunidade para andar um pouco e descansar as pernas. E Terezita baixando a cortina, procurou dormir um pouco pois só ao anoitecer chegariam à sua casa.

Quando os cavalos se aprestavam para seguir novamente, Ledyard subiu ao boleio e sentou ao lado do condutor.

O sol nascente estava cada vez mais brilhante e os seis cavalos, frescos, corriam velozmente pelo caminho. Pronto chegaram ao final do bosque; estavam no alto de um monte e o caminho baixava-se rapidamente para o vale da Califórnia, todo iluminado pelo sol matutino.

Dick Redding parecia gozar da velocidade dos cavalos e largou-os à vontade, descendo à tôda carreira.

— Ai vamos — sr. Ledyard — vou lhe demonstrar — gritava entusiasmado, como dirige um cocheiro californiano. Ademais como me furtaram a pistola na Estância e não pude conseguir outra, quero aumentar a velocidade

CONTO DE

MARY LOUISE MABIE

● TRADUÇÃO DE

● ALVARUS DE OLIVEIRA

no trecho do caminho onde atua geralmente, Juan, o Negro. Cuidado!

Colou-se, de pé, com suas pernas um pouco abertas, deixou a rédea solta, instigando os cavalos com seus gritos.

Terezita gritou de terror. As rodas davam voltas cada vez mais rápidas, havia pedras pelo caminho e o carro levantava uma densa nuvem de pó branco. Ledyard segurava-se fortemente ao assento para não ser cuspidido do veículo, mas o vento deu no seu casaco que se abriu e o revólver que comprara em São Francisco caiu entre as rochas. Assim, tanto ele como Dick, estavam desarmados.

Terezita gritou novamente e pareceu a Ledyard que lhe chamava o seu nome.

O coche ia cada vez mais desenfreado. Terezita agora não gritava mais, parecia gozar, ela também, esta carreira na rampa do vale californiano.

De repente, porém, Dick reteve os cavalos com todas as forças.

— Oa, oa, lhes gritava. Os cavalos resvalaram mas, enfim estacaram. Frente a eles, em meio do caminho havia uma enorme pedra.

Estavam em meio de montes e a certa distância, defronte se estendia um vale tranquilo e belo, dourado pela luz do sol.

Teriam que remover a pedra. Ledyard tirou a casaca e ficando, unicamente com seu colete "gris" perola, e sua blusa branca, se dirigiu ao obstáculo para removê-lo. Dick pôs um pau em baixo da pedra para levantá-la mais facilmente e Ledyard ajudava-o sendo que, sempre que lhe era possível, olhava disfarçadamente Terezita que lhe acompanhava, interessada, todos os movimentos.

Quando haviam tirado a pedra e subiram ao carro para prosseguir, Dick estava todo suado e Ledyard sentou-se sobre a sua casaca dobrada, pois fazia calor para tornar a vesti-la.

Começaram novamente a viagem, e tinham andado poucos metros quando numa curva próxima, apareceu um homem a cavalo, cerrando-lhes o passo. Assim, pois, a pedra tinha sido posta no caminho de propósito! Havia sido posta para fazê-los parar. Pensaram retroceder mas o caminho era estreito e não foi possível fazer a volta tão rápida e se de um lado havia montes pedregosos, de outro um precipício o que ser-lhes-ia fatal. Estavam desarmados!

Detrás do coche surgiram três mexicanos montados com seus rifles apontando aos dois homens nos assentos do carro. E um deles lhes disse em mau inglês:

— Conduzam o carro até a curva onde os espera Juan, o Negro.

Impotentes, obedeceram e Dick colocou o coche ao lado do cavalo branco do bandido que os esperava no meio do caminho.

Terezita o viu acercar-se a cavalo, com surpresa, reconhecendo-o por um cacho de seu cabelo que lhe caía pelo meio da testa em cuja cara morena se desenhava um sorriso sarcástico. Um profundo temor se apoderou dela e com suas pequenas mãos tratou de abrir a portinhola do carro.

— Enrique Juan! — exclamou.

— Sim, sou eu — lhe respondeu Juan, o Negro, rindo. Vim pelo caminho mais curto que o de vocês e logo dirigindo-se a Ledyard continuou:

— Vamos apressem-se. Estão atrasados. Tragam seu dinheiro. Eu sou Juan, o Negro.

Ledyard nada disse mas Dick que tivera de descer, falou:

— Há pouco dinheiro no coche e quasi nenhuma equipagem.

Quando estava em baixo deram-lhe um pontapé fazendo-o rolar para o lado do caminho.

Juan, o Negro, com um movimento de fuzil, indicou a Ledyard que descesse também.

Terezita estava ao estribo do carro e Ledyard a olhou e acreditou que naquele olhar havia deboche.

— Por favor — disse supplice — creia que não sabia nada disso. Creia-me por Deus.

Mas nem bém o americano havia posto o pé em terra o separaram da esposa. Os três mexicanos retiravam a caixa que estava depositada no assento do cocheiro onde devia estar o dinheiro e todos os valores.

— Não há muito dinheiro aí, comentou Juan evitando olhar sua prima. Apenas o dinheiro que meu Tio pagou pela viagem. Tu, porém, priminha, serás rica, eu serei rico, nosso tio será rico — disse com voz clamorosa.

— Não, replicou a moça enojada, tu não serás rico, pois não vás matar o americano. E' meu esposo e ademais todo o país pertence aos americanos e não podem matá-lo.

— Não te esqueças priminha, que até bem pouco tempo este Território era nosso — e Juan tirava do bolso de Dick seu relógio de ouro.

— Não me roube — protestou Dick, pertence à Companhia Californiana.

— Também pertencia à Companhia este cavalo que monto — respondeu Juan, o Negro sorrindo. E voltando-se para Ledyard: — Esta camisa de seda me agrada — e arrancou-a de Ledyard. Agora podes envolver-te na bandeira americana se quiseres.

Ledyard, pálido, irado, com seu peito nú, quasi tão branco como uma camisa, e seus olhos claros, olhava o bandido firmemente.

— Não lhe peço que me proteja, sr. Ledyard — lhe disse sua esposa.

— Seu primo se encarregará de protegê-la, senhorinha, de cuidar bem de seus interesses — disse-lhe Ledyard com voz áspera.

— E's um covarde, disse-lhe Juan enquanto

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 903 - Belo Horizonte - Minas - TELEFONE 2-6525

MAXIMA PERFEIÇÃO E PRESTEZA NA EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICOMIAS E DOUBLÊS
CLICHÊS EM ZINCO E COBRE

APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

"HISTÓRIAS BANAIS"

O LIVRO DE CONTOS DE
JORGE AZEVEDO

*

A HISTÓRIA BANAL — PAI NOÉ — O MORTO — A FOGUEIRA — A HISTÓRIA DA FAZENDA — O AGOURO — BONECA — SECA — A VINGANÇA — PILAU — ESTRANHO CASO CONJUGAL

ESTÁ NO PRÉLO

— 180 PÁGINAS

Pedidos à redação de ALTEROSA. C. Postal 279-B. HORIZONTE-Preço Cr \$8,00

desmontava e se acercava do seu prisioneiro, dando-lhe um soco violento na fronte que o tontou e pôs por terra.

E Juan, o Negro disse à sua prima:

— Já sabes, teu esposo foi morto por bandidos, mas tu não recordarás quem eram. Regressarás a teu rancho e esperará ali o dinheiro do americano. Enquanto eu irei avisar ao nosso tio a desgraça ocorrida em tua viagem. Que prazer para mim ver morrer este americano!

— Canalha! Tu eras o bandido. Vou dizer a meu tio quem és.

E ele rindo:

— Bah! Já o sabe! Até me pediu que não perseguisse a vocês. Também me rogou que abandonasse o país e me fosse para longe, bem longe, a Lima no Perú, pois não quer que o orgulho dos Peraltas fique enxovalhado por mim, não quer que seu sobrinho seja, algum dia, apanhado.

Pouco a pouco Ledyard foi recuperando seus sentidos. O sol cada vez mais quente, o queimava e a claridade tão brilhante lhe fazia mal. Se ao menos pudesse estar à sombra e pensar tranquilamente o que deveria fazer. Ouviu que sua esposa dizia:

— Ceder-te-ei a parte que cabe dos nossos bosques, Juan.

— Estava negociando com o bandido para salvar-lhe a vida. Quando se deu conta Ledyard disse:

— Um momento! Um momento! Por nosso casamento estes bosques me pertencem também. Você não tem o direito de negociá-los. — Tinha já suas idéias bem claras, e virando-se com expressão satisfeita para o vale abaixo disse: Olha que vejo lá?

Assustado Juan, o Negro, subiu ao monte, à beira do precipício para ver melhor. Ledyard, ligeiro, se lhe acercou, agarrando-o fortemente pelos pés, fazendo-o cair, rolando ambos em luta.

Aproveitando a confusão do momento Dick correu e apanhou o fuzil que caíra das mãos do bandido, levantando-se ligeiro apontou-o para os três mexicanos que, vendo cair seu chefe e ameaçados pelo fuzil de Dick, empreenderam fuga veloz abandonando seus cavalos.

Terezita havia descido e subido o montículo onde via o seu esposo em luta com seu primo. Dominado Juan, o Negro, estava por debaixo de Ledyard.

— Dick — chamou Ledyard — Feri-me no braço. Se não há perigo para Terezita venha ajudar-me.

Apressadamente desceu Dick, de pedra em pedra, com a ajuda de um camponês das vizinhanças que havia acudido ao ruído. Subjugaram, com dificuldade, o bandido. Uma vez, no caminho, Terezita se lhes acercou. Ledyard, porém não deu importância, voltando-se para não olhá-la de frente. Tinha seu braço esquerdo caído, inerte, ferido, e o seu semblante era sério e altaneiro e estava mais formoso que nunca.

Ela o admirava agora! Oh! que poderia fazer para conquistar semelhante homem?

— Amarre-o em cima do coche — disse Ledyard — para que todo o público o veja.

O camponês e Dick amarraram de pés e mãos o negro Juan e Dick aproveitou para tirar-lhe o relógio que lhe tinha sido subtraído... assim como o dinheiro da Companhia. Amarraram-no bem cimo do carro e o camponês se pôs ao lado de Dick. Depois de amarrar os cavalos dos mexicanos e de Juan, o Negro, atrás do coche, reiniciaram a viagem.

Ledyard sentou-se no interior do carro ao lado de Terezita. Vestiu sua casaca, pois estava tiritando e a moça deitou-lhe a cabeça no seu ombro atando-lhe as mangas pela frente para que não caíssem. Tinha ele o peito e o ombro arranhados pela queda e seu braço esquerdo bem contundido e ele parecia sofrer muito. Sentia-se cansado e doente e desejou o carinho de sua esposa que suavemente, acariciou sua cabeça que se deitara sobre os seus ombros.

— Receio a sorte de Enrique Juan, quando chegarmos ao vale — disse ela timidamente — intercedendo pela sorte do seu primo — Lá o conhecem por Juan, o Negro, e o odeiam.

— Deixem-no encarcerar, que será bom.

— Enforcam-no — replicou ela.

Era absurdo, mas Ledyard se sentiu receioso pela sorte de Enrique Juan. Passando seu braço pelos seus ombros, sentiu a cabecinha de Terezita que beijou apaixonadamente.

Quando o coche chegou ao vale, o rapaz estava deitado com a cabeça apoiada sobre os joelhos enquanto ela lhe acariciava os cabelos louros.

Pouco a pouco camponeses a cavalo se haviam unido ao carro; todos os queriam ver, abrindo as janelas e quando o veículo parou uma multidão de homens e mulheres rodeou-o.

Ledyard desceu. Seu cabelo estava em desordem; havia perdido seu chapéu e nú da cintura para cima apenas a sua casaca, jogada aos ombros e atada pelas mangas o cobria; seu braço pendia, inerte, sangrando.

Juan, o Negro, no teto, olhava o espetáculo

BANCO DO BRASIL S. A.

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS

Matriz no RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS EM TODAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL E CORRESPONDENTES EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

DEPOSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. .. 2 %
Deposito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPOSITOS POPULARES (Limite de
Cr \$10.000,00) a. a. 4 %

DEPOSITOS LIMITADOS (Limite de
Cr \$50.000,00) a. a. 3 %

DEPOSITOS A PRAZO FIXO:
Por 6 meses a. a. 4 %
Por 12 meses a. a. 5 %

DEPOSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:
Por 6 meses a. a. 3½ %
Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPOSITO DE AVISO PREVIO:
Para retiradas mediante aviso prévio:
De 30 dias a. a. 3½ %
De 60 dias a. a. 4 %
De 90 dias a. a. 4½ %
Deposito mínimo inicial — Cr. 1.000,00.

LETRAS A PREMIO:
Selo proporcional. Condições indênticas às do Depósito a Prazo Fixo.
O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de câmbio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, à pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- custeio de entre-safras; aquisição de adubos e sementes;
- aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- custeio de criação;
- aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- aquisição de matérias primas;
- reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do país e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte — RUA ESPIRITO SANTO

com medo pois se via entre tantos americanos seus inimigos. Um pelotão de agentes avançava bem formado entre a multidão que dava passagem curvando-se respeitosamente. Parou em frente a Ledyard esperando que este falasse.

— Sou filho de Augusto Ledyard — começou ele — que viveu muitos anos neste território. Aqui lhes trago Juan, o Negro, que não é outro senão Henrique Juan Peralta. Como podem ver é bem inofensivo neste momento e está em situação bem ridícula. Meu pai foi muito amigo do seu tio, o sr. Caetano Peralta e em atenção a ele esquecerei todos os males que me fez Juan, o Negro. Prendam-no por algum tempo; tenho dinheiro e as despesas serão minhas. Seria este o desejo de meu pai e lh'o peço a todos.

Ledyard, cansado pelo esforço despendido, disse:

— Estou fatigado...

Chegou o médico do povoado que o levou a uma sombra para tratar dos seus ferimentos. O rapaz sentou-se pesadamente e deixou cair sua cabeça sobre o peito.

— Por aqui senhora — gritou o médico à Terezita — você o sustentará enquanto faço os curativos...

A jovem apoiou a cabeça do esposo sobre o peito acariciando-o ternamente enquanto o médico punha mãos à obra. Foi rápida a operação mas dolorosa. Mas Ledyard nem se queixou apesar de sofrer muito, apertando — embora — a cintura da moça com o braço são.

Terminados os curativos Ledyard perguntou à Terezita:

— Vão enforcar Enrique Juan? Vejo que o levam com uma corda ao pescoço.

Conheci seu pai, senhor — dizia o médico — e nos sentimos orgulhosos todos de lhe dar as boas vindas. Nosso povo se recorda, com carinho, do seu juiz bem amado, sabia que ele fazia justiça pronta e segura. Querem você e sua esposa fazer-me a honra de um ligeiro repouso em minha casa, depois que haviam enforcado o bandido?

— Agradeço-lhe muito — senhor, mas ficarei para outro dia — e dirigindo-se à Terezita:

— Volta ao carro, e eu tratarei de salvar o nosso primo.

— Quando você quiser, senhor, procederemos ao castigo do bandido, disseram.

Ledyard se encaminhou até o carro e desatou o cavalo branco de Juan que o seguiu até o lugar do suplicio.

Em baixo da rampa, colocavam um barril e em cima haviam posto o bandido que seguira para o local fazendo ameaças com a mão fechada não só ao povo como ao próprio Ledyard.

— Não o enforcem antes de o julgarmos — disse Ledyard — para ganhar tempo.

— Acaço o seu pai procurava tantos rodeios para enforcar um homem? — gritou alguém.

— Ele era melhor juiz que eu — respondeu Ledyard com suspiro, pois sabia que seu pai se arrependera de todas as suas mortes.

— Olhem! Olhem! gritou Dick que estava acerca do barril. Soltaram-se as mãos...

De um salto Juan, o Negro, pulou do barril e agarrou Dick pela cintura e levando-o para servir-lhe de escudo, atravessou, rápido como um corisco, o pessoal aglomerado, saltou sobre o seu cavalo que saiu a galope. Tudo foi feito sem tempo a que alguém pudesse tomar uma decisão de impedi-lo. Dick ficou no meio do chão,

(Conclui na página 22)

Seu ultimo ano de menina

TEXTO E DESENHO
DE CLGA OBRX



QUAL é a idade em que acaba a infância e começa a vida de adulto, quando menina se torna moça? A etiqueta da corte é formal, nesse domínio como sempre: será em 1944 que a princesa Elizabeth Alexandra Mary, herdeira do trono britânico, atingirá sua maioridade oficial, pois completará os seus dezoito anos no dia 21 de abril próximo.

Desde então, sua vida privada terá que ser reduzida ao mínimo, e seu tempo, como o de seus pais, pertencerá à nação. Para ajudá-la na tarefa, terá seu próprio "staff", consistente de uma dama, um secretário e um controlador. Sua existência achar-se-á assim separada da de sua irmãzinha Margaret Rose, pois as duas garotas sempre viveram juntas e inseparáveis.

O acontecimento não será marcado — a menos que a guerra seja acabada antes — por nenhuma festividade oficial. Elizabeth passará o dia no seio da família e receberá do seu pai, como todos os anos para o dia do seu aniversário, uma perola a ser acrescentada a um colar que só ficará completo no dia dos seus 21 anos; quanto ao capítulo das joias, a maioridade das princesas não chega mais cedo do que a de todas as cidadãs britânicas.

Desde pequenina — quando ainda a chamavam "Lillibet", alcunha que ela se deu a si própria, mal sabendo pronunciar seu nome — esta menina de olhos azues e cabelos castanhos acostumou-se à idéia de que seria um dia rainha. Seu tio, o rei Eduardo VIII, o atual duque de Windsor — a quem as sobrinhas chamavam "Uncle David" — não queria casar, e seus pais não tinham mais esperanças de ter outros filhos. Assim, nenhum herdeiro do sexo forte poderia interpor-se entre a filha do príncipe, predestinado a suceder um dia ao seu irmão mais velho, e o trono da Inglaterra.

Os ingleses não se preocupavam com isto. Bem sabiam que dois dos seus maiores monarcas tinham sido mulheres: a rainha Elisabeth, no fim do século XVI, e a rainha Victoria que tanto prestígio soube dar ao Império Britânico no fim do século passado.

Esta bisavó do atual rei da Inglaterra já subiu ao trono com 18 anos. Ela também havia sido educada para poder um dia assumir tamanha responsabilidade, e seus conselheiros desde logo ficaram assombrados pela autoridade e a habilidade da mocinha de quem todo mundo havia esperado, pelo menos no início do seu reinado, hesitações e fraquezas. Na magistral biografia que Strachey consagrou à rainha Victoria acham-se

lindas paginas do seu diário, onde ela descreve o dia em que sua mãe, sua "dear mother" a quem ela era muito afeiçoada, veio acordá-la de manhã cedo para prepará-la para a grande cerimônia da sua coroação. Esta mãe foi sempre uma conselheira incomparável para sua filha. Victoria também foi muito feliz na sua vida conjugal, pois adorava o seu esposo, o príncipe Alberto, de cuja morte nunca se consolou.

A rainha Elisabeth, filha de Ana Boleyn e Henrique VIII — o cruel marido de inúmeras mulheres — não conheceu na sua vida nem afeição materna nem o conforto de um lar. Dizia-se que não queria casar para que no seu túmulo escrevessem: "Aqui jaz Elisabeth, a rainha Virgem". Que isto seja verdade ou invenção, a pobre e magnífica Elisabeth também não tinha muita sorte na escolha dos seus favoritos. No meio da sua corte brilhante, sempre ficou numa soberba solidão. Sua mãe havia sido decapitada três anos depois de seu nascimento, acusada de vários crimes, mas principalmente por não ter sabido dar ao rei o príncipe herdeiro com que ele sonhava, mas somente uma filha. Aos quatorze anos, Elisabeth viu subir ao trono o seu irmãozinho mais moço, filho de Jane Seymour, outra esposa do rei que tomou o lugar da desafortunada Ana, mas morreu ao dar à luz. Aos vinte anos, Elisabeth cavalgava ao lado da sua irmã mais velha, Mary, filha da primeira esposa do seu pai — da qual este divorciou para casar com Ana Boleyn — foi aclamada como rainha pelos londrinos depois do desaparecimento prematuro do jovem rei. E foi aos 25 anos que Elisabeth mesma tornou-se rainha, depois de muitas decepções, muitas amarguras e pouca felicidade.

A futura rainha Elisabeth é bem mais feliz do que sua predecessora. Sua mãe cuidou de dar-lhe uma infância tão normal quanto possível na sua situação excepcional. "Lillibet" fazia, como toda garota de Londres, longos passeios através do Hyde Park, tomava aulas de piano, de pintura, além dos muitos assuntos graves que tinha que estudar a fundo para bem desempenhar

um dia o alto cargo que a espera. Gostava de brincar com seus cachorros e correr no jardim com sua irmãzinha, mais moça de quatro anos. Diz-se que a menina era bastante orgulhosa da sua linhagem e que foi sua avó, a rainha Mary quem conseguiu curá-la desta sua vaidade de criança real. Um dia em que Elizabeth tinha sido admoestada pela sua governante por ter feito alguma malcreação, a pequerrucha zangou-se e, batendo os pés, pôs-se a gritar proferindo as palavras mais injuriosas do seu inocente vocabulário. "Não se esqueça, Elizabeth, que você é uma lady!" disse a nurse com a imperturbável calma britânica. "Não sou uma lady! Sou uma princesa real!" esta foi a resposta da sua netinha que a rainha Mary ouviu, entrando inesperadamente no quarto. "É verdade, replicou a avó, mas espero que você aprenderá a ser também uma lady". Elizabeth não esqueceu a lição.

Hoje quem se aproxima dela louva sua afabilidade, seu *charme* muito natural, sua curiosidade pela vida da gente de todas as classes e de todos os países. Recentemente ela ajudou seus pais na recepção que estes ofereceram aos oficiais americanos estacionados na Inglaterra por ocasião do Thanksgiving Day. A princesinha dansou e conversou muito e divertiu-se otimamente, como também os seus hospedes. Ela assistiu, há alguns meses, ao seu primeiro espetáculo noturno num teatro londrino. Foi muito ovacionada ao chegar ao camarote real junto com o rei e a rainha. Um jornalista estadunidense ávido de sensações espalhou a noticia do seu noivado que já teria sido decidido, mas não seria publicado antes do fim a guerra. Não houve nenhum desmentido oficial, mas ninguém sabe quem seria o noivo.

Elizabeth fala fluidamente varias linguas e gosta principalmente de estudar historia, literatura e geografia. A matematica não é sua paixão, mas esforça-se em superar sua aversão pelas formulas e figuras secas e abstratas, sendo também nesse dominio uma boa aluna. Nas horas vagas tem o mesmo passa-tempo que o presidente Roosevelt: ela se entusiasma pela leitura de aventuras extraordinarias e romances policiaes.

* * *

"POINT DE BEAUVAIS"

PPOINT DE BEAUVAIS é a denominação de um delicado do ponto de bordado que está muito em moda; para guarnição do vestidos. Consta de uns pontos de caçêia trabalhados com seda e algodão, com os quais se formam os desenhos que mais agradam.

*

BODAS DE VIÚVA

NÃO convém a uma viuva apresentar-se, ao contrair as segundas núpcias, com profusão de joias e côres no enxoval, mas somente o que a discreção aconselha, pois a sobriedade deve prevalecer, nesse dia.

As bodas, se forem celebradas depois de um ano e meio do luto, o devem ser dentro da mais absoluta intimidade, e num círculo limitado de amigos, dependendo este detalhe unicamente do gosto pessoal.

PEDRAS NO CAMINHO... (CONCLUSÃO)

caído, enquanto gritava desesperado:

— Meu relógio! Meu relógio! Roubou-me outra vez!

Ledyard e sua esposa subiram novamente ao seu coche que prosseguiu a viagem interrompida. Já estavam perto da sua Estância. Atravesavam agora, por vários vinhedos que pertenciam à Terezita. Os trabalhadores saudavam-nos, respeitosamente e alguns rapazes seguiam o carro; ela os saudava amavelmente agitando sua mãozinha. Via-se que era muito querida em sua terra.

De repente, um pequeno embrulho entrou pela janela a dentro atirado de fora com força. O embrulho estava envolto pela blusa de seda de Ledyard e dentro havia um relógio de ouro e um bilhete que dizia assim:

— "Ninguém me há chamado 'inofenisvo' e 'ridículo' impunemente, salvo meu primo Ledyard a quem agradeço a liberdade de meu cavallo que me favoreceu a fuga. Renuncio a vida de saltador e me vou para longe, bem longe; talvez a Lima, no Perú. Rogo avisar meu tio a minha resolução. (ass.) Seu primo Enrique Juan".

Pondo o relógio no bolso, Ledyard disse:

— Indenizarei a Dick e à Companhia Californiana. Numa noite apenas casei-me, libertei um bandido dos rigores da lei e roubei um relógio.

Chegaram à Estância à entrada da noite. Era uma casa baixa, e mais um amontoado de casas brancas construídas em quadrado. Frente à porta principal trepadeiras viçosas de flores azues entrelaçando-se pelos muros.

Os criados, sorridentes, saíam a recebê-los, mas a moça despediu-os pois queria estar só para mostrar o seu lar ao marido. A casa estava belamente ornamentada à moda e estilo espanhol. Terezita tudo mandara fazer a gosto. Reinava ali perfeita ordem.

— Preparei tudo isto, como preparei meu coração para meu esposo. Sempre pensei que algum dia me casaria com um homem muito maior que eu. Desde o momento que te vi, porém, temi que tua juventude, tua elegância, teu cabelo louro, fossem obstáculos à minha felicidade... Esta manhã tive desejo, depois do sucedido, de beijar-te, agora, porém, não fujo mais... — disse passando-lhe os braços pelo seu pescoço... e selando seus lábios nos do rapaz...

* * *

PÁRA SALADAS

OVINAGRE de alho é excelente para preparação de saladas. Pica-se meia dezena de dentes de alho, deixando-os numa garrafa que contenha meio litro, aproximadamente, de vinagre. Depois de uns 20 dias estará pronto a ser usado.

* * *

O OLFATO DO GATO

OS GATOS conservam o sentido do olfato durante o sono. A prova disto é que, colocando um pedaço de carne ao alcance do nariz de um gato adormecido este presente o cheiro e desperta imediatamente.



- O ESFÔRÇO CONJUGADO É O CAMINHO CERTO ...

... para a **VITÓRIA**. Todos podem, aquí, ali, acolá, dar o seu quinhão, a sua quota de esforço para que o Brasil produza o que deve e o que pode produzir para esmagar o inimigo.

— Aliás, êsse esforço redundará em benefícios incontáveis para a nossa Pátria — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.



CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

TELEFONE 2-1200

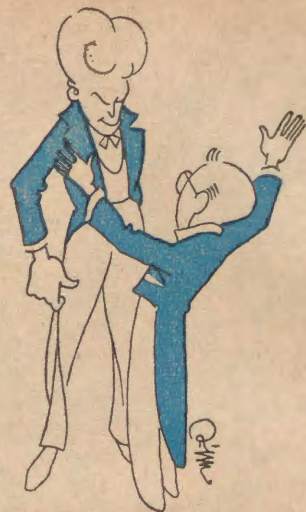
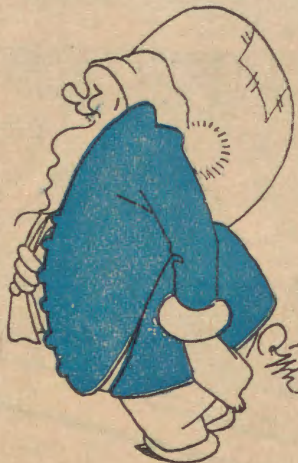
SEDAS E PLUMAS

ANTIGAMENTE as festas de Natal eram mais belas e emocionantes. Conta Melo Moraes Filho que cada família, no dia 24 de dezembro, consoada, preparava uma só espécie de doce, mas em grande quantidade. Depois enviava vários pratos do manjar às pessoas da vizinhança. Os presenteados recebiam a pitança e retribuía a gentileza enviando o doce da sua fabricação. E assim, cada um, preparando um só prato, tinha, à noite, uma confeitaria em casa.

Essa interessante tradição desapareceu inteiramente. O bolo de Natal ainda existe por aí, mas triste e amargo. Quem pode se distrair num mundo ensanguentado pela guerra e castigado pela fome! A data deixou de ser assinalada pelo brilho das cerimônias religiosas e pela alegria das festas domésticas.

Só os clubes elegantes se iluminam para os bailes suntuosos. Mas essas reuniões sociais não têm o encanto nem a graça das antigas tertúlias familiares.

Papai Noel ainda distribue presentes às crianças. Mas o velhinho sentimental deve sentir profunda magua na sua longa peregrinação pelos telhados. Só na América os tetos estão perfeitos e sólidos. Nas outras partes do mundo Papai Noel tem de se equilibrar nas traves das casas desmoronadas, nos pedaços de telhados poupados pelas bombas dos barcos. E tudo isso é infinitamente triste no dia em que devia haver glória a Deus nas alturas e paz entre os homens na terra!...



OS DOUTORES deram agora para comemorar aniversários de formatura. De dez em dez anos se reúnem em torno de uma mesa farta para rememorar, na maturidade, os dias alegres da juventude. A idéia não deixa de ser louável. Em primeiro lugar, não permite que se desfçam laços de amizade que tiveram início nos bancos acadêmicos. Em segundo lugar, oferece oportunidade à troca de opiniões sobre casos clínicos observados o que não deixa de ser de grande alcance para a turma sob o ponto de vista científico.

Do lado sentimental essas reuniões são amargas e melancólicas. De dez em dez anos a morte cancela algumas figuras do quadro. Os que são poupados, mostram, na frente, a tristeza dos cabelos brancos e, no rosto, as rugas que são as cicatrizes das lutas diárias. O entusiasmo pela carreira vai diminuindo com os anos. Derrotados pela morte à cabeceira dos doentes, verificam que a ciência falha sempre nos casos mais dolorosos. A reunião, que era alegre nos primeiros dez anos, vai se tornando soturna e desagradável. A estatística deixa de assinalar vitórias e esperanças para marcar, apenas, fracassos e dores.

NOTICIAM os jornais que a população de Caxias (Maranhão) prestou brilhantes homenagens a um filho dali que festejou as bodas de prata... do seu noivado. O homem que recebeu a manifestação ha vinte e cinco anos é noivo e procura uma oportunidade para realizar o mais belo sonho da sua vida. Adeantam as notícias ser provável que o casamento enaguado agora se decida.

O fato que motivou essa manifestação ironica do povo do Maranhão é comuníssimo entre nós. Apenas aqui os noivos crônicos não recebem homenagens, mas reprovações dos vizinhos, amigos e parentes.

O noivo que não se decide é, em regra, um tímido; tem medo da vida prática, pintada por todos com tintas muito negras. Espera um emprego, uma oportunidade. Não quer, diz aos íntimos, que sua mulherzinha precise cosinhar ou arranjar a casa, fazer, enfim, qualquer serviço. Ah, com ele, não.

Quer montar uma casa completa. Dois ou três creados. Automoveis e tudo mais. Sua esposa hade ter vida de princesa. Mas, para isso, precisa esperar que as coisas se agitem. Com a vida como está é impossível...

Os moços que pensam assim tornam-se noivos crônicos. A vida cada vez mais cara; o sonho do casamento cada vez mais remoto. Sogra e sogra acabam por se conformar. Todos se conformam. A tarde, separados da família, num canto da sala, os noivos sonham. Com o tempo, a mulher vai ficando descorada e triste. Ele humilhado e neurastênico.

Mas o noivado continua. Os vizinhos fazem pilherias sem graça e comentários picantes. E quando, no fim de dez ou doze anos de noivado, o casamento se realiza, ainda é muito bom. Mas, às vezes, isso não se dá. Valendo-se de um pretexto qualquer, o noivo desfaz o compromisso. Ela perdeu a mocidade. Transformou-se na titia generosa, na excelente doceira, na senhora que sabe enfeitar andores e vestir anjos nas procissões da Semana Santa...



Insinuante harmonia de perfume

Muito depende o
encanto feminino da
harmonia... harmonia
nas cores da sua
toilette... nos tons
do seu bonito "maquillage"...
harmonia até entre os perfumes
dos seus produtos de tocador.

Em conjunto na toilette feminina,
o Pó de Arroz A Suma e a
Colônia Perfumada A Suma
tornam mais intensa a fragrância
que envolve a mulher,
desprendendo dos seus
encantos uma insinuante e
sedutora harmonia de perfume.



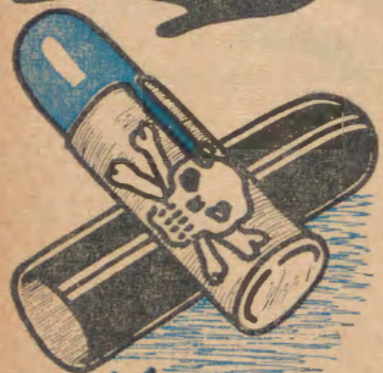
Pó de arroz — Água de Colônia

A SUMA

Coty

UM SÓ PERFUME PARA SEU TOUCADOR — Dê harmonia aos produtos do seu tocador. Se a Sra. elegeu A Suma como seu perfume, lembre-se que Coty também possui Loção, Sabonete e Brilantina com a fragrância de A Suma.

de
mês a mês



texto e versos de
GUILHERMETTE
bonecos de **ROCHA**

O governo de Minas, entre aplausos gerais, aumentou o vencimento do funcionalismo. O servidor do Estado ganhará, também, sete por cento de abono, se fôr pai de filho menor.

Foi quinze ou vinte por cento
Que a professora ganhou?
Três vezes o vencimento,
O seu amor aumentou.

Agora, sem que se afoite,
Vai cuidar do casamento,
E com o trabalho da noite
Espera um segundo aumento.



Noticiam os jornais que o engenheiro John Rohms de Nova Iorque requereu divorcio alegando ignorar que a esposa usava dentadura. Foi iludido, disse aos juizes.

Tendo em vista a desventura,
Quer voltar ao antigo estado;
Por ser dupla a dentadura,
Foi duplamente enganado.

Não viu dentes! Iludido,
Esbravejando se exalta:
— Bem venturoso é o marido
Que apenas sente essa falta!..



As autoridades sanitarias do Mexico apreenderam uma partida de "baton" fabricado com substancias prejudiciais à saude. O elemento feminino foi avisado.

Se o "baton" à morte arrasta,
Que deles fujam as belas;
Mas o aviso não basta
Ser feito apenas a elas.

E' mau, deveras é mau
Não agir como convém:
O risco que correr o pau,
Corre o machado também.

Salvemos os nossos ossos
Com desespero e com ansia:
Dos labios delas aos nossos,
E' bem pequena a distancia.

Se houver morte, eu já prevejo
O tom da conversa, o tom:
— Foi a peçonha do beijo,
Foi veneno do baton.



Noticiam os jornais que a linda jovem que, em Buenos Aires, conquistou o primeiro lugar em arte culinaria, já foi, depois do concurso, pedida tres vezes em casamento.

O candidato repousa
Agindo dessa maneira:
Se não acertar na esposa,
Acerta na cosinheira.

Pelo clichê publicado,
Na mais intima união,
Vê-se a jovem com o guizado,
O guizado... com o "pirão".



Sob o fundamento da penuria geral, o governo argentino proibiu que um glutão comesse, em publico, cem maçãs para ganhar uma aposta.

De acordo com belas falas
E as doutrinas mais cristãs,
Quando o mundo come "balas",
Ninguém devora maçãs.

Cem maçãs! Tudo se faça
Para salvar o glutão!
— Se uma só tanta desgraça
Trouxe, um dia, ao pai Adão!..



Plantas de Beira-Mar

MURILLO ARAUJO
PARA "ALTEROSA"

AS PLANTAS de beira mar são aspérrimas; e têm folhas agudas, tão cortantes que são antes espinhos.

As plantas de beira mar não cresceram com o orvalho e a água pura, nem tiveram cuidados de jardineiros.

As plantas de beira mar têm arestas como as cristas de rocha em que brotam perdidas... São amargas, amargas como a onda amarga do mar. Aprendem a ira do vento, a desolação dos espaços, a secura da areia, a força do raio, a inclemência da onda, o delírio do sol.

As plantas de beira mar são escuras, porque junto às águas profundas há mais sombra nas noites.

As plantas de beira mar sonham tristes nas dunas como náufragas que a tormenta arrojou.

As plantas de beira mar não se alegram com arietas de pássaros, nem se enfeitam com azas de borboletas. Elas ouvem é o sussurro da morte e o segredo da espuma no abismo.

As plantas de beira mar têm o ar recolhido dos que observam o Destino... e meditam na grandeza da vida; e, no horizonte sem fim, sonham com Deus.

Não tomes, pois, em tuas mãos — meu amor — este meu coração todos abrolhos: feriria tuas mãos; porque as almas dos poetas são as plantas de beira do mar.

Têm as folhas aguçadas e amargas, tão cortantes que são antes espinhos. E aprendem a ira do vento, o vazio do espaço, a inclemência da onda e a revolta deslumbrante do raio.

Pobres almas escuras, vindas junto à água funda, do mais fundo da noite!

Não lhes pouses os dedos: suas flores, se têm luz, também queimam; Ah! são rosas de estrêlas...

A verdade se dilata e não se quebra, escreveu Cervantes em D. Quixote; e Santa Tereza disse: — a verdade padece mas não perece.

Roupas feitas e
Sob Medida

ARTIGOS PARA
MENINOS

UNIFORMES
COLEGIAIS E
MILITARES

VENDAS A
PRESTAÇÕES



Rua Tupinambás, 597

QUANDO se escreve é aconselhável guardar muita prudência, ponderando-se o que deve dizer e o que calar; evitar as críticas injustas, as palavras acerbas, as queixas e calúnias, em uma palavra — tudo que possa vir a ser comprometedor. "As palavras voam, os escritos ficam".

AOS SEUS AMIGOS E FREGUEZES NA
CAPITAL E NO INTERIOR DO ESTADO, a

Casa Geraldo Vasconcelos

O MAIOR EMPORIO DE ACCES-
SORIOS PARA AUTOMOVEIS

apresenta seus cumprimentos pela
passagem do ano, desejando
a todos um 1944 prospero e feliz;

AVENIDA PARANÁ, 33
TELEFONE 2-7375

AGUAS PASSADAS

(NOTAS DO MEU DIÁRIO)

1928

16

ABRIL

Em plena rua, um rapaz foi, hoje, esbofeteado por um chefe de família energético. Vinha o homem com a esposa que, por sinal, é jovem e bonita pela Avenida Afonso Pena. Ao cruzar a rua

São Paulo, um mocinho idiota disse um galanteio à gentil senhora. O marido partiu como uma bala sobre o mal educado, esbofeteou-o até lhe doerem as mãos. O jovem não reagiu, não fez o menor gesto de defesa, nem, ao menos, correu. Todos que assistiram à triste cena ficaram impressionados com a impassibilidade do rapaz. Covardia? Consciência de ter procedido com indignidade? Ninguém conseguiu explicar a inércia do infeliz d. Juan.

Afirmam que, na Espanha, o galanteio (piropo) é coisa vulgar. Os homens dizem frases amáveis e espirituosas quando, na rua, passam por lindas mulheres. Provavelmente isso é boato de turistas. Os espanhóis sempre foram bravos e ciumentos. Entre nós a moda nunca hade vigorar. A capital está cheia de maridos violentos como esse que hoje deu uma memorável lição ao malandro da Avenida. Quem sai de casa com a família está sujeito a todas essas contrariedades.

Conta o francês La Calle, que esteve no Rio, em meados do século XVIII, que os maridos daquele tempo nunca andavam ao lado das esposas na rua, mas precediam-nas "tendo a espada desembainhada de baixo do braço ou sob o capote". Será que em mais de um século progredimos tão pouco que o chefe de família tenha ainda de se armar contra os audaciosos, quando tiver de atravessar a rua com a esposa?

O galanteador de esquina é, sobretudo, estúpido. Que pode ele conseguir com meia dúzia de frases ridículas? A mulher que se embelçar pelo estilo do moço bonito e nulo é digna dele. Felizmente as outras são ainda em muito maior numero...

1932

4

MAIO

Um jovem poeta de uma cidade do norte de Minas suicidou-se por causa de uma mulher. Nos tempos que correm isso constitui um acontecimento raro. O que, antigamente, era regra tornou-se, agora, exceção. Não temos mais sonhadores. O vate moderno menos ambicioso deseja, no mínimo, um cartório. O amor, o romance, a aventura, são coisas velhas e ridículas.

Quantas namoradas teve Castro Alves nos seus 24 anos de existência? Aqui vai uma lista muito deficiente, segundo os seus biografos: Idalina, Eugénia Camara, Maria Carolina, Eulália-Filgueiras, Benidia Fraga, Candida de Campos, Agnese Murri e muitas outras. E tinha por todas paixão vulcanica, paixão de fazer vibrar todas as más línguas da velha Bahia. Isso é que é ser moço, isso é que é ser poeta!

Os literatos que andam por aí cavando empregos públicos e procurando bons partidos, não podem, de facto, compreender o gesto do jovem nortista que morreu de amor por uma mulher loura, dansarina de cabaré ou coisa ainda pior. Eu o compreendo perfeitamente porque já tive 18 anos, amei com fúria e compus poemas de sangue e fogo. Para ele, todo o meu afeto e a minha simpatia!

1913

28

AGOSTO

Aula de Direito Romano. Professor Edmundo Lins. Iniciada a preleção, o porteiro Samuel entra na sala e diz qualquer coisa, em voz baixa, ao grande jurista. Mestre Edmundo volta-se pa-

ra a turma e anuncia que, dentro em breve, receberemos a visita do Barão Homem de Melo, que foi uma das figuras mais eminentes do segundo império. Acrescenta que é uma homenagem que o velho político rende à Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Logo depois de pronunciadas essas palavras, entra na sala o Barão, ao lado de outros professores da casa. É um homem alto, magro, de barbas muito finas e brancas. Tem uma certa majestade no porte e no andar. Edmundo Lins cede-lhe, por cortezia, a cadeira de professor. O Barão aceita e exalta o valor da homenagem que recebe. Fala sobre o passado, sobre Pedro II. Diz coisas extraordinárias sobre o valor moral e intelectual do monarca. Uma hora de elogios calorosos ao homem que gostava de ser chamado neto de Marco Aurelio.

Finda a palestra, muitas palmas e vivas ao Barão. Ele terá dito a verdade? Pedro II foi mesmo o príncipe perfeito? E aqueles "sonetos do exílio", que Medeiros e Albuquerque jura que foram feitos por Carlos de Laet? E a inveja danada que tinha Pedro II de José de Alencar? E aquele prazer muito seu de ler e anotar cartas anónimas? O Barão Homem de Melo afirma que o monarca exerceu, no Brasil, a ditadura da honestidade; outros dizem que ele fez as maiores injustiças a José de Alencar e a Mauá. Ninguém pode julgar um homem sem paixão e, muito menos, um rei...

DJALMA
ANDRADE

CONTRA COMÉDIA DA VIDA

TEXTO E BONECOS

DE OSVALDO NAVARRO

Para ALTEROSA



Seu Trindade não é homem de grandes conhecimentos, bem ao contrário. Só tem o curso primário feito no tempo da taboada cantada e da vara de marmeleiro, o que, na sua opinião, vale o secundário de hoje...



Mesmo sem os recursos da matemática, dedica-se à estatística. Acompanha a marcha dos fenômenos, investiga causas e faz previsões. O cálculo das possibilidades tomou conta daquele crâneo!...



Ciente de que o arroz em um ano passara a custar o dobro, perguntou d. Terebentina ao marido:

— Quanto custava no ano passado?

Trindade, com ar vitorioso, empinou-se e afirmou: — Não é atôa que vivo queimando as pestanas aqui... Se não falha a estatística, em 1942 o tal arroz custava a metade...

VITRINE LITERARIA

CRISTIANO LINHARES

UM LIVRO PARA VOCÊ

QUEM aconselha a mulheres, a moças e velhas, leitura de livros deve ter presente ao espírito, assim nos parece, a consideração de que para elas, especialmente, o tempo é exíguo. Não porque trabalhem mais do que os homens, pois não é certo; mas porque o tempo delas é consumido por um número apreciável de pequenas ocupações, que devoram as horas do dia.

Demos-lhe a ler portanto livros bons e que não sejam volumosos. Aliás, muitas das obras-primas da literatura são volumes de poucas páginas, como "Candide", de Voltaire.

Pois James Hilton aumentou o acervo universal, ao escrever essa deliciosa novela que se intitula — "Adeus, Mr. Chips".

Excelentemente traduzida para o português por Elio Veríssimo, este ligeiro romance que se lê em uma hora deixa sobretudo uma agradável reconciliação com a vida.

O autor pinta um mestre-escola, Mr. Chips, que constitui a criação de uma grande, de uma empolgante figura humana, não por atos dramáticos mas, ao contrário, pela unidade entre a calma de sua existência e a identidade com os seus pensamentos, com suas teorias.

Mr. Chips acaba conquistando e dominando a todos, mestres e alunos, pela superioridade moral e pela bondade.

Por fim, passa a representar a figura central de todas as gerações, sempre querido dos rapazes, por entre os quais passou como um apóstolo do bem, sem nenhum aparato.

O livro tem o misterioso atrativo das grandes obras e não raro se sabe, ao certo, em que consiste tal encanto.

E' preciso salientar que é uma obra mais própria para espíritos maduros e vívidos, e não para moças ensofridas e inquietas.

Em Mr. Chips há uma arte de viver, uma filosofia do mundo e dos homens, que se resume no ideal de ser bom por natureza, sem nenhum esforço, sem nenhuma pose estudada.

Quem uma vez o leu voltará um dia a relê-lo, com saudades de Mr. Chips.

LIVROS NOVOS

CORAÇÃO INDECISO — Concordia Merrel — Romance — Livraria José Olímpio — Rio.

AO lado da literatura de guerra, aparecem ainda romances que nos mostram a trama psicológica e o trágico que encerram, para a vida, a solução de certos problemas sentimentais de uma família. Isso constituiu material de primeira ordem para a pena da hábil romancista Concordia Merrel, autora de "Coração Indeciso", que a Livraria José Olímpio acaba de lançar, numa ótima tradução de Cícero Franklin de Lima e Raquel de Queiroz.

FOGO MORTO — José Lins do Rego — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

COM seu novo romance "Fogo Morto", José Lins do Rego volta ao Nordeste, mas para apresentar aspectos inteiramente inéditos dos costumes e dos caracteres da gente daquela região. E como todo verdadeiro romancista, quanto mais regionalista mais universal ele o é. Não só por essa universalidade mas também pela naturalidade das criações romanescas, o autor de "Água Mãe" seduz o leitor. Atestam essa afirmação as edi-

ções sucessivas de seus dez romances, simples e naturais, humanos e brasileiros.

O ROTEIRO DAS GAIVOTAS — Daphne du Maurier — Livraria José Olímpio Editora.

DAPHNE DU MAURIER, a consagrada autora de "Rebecca" consegue, com extraordinária habilidade, forjar entrecos sentimentais. Nisto talvez resida o segredo de seu êxito. É que ela tem sabido usar o tempero de aventura e amor numa intensa narração, que constitui a própria vida de todos nós. "O Roteiro das Gaiivotas" está destinado a obter grande sucesso no Brasil, como já teve nos Estados Unidos, onde está sendo filmado. A sua tradução para o português foi feita pela consagrada escritora Raquel de Queiroz e lançada pela Livraria José Olímpio Editora.

ELE QUERIA DORMIR NO KREMLIN — Gerhard Schacher — Editora Prometeu — São Paulo.

DENTRE as numerosas obras sobre a guerra, ultimamente vindas à lume, merece especial destaque o substancial livro de Gerhard Schacher, "Ele queria dormir no Kremlin", que focaliza o fracasso da "Blitzkrieg" na Rússia. Seu autor, profundo conhecedor da política internacional, é uma das vozes mais autorizadas sô-

bre a situação criada pela guerra. Este livro foi caprichosamente traduzido por Lívio Xavier, e apresentado em edição muito bem cuidada pela conceituada Editora Prometeu, de S. Paulo.

PORQUE SOFREMOS — Huberto Rohden — 1943.

AS OBRAS de Huberto Rohden fazem parte, hoje em dia, da vida espiritual do Brasil. Sem dúvida um dos espíritos mais cultos e esclarecidos, iluminado pela luz divina do Evangelho, a pena do grande escritor patricio tem produzido verdadeiras obras, cujo valor dia a dia vem conquistando um público ávido de conforto para o espírito e fé nos destinos prometidos pelo Mestre.

Sua última obra, "Porque sofremos", é, como disse alguém "um presente do céu no meio do sofrimento universal que envolve a humanidade".

O que o autor nos diz sobré a dor humana, à luz da Biologia, da Filosofia e do Evangelho, é tão antigo e tão novo, tão sabido e tão ignorado, que o leitor encontra a cada passo a sua própria vida e pessoa.

Com referência a esse novo monumento cristão, basta citar o que disse a imprensa do Rio e de S. Paulo — "a mais genial filosofia de vida que já se escreveu no Brasil".

MARCO ZERO — Romance de Oswald de Andrade — Livraria José Olímpio Editora.

A PARECEU recentemente nas livrarias o romance que estava sendo esperado, de há muito, como a maior "sensação literária" dos últimos tempos — "Marco Zero", o primeiro volume de uma série de romances em que Oswald de Andrade irá fixar, em memorável afresco literário, a realidade social do Brasil. Quanto ao valor da obra, basta dizer que foi um dos romances indicados para concorrer ao Segundo Concurso Literário Latino-Americano. E está destinado a marcar época, agitando os meios literários do país, neste fim de ano. Editado pela Livraria José Olímpio Editora.

CAIRU — "precursor da economia moderna" — José Soares Dutra — Editora Vecchi.

A CABA de vir à luz, em bem apresentada edição da Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, uma excelente biografia do Visconde de Cairú — precursor da economia moderna, da lavra de José Soares Dutra.

Trata-se de uma obra indispensável a todos os estudiosos da história pátria, cabendo-lhe lugar de destaque na estante de estudos brasileiros.

A LUTA PELO DIREITO — Rudolf von Ihering — Editora Vecchi — Rio — 1943.

OS GRANDES PENSADORES, coleção filosófica mais econômica, mais completa e mais criteriosa que até o presente se publicou em língua portuguesa, acaba de ser enriquecida com mais um valioso tomo — "A Luta pelo Direito", de Rudolf von Ihering. Esse livro está conscienciosamente traduzido por Persiano da Fonseca e editado em elegante volume pela Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

RUI, O ESTADISTA DA REPUBLICA — João Mangabeira — Livraria José Olímpio Editora.

JOÃO MANGABEIRA, figura de grande projeção no meio intelectual do país, tendo tido uma longa carreira política, testemunhou muitos acontecimentos fundamentais da nossa História Moderna. Contando, pois, com uma copiosa e exaustiva documentação além de seu testemunho pessoal, dá-nos, agora, um livro de enorme valor informativo e de muitos outros méritos. Em lugar de uma biografia nos moldes comuns, temos as diferentes fases da vida de Rui

Barbosa estudadas separadamente, como se cada uma já constituísse, por si só, a trajetória completa de uma existência gloriosa, voltada sempre para o engrandecimento da Pátria. "Rui, o Estadista da República", é uma obra de leitura indispensável a todos os brasileiros e acaba de ser editada pela Livraria José Olímpio, na coleção "Documentos Brasileiros".

AMOR, SUPREMO AMOR... — Heinrich Heine — Editora Vecchi — Rio.

AS páginas de "Amor, supremo amor..." são as mais emotivas, líricas e delicadamente ironicas que brotaram da pena genial de Heine. Há muito que se fazia sentir a necessidade de uma tradução vernácula da obra capital de Heine, feita com o esmero, o vigor e a fidelidade com que Edson Carneiro realizou a de "Amor, supremo amor...", e que a conceituada Casa Editora Vecchi acaba de publicar em elegante volume.

ABANDONADOS — Nevil Shute — Editora Vecchi — Rio.

ABANDONADOS é o mais vigorosamente dramático, humano e comovedor dos romances desta guerra; a crítica julgou-o uma obra prima, e tanto no livro como no filme, conquistou o favor do público em numerosos países, consolidando desse modo o grande renome que, como romancista, Nevil Shute já era conhecido. A tradução desse magnífico romance foi feita esmeradamente por Cruz Cordeiro, e editado em volume muito bem apresentado pela Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

40 GRAUS A SOMBRA — Jenny Pintel de Borba — Borba Editora — Rio.

Omagistral romance de Jenny Pintel de Borba — "40 graus a sombra" foi, nestes últimos dias lançado, em segunda edição, pela Borba Editora do Rio de Janeiro. A nova apresentação desse livro da romancista das altas temperaturas passionais é uma satisfação ao grande público que, insistentemente, procura nas livrarias esse romance considerado um dos maiores de lavra feminina apresentado no Brasil e cuja primeira edição se esgotou em pouco tempo.

JOANA D'ARC — Jules Michelet — 2.ª edição — Editora Vecchi — Rio — 1943.

Ea biografia de "Joana D'Arc" uma das obras mais justamente perduráveis que produziu esse excelente escritor de língua francesa que se chamou Jules Michelet. Esta biografia da donzela de Orleans, cuja tradução magnífica esteve a cargo de Antonio Lages, acaba de merecer as honras de uma segunda edição, primorosamente apresentada pela Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

A FAZENDA — Louis Bromfield — Editora Vecchi — Rio — 1943.

Ogrande romancista norte-americano Louis Bromfield acaba de ter vertido em português o seu romance "A Fazenda", considerado por muitos críticos como sua obra prima. Louis Bromfield é fino, requintado artista literário que escolhe para seus romances argumentos de rara beleza, traça os caracteres de seus personagens com grande firmeza e realismo e aformosêia seus livros com um estilo diáfano e fluente. "A Fazenda" mereceu da Casa Editora Vecchi a honra de uma edição magnificamente apresentada, e em ótima tradução de Marina Guasparini.

JALNA — Romance de Mazo de La Roche — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

JALNA é um romance cíclico, que estuda uma família de proprietários rurais na região canadense dos

Grandes Lagos. A dramaticidade, o calor humano, a beleza da paisagem, a realidade efetiva dos fatos e dos personagens, tudo faz desse romance uma obra estuante de vida. "Jalna" aparece em língua portuguesa traduzido pelo escritor Herman Lima, e é uma das mais felizes iniciativas da Livraria José Olímpio Editora.

FRANKENSTEIN — O criador e o monstro — Mary Shelley — Romance Cinematografado — Editora Vecchi — Rio, 1943.

ACABA de sair dos prelos da Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, em edição de esmerado acabamento, o famoso romance de Mary Shelley — "Frankenstein — o criador e o monstro". Esse sensacional romance foi primorosamente traduzido por Stela Martins Paredes.

A obra da escritora americana empolga pelos seus mínimos detalhes e faz estremecer os nervos mais ousados.

O CISNE NEGRO — romance filmado — Rafael Sabatini — Coleção "Os Audazes" — Editora Vecchi — Rio, 1943.

O"CISNE NEGRO", do famoso romancista inglês Rafael Sabatini, é mundialmente considerado o mais empolgante e dramático romance de aventuras de nossos tempos. Amor e aventura, drama e sangue, audácia e heroísmo, luta e morte, dão a esse livro o vivo colorido que só Rafael Sabatini soube imprimir às suas criações.

Traduzido magnificamente por Eneas Marzano, mereceu cuidadosa edição da Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

VENTO LESTE, VENTO OESTE — Romance de Pearl Buck — Livraria José Olímpio Editora.

ONOME de Pearl S. Buck dispensa qualquer apresentação ao público brasileiro. Traduzidos para o português, alguns livros da famosa romancista norte-americana já lhe asseguraram a nossa completa admiração.

Merece, entretanto, registro especial o aparecimento de "Vento Leste, Vento Oeste", que é, sem dúvida, uma das obras mais características de Pearl Buck.

Esse romance foi fielmente traduzido pelo escritor Valdemar Cavalcanti e incluído na coleção "Fogos Cruzados", da Livraria José Olímpio Editora.

O AGRESSOR — romance de Rosário Fusco — Livraria José Olímpio Editora.

ROSÁRIO FUSCO é um nome conhecido nos meios culturais do país, pelas suas fecundas atividades de crítica. Estrelando como romancista, põe em ação tipos vivos e humanos, contando uma longa história impressionante, encadeando fatos com extraordinária acuidade psicológica, que o coloca em situação de relevo entre os nossos romancistas.

"O Agressor" é um magnífico romance, apresentado em ótima edição pela Livraria José Olímpio Editora.

POETAS E PROSADORES



Emilio Moura

APOESIA de Emilio Moura é um dos reflexos de sua personalidade, que é íntima e sem aparato. É ela feita da essência das emoções e dos pensamentos, sendo que a sua filtragem não se apurou nos instrumentos mecânicos do artifício senão na decantação da raça e da terra, da meditação e do sofrimento.

Uma das finalidades da poesia é a de libertar-se da música, do ritmo da música, não se dirigindo nem ao ouvido nem à vista, mas ao sentimento, à emoção. O estro de Emilio não tem orquestração, tem melodia e esta provém do gosto espontâneo e afinado,

da interpretação grega da vida, que só é vida como face visível e emotiva da beleza.

É verdade que o estrépito, sinal de tudo no Brasil, costuma apagar um pouco a melodia, mas, por outro lado, não é menos certo que a melodia fica, é ressonância universal.

O que se deve dizer é que Emilio Moura possui personalidade de poeta, e isto se deduz tanto de sua existência como de sua palavra. O poeta é criador, interpretador, magnificador. Não vive para consumir a vida, tão somente vive para engrandecê-la, para deixá-la inapagada na memória dos homens.

As criaturas imediatistas matam a vida, matam o mundo, que começa nelas e acaba nelas. A vida e o mundo não existiriam se só houvessem os homens limitados, porque tudo neles é exclusivamente individual.

São compartimentos estanques no universo e só trabalham com os apêndices da espécie, braços e pés.

O artista, não. O sábio, não. Estes estabelecem a continuidade permanente da vida.

A poesia de Emilio Moura é uma das fontes mais puras do ato de viver, sendo por isso uma garantia, uma alegria, um benefício de todos.

Mas nem só na poesia excede o autor do "Canto da hora amarga". Também na prosa, na prosa que une a finura, a graça à propriedade e justiça do pensamento.

Falta ao artista o aparato cênico, mas é o caso de se dizer, se ele o tivesse, deixaria de ser como é, seria diferente.

Mas, ao cabo de tudo, só vencem os que são iguais a si mesmos e não se parecem com ninguém.

O poeta de "Ingenuidade" fez o seu caminho através dos espíritos de privilégio, através dos que sabem e estimam a arte.

Isto é a vitória.

TRISTE FIM DE UM PENITENTE

QUANDO a gente contempla em qualquer gravura, broche ou estatueta, a figura do Buda, com seus olhos amendoados, suas pernas cruzadas, abismado na visão do próprio umbigo, mal pode imaginar o pitoresco, o agitado da vida daquele príncipe indú, que fundou uma religião, muitos séculos antes de nossa era, e teve seu novo credo disseminado por imensa área do mundo asiático, onde hoje milhões de criaturas humanas o adoram. A lenda se apoderou de tal modo de sua vida, de seus gestos e de seus atos, que se torna impossível separar o que existe de real do que é apenas imaginação e mito, a ponto de muitos estudiosos negarem até mesmo a existência histórica do Buda.

Algumas dessas lendas são, na verdade, bem curiosas e divertidas. A imaginação oriental trabalhou ativamente em torno dos passos da vida terrestre do jovem príncipe Siddhartha. No seu livrinho sobre o Buda (O BUDA — Leon Feer — Edições Cultura — S. Paulo — 1943), Leon Feer escreve: “Na biografia tradicional de Sakyamuni, (é um dos vários nomes do Buda), a ficção mistura-se frequentemente com a realidade. Sua vida está cheia de prodígios; prodígios em seu nascimento, prodígios em sua morte, prodígios no intervalo. Não existe quase acontecimento em que o Buda tenha tomado parte, que seja apresentado como coisa natural; o elemento místico está constantemente associado ao elemento histórico”.

Começa o maravilhoso extravagante pelo nascimento, que é contrário a todas as regras da obstetrícia. Dez meses antes de nascer havia penetrado pelo lado direito, no seio de sua mãe, sob a forma dum pequeno elefante branco, e após o período de gestação, sai pela mesma via, já transformado em criatura humana, superando nessa metamorfose espantosa a conhecida transformação do bicho da seda em borboleta.

Não fica nisto a maravilha. Logo que nasceu, o menino portentoso deu sete passos nas quatro direções cardinais e anunciou que viesse para destruir a doença, a velhice e a morte. Mas parece que não cumpriu sua promessa, pois não somente ele mesmo esteve doente, envelheceu e morreu, mas nós, humanos, continuamos a adoecer, a envelhecer e a morrer.

O nascimento do Buda não foi apenas maravilhoso, mas também solene. Imagine-se que os deuses Brahma, Yndra e outros graúdos do império indú estiveram presentes ao ato e por certo, como as fadas das histórias de Trancoso, prenderam o jovem príncipe de todas as virtudes e qua-

OSCAR MENDES PARA “ALTEROSA”



lidades. Como resultado desses presentes de nascimento, o recém-nascido apresentava em seu corpo, de acordo com as verificações feitas pelos adivinhos da corte, os trinta e dois sinais principais e os oitenta secundários, que caracterizam o grande homem, isto é, os destinados a dominar os outros pela soberania ou pela sabedoria. Ao todo cento e doze requisitos! Como é difícil ser grande homem!

E' inútil acrescentar que o Buda foi o que se chama um menino precoce. Pois se já nascera andando e falando! Na escola, foi o terror dos professores. Sabia muito mais do que eles. Tudo lhe era facilitado. Prodígios inúmeros lhe tornavam a vida igual ao famoso “lago azul” do poeta. Apesar de todas essas vantagens, o Buda vivia triste e enfiado, doente daquilo que o povo chama “excesso de barriga cheia”.

Vendo a tristeza do rapaz, a família resolveu casá-lo, como se isso não fosse complicar mais a vida do príncipe entediado. E complicou mesmo, porque parece que, em lugar duma só esposa, arranjaram-lhe três. Mas parece que nem isso, bastou para desenterrar o Buda. As lendas budistas

falam em sessenta mil mulheres das oitenta mil esposas que ele teve. O homem era mesmo maravilhoso. Teve oitenta mil esposas e morreu em idade de prolecta.

O mais certo é que foi uma esposa só, a qual após dez anos de casados lhe deu um filho. Mas já por essa ocasião, a tristeza e o enfartamento do Buda haviam atingido o seu auge e o príncipe largou mulher, largou filho, largou tudo, para se tornar eremita e penitente. Diz uma tradição do norte da Índia que o motivo dessa resolução foram as suspeitas do Buda a respeito da fidelidade da esposa, pois o filho nascera seis anos depois de haver-se ele separado da mulher. Esta, para provar sua inocência e o maravilhoso do nascimento desse filho do ainda mais maravilhoso Siddhartha, jogou o menino, preso a um burrinho e a uma pedra, dentro dum açude. Os três sobrenadaram, o que vinha provar a inocência de Yasodhara e a paternidade do Siddhartha.

Essa prova de paternidade não persistiu nos costumes dos tribunais até nossos dias.

Apesar de tudo isso, o Buda não quis ficar mesmo no palácio do velho e resolveu fugir. Sua fuga foi também maravilhosa. Os deuses vieram auxiliá-lo, pondo as mãos debaixo das patas do cavalo, em que ele estava montado, para evitar que o tropel acordasse os guardas do palácio. Um pobre mortal qualquer teria apenas enrolado os cascos do animal em pano. Mas para servir ao Buda, os deuses deram-se ao incomodo de fazer de suas mãos pneumáticos para o veículo animal que transportava o colega.

Sua vida de penitente tem também seus aspectos lendários e cômicos. Um destes é o que ocasionou a rutura com seus companheiros de penitência. O Buda estava jejuando e mortificava-se terrivelmente, chegando às vezes a passar todo o dia, tendo por alimento apenas um grão de arroz, mas nada de adquirir a sabedoria suprema que almejava, com tão extenuantes penitências e mortificações. Depois de seis meses desse regime de emagrecimento, resolveu provar duma saborosa sopa de leite e mel. Seus companheiros de ascetismo ficaram indignados e o abandonaram. Aquilo era um desafio. O Buda continuou, porém, sua vida de ascetismo e de meditação, porém, não mais com tamanho rigor.

Não acompanharemos suas numerosas peregrinações por toda a Índia, algumas delas, dizem as lendas,



BUDA DE KAMAKURA

(Conclui no fim da revista)

A
ESTRADA
QUE CONDUZ
RÁPIDAMENTE

A
Fortuna
E
A *Felicidade!*



EXTRAÇÕES TODAS AS SEXTAS-FEIRAS

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

A NOSSA LOTERIA

Grandes Vultos de Minas Gerais

QUANDO se travavam os debates na Constituinte Mineira, em 1891, se é certo que novos homens começaram a aparecer em nosso cenário político, não é menos certo que alguns dos maiores homens de nossa gente passavam definitivamente para o ostracismo, onde deveriam brilhar apenas com o próprio brilho, sem relevo nem o artifício das posições.

Tal, por exemplo, Lafaïete Rodrigues Pereira.

Mineiro, que gozava de uma rara autoridade intelectual no país, porque ninguém como ele sabia o nosso Direito e ninguém jamais escrevera obras jurídicas tão perfeitas entre nós, a sua carreira se perfizera longe dos eleitores, porque era a elite que o convocara. Assim, conquanto assinasse o manifesto republicano de 1870, viera, poucos anos depois, a ser ministro, e, o que mais é, organizador de um gabinete.

Pode-se bem imaginar o que diriam os seus antagonistas de suas idéias republicanas e de sua reviravolta e o que fez para defender uma causa, ao parecer, insustentável. A luta foi tremenda, mas a defesa foi por igual completa. Com o tempo, o convívio com Pedro II estabeleceu vínculos de afeição que possivelmente lhe influíram nas idéias, e o que não dá margem a dúvidas é que, leal ao velho imperador, soube manter-se-lhe leal na desgraça, quando fácil lhe fora desencavar os seus velhos títulos de republicano...

Lafaïete não era, como Ouro-Preto, um chefe de partido, porque não tinha o segredo de aliciar homens. Nem segredo nem paciência. Vivia sempre diante de seus problemas, buscando-lhes soluções, na lição dos livros e na reflexão demorada. Tinha admiradores, não tinha partidários. Melhor, eram os chefes do partido os seus partidários, porque bem lhe avaliavam a inteligência, a cultura, o devotamento, a honestidade, a pugnacidade.

Era, por isso, bem explicável que as camadas inferiores do partido não lhe tivessem apêgo, e que os medíocres o encarassem como um intruso, porque alcançava nas delícias da Corte o que eles não alcançavam nas querelas bravias do sertão. Isso, quanto aos homens de seu partido, porque, quanto aos do partido adverso, quer a eminência de seus méritos quer a veemência e o brilho com que os defrontava, no parlamento ou na imprensa, o sentimento devia de ser ódio, e ódio puro...

Que pensariam dele os constituintes mineiros de 1891? Evitava-se-lhe o nome, como o diabo a cruz, mas, como não era possível apagarem-se todas as estrelas, não poderia deixar de ser invocado. Acode-me, por exemplo, o que de si próprio, dêle, Lafaïete, e de Pedro II asseverava Afonso Pena, e é que, sendo adeptos do provimento da magistratura por concur-

LAFAIETE

Escreveu:
MÁRIO CASASSANTA

Ilustrou:
ANTONIO ROCHA

so, se submeteram à opinião da maioria do gabinete. E' certo que Afonso Pena, enaltecendo as virtudes de Pedro II, passa em silêncio as de Lafaïete, mas o elogio a um era também o do outro, e, de qualquer modo, a invocação era corajosa.

Que pensaria, por sua vez, de tudo o que se estava fazendo, o nosso maior e melhor jurista?

Lafaïete mantinha-se fiel à causa monárquica e não acreditava absolu-

tamente na permanência da república. Esperava que ela caísse de uma hora para outra, por si mesma, sem empurrão de quem quer que fosse, e, por isso, abstinha-se de conspirações.

Essa fidelidade à causa monárquica não brigava evidentemente com os seus ideais democráticos, porque, ao contrário, era precisamente na velha forma de governo que via a possibilidade da democracia, em nosso país.

Prova de que, primeiro monarquista, depois republicano, e finalmente, monarquista, jamais deixara de espessar os melhores ideais democráticos, está na bela carta, em 1904, endereçada a Cesário Alvim.

Comunicando-lhe que lhe enviava um pouco de terra e uma pedrinha que colhera no túmulo de Jorge Washington, traça um belo perfil do estadista norte-americano e reafirma os ideais democráticos que foram as constantes de sua vida pública.

Colhera aquele punhado de terra e aquela pedrinha, antes de proclamada a república, porque a proclamação o surpreendera em missão diplomática nos Estados Unidos, e o que disse, quinze anos depois, refletia necessariamente o sentimento que o animava a colher aquela terra e aquela pedrinha.

Os que apregoavam a dureza, senão a malignidade de Lafaïete, ficariam assombrados, se o vissem nessa ação comovente de culto e de veneração, como os que lhe leem hoje a carta podem admirar-se, sem reservas, de como um movimento republicano pôde pôr de lado tamanho devoto da causa democrática...

Tudo nessa carta é lapidar. Aquele punhado de terra e aquela pedrinha tinham para ele a força das reliquias. "Para mim são objetos sacratíssimos, porque estiveram largos anos em contacto com os restos mortais do herói e absorveram em si alguma coisa desses restos".

Washington afigurava-se-lhe digno de todas as consagrações. "A antiguidade teria sagrado o general um semi-deus".

Washington assumia a própria chefia dos heróis, porque acima de Alexandre, Aníbal, Cesar, Alexandre o Grande e Napoleão. "Mas ele foi maior do que todos eles, porque tinha em grau mais elevado do que eles o respeito dos direitos do homem..."

Vê-se claramente que Lafaïete encara a Washington, como um devoto a seu ídolo, e não é sem ternura que se lhe lê a narração da romaria: "Fiz



Lafaïete Rodrigues Pereira

também a minha peregrinação a Mont-Vernon..."

Escrevendo essa carta, quinze anos depois da queda da monarquia, e escrevendo-a a um dos chefes da república, o nosso patricio não quis de certo lançar mão de um pretexto, para indiretamente queimar incenso à república e aos detentores do poder. Longe disso. O elogio a Washington envolvia uma crítica aos vencedores da hora, porque nada mais em desarmonia com a intolerância e a truculência dos primeiros anos do regime republicano entre nós do que a elevação de Washington e de seu clima.

Isso lhe ressaí implicitamente da carta, e, explicitamente, nada mais claro do que diz acerca da constituição norte-americana: "Sapientíssima para o povo para quem fora formulada, mas absolutamente inaplicável às raças latinas — do que dão prova decisiva, deslumbrante, os ensaios dos imitadores servis (*o imitatores, servum pecus!*), e ridículos dos povos latinos das duas Américas..."

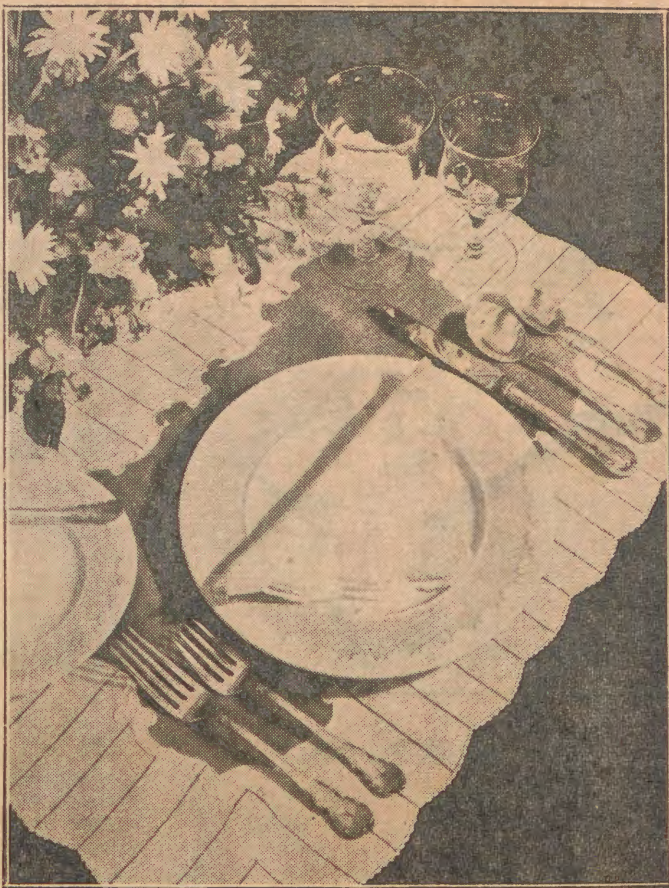
Essa carta de Lafafete vem lembrar-nos a necessidade de se lhe publicar toda a obra, para que o Brasil pensante se ponha em contacto com um dos homens que mais alto pensaram em nossa terra. Cabeças dessa qualidade são raras em países novos como o nosso. Por que deixá-las esquecidas, quando o que ensinaram é ainda oportuno, não tendo feito o tempo outra coisa se não acrescentar-lhe a comprovação da experiência?

* * *

LIVROS E BRINQUEDOS

AS EDIÇÕES MELHORAMENTOS estão lançando ultimamente uma série de livros para crianças e brinquedos para armar, de grande atualidade e muito bem selecionados.

Ainda agora, tivemos oportunidade de receber os seguintes trabalhos: "No fundo do mar", livro de histórias para crianças de autoria de Lucia Machado de Almeida, com magnífica encadernação e excelentes gravuras; "Brinquedos, para os dias de folga", de autoria de Marianne Mullenhoff, tradução e adaptação de Pedro de Almeida Moura, luxuosamente encadernado e magnificamente ilustrado, ensinando à criança como armar os seus próprios brinquedos, construindo-os em sua própria casa com material caseiro; "Os companheiros de Branca de Neve", de Walt Disney, com magníficas gravuras a cores; "Pato Donald", outro excelente trabalho de autoria do famoso desenhista americano, com gravuras coloridas; e "Lulús e Bichanos", com lindas figuras coloridas para serem recortadas e, com elas, formados outros brinquedos.



LOUÇAS — CRISTAIS
FAQUEIROS — PORCELANAS

SEMPRE POR MENOS
— NA —

CASA CRISTAL • RUA ESP. SANTO, 629.
ESQ. DA AVENIDA

ALBERTO RENART



Alberto Renart

ALBERTO RENART, que já vem prestado às nossas páginas o brilho da sua colaboração, é escritor dos mais conhecidos e admirados do Brasil.

Jornalista, escritor admirável e poeta magnífico, alia a essas esplendidas manifestações do seu talento, o mérito do seguro tradutor que é do inglês, espanhol, italiano, francês e alemão.

A Alberto Renart nossa homenagem e nossos agradecimentos pela valiosa colaboração nesta revista.

ENRIQUECENDO. todo o BRASIL!



LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

EXTRAÇÕES EM JANEIRO DE 1944

Dia	Premio maior Cr\$	Preço - Inteiros Cr\$
3	400.000,00	50,00
5	400.000,00	50,00
8	1.000.000,00	120,00
12	400.000,00	50,00
15	500.000,00	70,00
19	400.000,00	50,00
22	500.000,00	70,00
26	400.000,00	50,00
29	500.000,00	70,00

*

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

EXTRAÇÕES EM JANEIRO DE 1944

Dia	Premio maior Cr\$	Preço - Inteiros Cr\$
7	200.000,00	30,00
14	200.000,00	30,00
21	200.000,00	30,00
28	200.000,00	30,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781
CX. POSTAL 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"
BELO - HORIZONTE

NÃO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES



"ESTA É A TUA HERANÇA"

MARIA estava em vésperas de dar à luz uma criança, quando a sua pequena cidade, na Iugoslávia, assistiu à bárbara invasão alemã. Pedro, seu jovem esposo, conseguiu escapar milagrosamente e foi se unir aos seus companheiros do Partido Iugoslavo, que davam combate aos cruéis invasores. Poucas semanas depois, ferido mortalmente em ação, ao sentir que a vida lhe escapava, pediu aos seus camaradas papel e lapis e endereçou uma carta a seu filho, que estava para nascer.

Os leais companheiros, sem exceção, leram as suas últimas palavras. E essa carta sublime foi incorporada ao folclore daquele país. Há algumas semanas, chegou até Londres, e daí foi divulgada para o mundo inteiro.

Eis o que Pedro escreveu:

"Meu filho, quero-te muito. Quando fores homem, sentirás algo secreto em teu coração, que te dará um poder irresistível para lutar por ar e por luz. Esta é a tua herança inexorável — lutar sempre pela liberdade, sempre avante!

Não deixes que se extinga a chama intrépida da tua juventude; mas que o ilumine, assim como o clarão sempre alerta é a sentinela da fenda desolada.

O espírito secreto da aventura e admiração, o regalo espiritual da imortalidade, te serão dados em tua infância. Que possas sempre guardá-los em tua alma.

Sonha e luta sempre com boa fé e coragem sublimes neste mundo falso, onde os homens vivem profundamente cansados!

Alimenta sempre o teu amor à vida, mas risca de teu espírito o temor da morte! A vida deve ser eternamente amada, ou então é uma vida perdida.

Não permitas que morra em ti o deleite da amizade, contanto que saibas reconhecer os teus amigos!

Cultiva sempre tua admiração pelas coisas belas e elevadas, assim como o sol e ao raio, à

— Conclui no fim da revista —



○ CRIADOR de abelhas, acostumado a pressentir os movimentos internos da colmeia, percebe com antecedência a eclosão do enxame. Parece que há entre elas confabulação prévia, preparação harmoniosa, de modo que as poetisas do mel afiam as asas, exercitam os movimentos, animam-se de entusiasmo, até que, em certo momento, como se fizesse a um sinal dado, todas abrem o vôo, desatam o sussurro geral e, então, o espaço em torno ao cortiço se coalha de milhares de abelhas, tontas, alegres, festivas e bêbedas de ar e de azul.

E' um turbilhão. E' uma espécie de euforia dionisiaca que toma a cada uma e a todas ao mesmo tempo. E' o enxame.

O homem procede de igual maneira, porque o tumulto, a guerra ou a emoção coletiva são características dos indivíduos sociais.

Há o espírito ou a alma de cada espécie que dá mostra de sua vibração em determinadas fases da vida em comunidade. Parece que não se pode sofrer ou alegrar-se isoladamente. E é por isso que os homens fazem poemas assim das dores como das alegrias que os assaltam e ambas encontram ressonância permanente em todos os corações.

Até as nossas esperanças são multitudinárias.

Vejam vocês como o ano novo se traduz pela animação das almas em todas as partes da

terra, nas cidades, nos arraiais, nos campos, nas choupanas humildes. Um clamor de fé levanta-se, como se fôra um cântico, em cada alma e todas se ligam, se unem na fraternidade de bons desejos, de esperanças comuns.

A impressão é de que a vida amanhece nas almas, apagando a sombra da tristeza e a névoa do aborrecimento. E assim como a primavera põe o brôto e a flôr na árvore, mesmo na árvore velha, também o ano que chega traz a fé, traz o sorriso a cada coração e a cada fisionomia.

-- Mas isto não passa de convenção, dirá o filósofo.

— Sim, é convenção, mas uma convenção que se transformou em costume, em sentimento, em sinceridade. E por esta razão modela e afeiçoa o espírito.

Há também que considerar a necessidade humana de renovar-se, que é a maneira mais eficaz de não envelhecer, de não consentir em morrer, como dizia Goethe. Mas nos apegamos a essas convenções sociais, criadas pelo temor da morte, como o naufrago se agarra a uma tabua ou a um galho de árvore na ribanceira. São um apôio.

Esses hiatos plantados em meio da vida social representam o mesmo refrigério do oasis no deserto ou da sombra em meio do caminho. São o repouso, o respiradouro, o descanso. Reanimam as forças gastas.

Muita gente pensa que esses costumes, essas tradições, como eles dizem, vão acabar, estão acabando.

Rabugice de gente velha. Saudosismo unilateral.

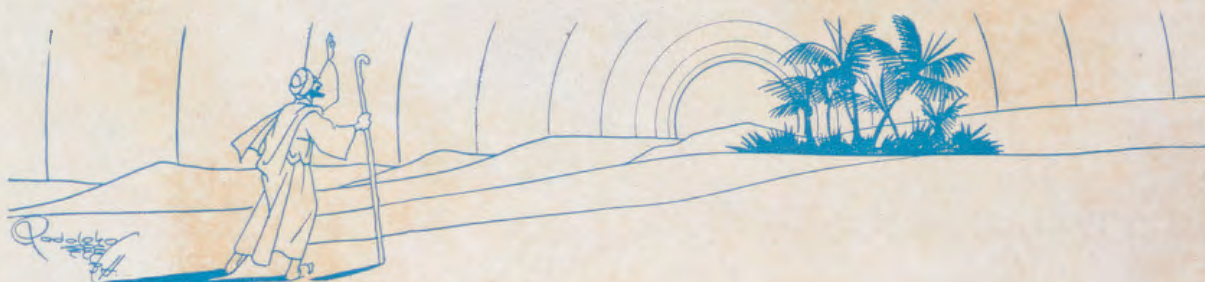
Não acabam nunca, transformam-se, tomam nova modalidade, de acordo com as tendências de cada época. Não acabam porque são tão úteis ou necessárias ao homem como o mesmo pão, pois que vivemos tanto de pão como de esperança.

Examinem bem a finalidade imediata dessa cordialidade entre as almas no Natal e no fim de cada ano. Que visam essas comunicações sentimentais? Visam a estreitar a amizade, a unir os corações, a fraternizar as inteligências afins, a recordar sonhos passados, a harmonizar as famílias, a revigorar o amor que se ia desatando, a espalhar alegria entre companheiros. E tudo isso se opera com a dádiva, com o vinho, com a flor, com a dança, com a música, com o canto, com tudo o que faz a vida bela e bôa para ser vivida.

Todos os povos adotam tais hábitos que são imemorais, demonstrando por esta eternidade que são inseparáveis da vida coletiva.

Entreguemo-nos pois a tais expansões, refrescando a alma de tantas amarguras que a entristecem nesta hora, nesta hora de suor, lágrimas e sangue que o homem derrama sobre a terra, na enganosa esperança de salvar a humanidade.

Começemos uma nova vida, mesmo que isto não passe de vão desejo de vida nova.



"Belo Horizonte não podia permanecer na

DENTRE as várias solenidades que tiveram lugar em dezembro último, em comemoração ao aniversário de nossa Capital, merece especial referência, pela significação de que se revestiu, a homenagem com que o "Rotary Clube" brindou a cidade, fazendo realizar em sua honra um de seus jantares semanais no Grande Hotel.

A reunião, que foi uma das mais concorridas e expressivas que já realizou a prestigiosa entidade, teve o comparecimento de grande número de convidados ilustres, incluindo o prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira, que ali esteve para receber as manifestações dos rotarianos à Capital.

Nessa ocasião, pronunciou o prefeito de Belo Horizonte um magnífico discurso, no qual consubstanciou tudo que a sua administração promoveu em favor do progresso da Capital, no que — salientou o sr. Juscelino Kubitschek — nunca lhe faltou o mais decidido apoio do governador Valadarez Ribeiro.

ALTEROSA tem o prazer de estampar nesta edição o discurso do Prefeito da Capital, na íntegra, afim de que seus leitores possam tomar conhecimento ao quanto se tem feito pelo progresso da cidade, desde o advento da administração Juscelino Kubitschek, em 1940.

O DISCURSO DO PREFEITO

Depois de se fazerem ouvir diversos oradores, que saudaram a cidade, incluindo o historiador Abílio Barreto e o dr. César Salgado, usou da palavra o prefeito Juscelino Kubitschek, que assim se expressou:

"Seja-me permitido, ao ensejo desta homenagem à cidade, renear o culto de meu apreço e de minha admiração aos componentes do Rotary de Belo Horizonte. Não é esta a primeira vez que me acolhem à sombra generosa de seus propósitos. De olhos abertos aos anseios da cidade, cujo progresso acompanham com serena afeição, não se acautelam os rotarianos na estéril indiferença. A mesma nobreza que lhes faria condenar medidas contrárias aos interesses da cidade, leva-os a estimular com a força segura e firme de seu aplauso, providências que dizem respeito a vitais aspectos da existência de Belo Horizonte". Ainda ecoa dentro de mim a sonora vibração de vossas palavras quando, por iniciativa do ilustre e digno rotariano, sr. Castilho, recebi o pronunciamento consagrador de vosso apoio à iniciativa já em execução do Lar dos Meninos.

Problema que fere, no âmago, um dos aspectos mais trágicos das cidades em que a vida se vai tornando tumultuária, Belo Horizonte corria a se inquietar com a torrente infeliz dos menores, que, sem destino, pelas ruas, aprendiam, nesta escola ondulante e perigosa, todos os caminhos misteriosos e desoladores que levam ao crime. E aos empreendimentos que o governo do Estado aqui mantém e aos quais o governador Benedito Valadarez assistia com carinho e devotamento a citar-se entre os principais a Oficina-Escola "Alfredo Pinto" e a Granja-Escola "João Pinheiro", largamente ampliadas pela atual administração estadual, vem agora a municipalidade emprestar o concurso do seu esforço, dotando a cidade de institutos que correspondam à sua veloz escalada, e que, traduzindo os anseios generosos e humanitários dos

AGRADECENDO A HOMENAGEM DE QUE FOI ALVO NO "ROTARY CLUBE", O PREFEITO JUSCELINO KUBITSCHKE FAZ UMA EXPOSIÇÃO DOS GRANDES MELHORAMENTOS REALIZADOS PELA SUA ADMINISTRAÇÃO

habitantes da capital, coloquem a administração de Belo Horizonte à altura do apreço dos seus munícipes.

A emoção que vosso gesto despertou faz acender em meu sentimento a clara noção das responsabilidades que me tocam como prefeito e como cidadão.

Colocado, pela confiança desvanecedora do sr. governador, à frente dos destinos de Belo Horizonte, nem um momento sequer me entibei em face dos esmagadores problemas que a mais risonha e jovem cidade do Brasil apresenta à argúcia dos seus administradores.

Era-me familiar a cidade em todos os seus aspectos. Como estudante sem recursos conheci-lhe a vida de angústia, dos que sonham com as largas perspectivas do futuro. Na profissão de médico, visitando-lhe os lares ricos e pobres, os bairros do centro ou os arrabaldes silenciosos e longínquos, pude sentir, na policromia surpreendente de seus aspectos, toda a fisionomia palpitante e viva da cidade.

E entre a recuada manhã, de 1921, nas luzes de cuja alvorada se desenharam nos meus olhos pela primeira vez, a reta divisão de suas ruas arborizadas e festivas, até o instante emocional em que recebia sobre o meu coração e sobre os meus nervos a missão de guiar a cidade, sempre a contemplei e senti com o mesmo doce enlevo que me turva os olhos ao fitar, agora, o rosto redondo e risonho de minha primeira filha.

Assim a homenagem que nesta sala congrega elementos expoñenciais da vida local e que tenho como alvo a cidade se reflete embora empalidecida e sem briho sobre a modesta figura do seu prefeito, dá-me a ventura gloriosa de através do Rotary, falar a todos os habitantes de Belo Horizonte. Não é uma prestação de contas, pois que aqui fui chamado para uma saudação. Mas não vejo melhor meio de retribuir a homenagem, senão expondo, singela e despretenciosamente, alguns dados que se relacionem com a administração municipal e que ainda não divulgados levarão ao conhecimento da cidade o esforço tenaz e resolutivo com que nos votamos à tarefa de administrar a capital.

Estou certo de que ninguém verá nas minhas afirmações um propósito vaidoso e mesquinho. Exponço, em linhas gerais, um pouco do que fez a administração de 1940 para cá, tenho em mira, apenas, corresponder ao desvanecedor apoio com que me honrou o Rotary Clube.

Se algum merito tivesse a minha atuação, deveriam os aplausos ser dirigidos ao governador Benedito Valadarez, de cuja orientação, amadurecida por sábia experiência, nos vem o estímulo e a deliberação para arcar com tarefa tão árdua.

Sempre entendi que numa cidade em formação ainda, dotada de um plano não executado em sua totalidade, o dever primordial do adminis-

trador era, em primeiro lugar, compor a fisionomia material da urbs.

Duro trabalho este que, encetado, em 1897, receberia, da legião valorosa dos que a administraram, o calor fecundante de viris energias. No solo deserto e requemado do triste povoado de outrora, à luz tranquila de silenciosas alvoradas começou a imbeber raízes a arvore de galhos amplos e de sombra acolhedora. Regaram-na com aveção o amor e a fé do povo mineiro. As luzes que do céu azul se coavam pelas suas folhas vinham iluminar nos rostos batidos de esperança a crença imperecível nos destinos de glória da cidade. Muitos foram os que a ajudaram a crescer. Nem todos, porém, tiveram a ventura que me sorriu, ao esboçar na sua fisionomia urbana o último retoque criador. Foi, efetivamente, em minha administração que abertas e pavimentadas as ultimas ruas da avenida do Contorno, se concluiu o que designamos, aqui, por parte urbana da cidade".

NUMEROS QUE DIZEM TUDO

"O trabalho foi intenso e tenaz. Para atingir este objetivo que foi a primeira recomendação a mim dirigida pelo Sr. Governador, tive que rasgar de um extremo ao outro, o solo vermelho e duro da cidade. Os algarismos melhor dirão ao que foi feito. O movimento de terraplenagem e de calçamento traduzem em linguagem expressiva o que se conseguiu realizar. De 1897 a 1939 foram pavimentados 3.499.378 metros quadrados. Nos três anos e meio de minha gestão, consegui uma soma confortadora, pois que neste período pavementei 1.051.912 metros quadrados. No tocante à terraplenagem os números são ainda mais eloquentes. De 1897 a 1939, na abertura de ruas, o movimento de terra atinge a 6.663.411 metros cúbicos. Nos últimos três anos e meio de administração fiz um movimento de 3.028.161.630 o que, juntamente com a área calçada até agora constitui o "record" nacional nessas atividades.

A comparação se torna às vezes, necessária para dar a medida daquilo que estamos julgando. Para que se avalie do vulto desses serviços, basta dizer que nos quatro anos de construção da cidade, isto é, numa fase de intensa movimentação de terra foram removidos 1.100.000 metros cúbicos, quantidade inferior a que, somente em 1941, consegui remover, pois que naquele ano se contou por 1.500.000 o volume de terra trabalhado pela Prefeitura.

Admiravelmente traçada na sua parte urbana, padece Belo Horizonte de um grave defeito na zona suburbana, onde não se cuidou de impor ao plano orientador a presença de praças ou de avenidas. Apenas ruas de 12 metros de largura, quando na área urbana têm elas 20 metros.

A minha administração procurou sanar alguns destes inconvenientes, abrindo largas avenidas que não só

quietude monótona das cidades silenciosas"

RESSALTADO, NO MAGNIFICO DISCURSO DO PREFEITO DA CAPITAL, O CONSTANTE E DECISIVO APOIO DO GOVERNADOR BENEDITO VALADARES RIBEIRO AO EN-GRANDECIMENTO DA CIDADE.

descongestionariam os bairros, como estabeleceriam ligações curtas e rápidas entre os diversos setores da cidade.

O prolongamento da avenida Amazonas com 3.600 metros, a avenida da Pampulha, com 6.500 metros, a avenida Teresa Cristina que margeia o Arrudas, com 4.155, a avenida Pedro II, Silviano Bandão, Francisco Sá e outras perfazem um total de 42 quilômetros, que colocados em seguimento equivaleriam a uma avenida de 25 metros de largura, ligando Belo Horizonte a Lagoa Santa.

Além disto dezenas de ruas abertas em todos os bairros, inclusive a que cortou a Pedreira Prado Lopes em direção ao bairro de Santo André, cavada na rocha viva.

A avenida Afonso Pena, asfaltada no início de minha administração, e cujo prolongamento, em execução, de uma da Serra do Curral, sofrerá no alto da Praça do Cruzeiro modificações profundas e embelezadoras, destinadas a acolher a grande Catedral que o genio inspirado de D. Cabral fará erguer para enlevo da alma católica de Minas.

Com o mesmo pensamento de facilitar as comunicações construímos inúmeras pontes sobre os correços existentes, citando-se entre elas: duas sobre o Corrego do Leite, quatro sobre o Arrudas, o viaduto de Santa Efigênia e a ponte da avenida Paraná".

O SANEAMENTO DA CIDADE

"Ao meu espirito de medico não fugiria um dos aspectos fundamentais da hygiene da cidade. Basta dizer que os esgotos sanitários que até 1939 se prolongavam por 105.921,00 metros, foram acrescidos até 1942 com mais 23.922,00, ou seja mais de um quinto do total conseguido em quatro decênios. No que se refere aos esgotos pluviais, conseguimos um aumento de 20.896,07 metros sobre os 65.724,00 até então existentes.

O Arrudas, super-saturado de detritos, e varios outros correços foram canalizados, obtendo em tres anos a cifra considerável de 9.640,95, que, comparada aos 18.359,47 de canalizações existentes até 1939, dá uma percentagem superior a 50%. Aumentamos de 5.879 o número de hidrometros, que era até 1939 de 17.075.

Tambem não foram descuradas as redes de água, que sofreram um aumento de 22.554 metros.

Todos estes dados se referem aos anos de 1940, 1941 e 1942, sendo de se ressaltar a extrema dificuldade que a guerra acarretou a todos os empreendimentos que vinhamos realizando.

Para abranger numa visão panoramica o conjunto das obras efetivadas, repito, agora, apenas, os números que são os seguintes:

*

O clichê fixa dois flagrantes colhidos por ocasião da memoravel reunião do "Rotary Clube, vendo-se o prefeito Juscelino Kubitschek pronunciando o seu discurso e um aspecto da mesa.

HIDROMETROS

Da fundação (1897) até 1939	17.075
Total de 1940 a 1942	5.879 (30%)

REFORMAS INTERNAS

"A profunda reforma que introduzimos nos serviços internos da Prefeitura com a finalidade precípua de adaptar o mecanismo burocrático às exigências do crescimento da cidade foi radical e completa, sobretudo no que diz respeito à Renda Imobiliária que nos levou à instituição de um modelar serviço de cadastro cuja repercussão externa é o "certificado de propriedades, tal como se acham inscrido gratuitamente aos proprietários, encerra um levantamento fiel das propriedades, tal como se acham inscritas na Municipalidade.

Ai estão algumas realizações que atestam o nosso esforço no campo dos empreendimentos materiais. Longo e fastidioso seria ocupar-vos a atenção ao enumerar outras atividades do mesmo setor".

VIDA SOCIAL E ARTISTICA

"Compete, porém, ao administrador de Belo Horizonte velar não somente por esse aspecto. Francisco Sá, o iluminado genio da minha cidade natal, no discurso que aqui pronun-

(Conclue no fim da revista)

AREA CALÇADA

Da fundação (1897) até 1939	3.499.378,00
Total de 1940 a 1942	1.051.912,64 (30%)

SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM

Da fundação (1897) até 1939	6.663.411,293
Total de 1940 a 1942	3.028.161,630 (45%)

CANALIZAÇÃO DE CORREGOS

Da fundação (1897) até 1939	18.359,47
Total de 1940 a 1942	9.640,95 (52%)

ESGOTOS SANITARIOS

Da fundação (1897) até 1939	105.921,00
Total de 1940 a 1942	23.922,00 (20%)

ESGOTOS PLUVIAIS

Da fundação (1897) até 1939	65.724,00
Total de 1940 a 1942	20.896,07 (30%)





CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBU**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA CÔR NATURAL ELIMINA A CASPA ÉXITO GARANTIDO

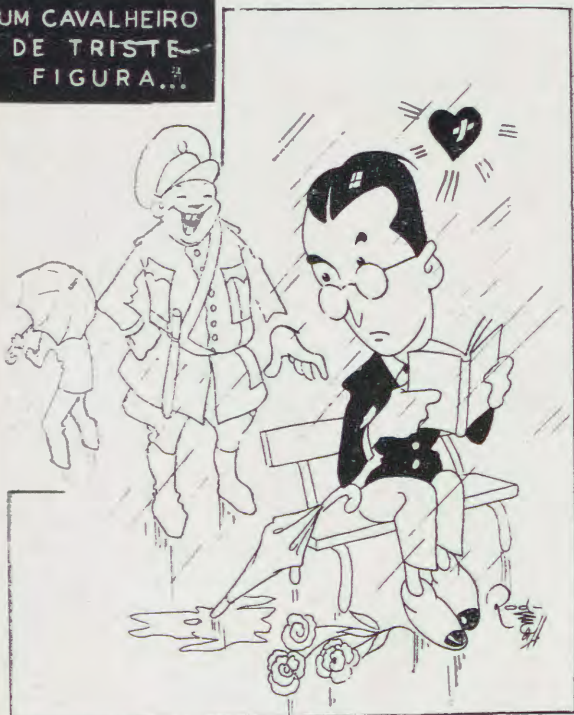
Depósito — RUA SOUZA DANTAS, 23 — RIO

PARA ADELGAÇAR A CINTURA

A MASSAGEM manual para adelgaçar as cadeiras é de efeito surpreendente. A região adiposa será levantada, comprimida e amassada, entre os dedos da mesma maneira que se espreme uma esponja.

Não Seja

UM CAVALHEIRO DE TRISTE FIGURA...



VISTA-SE PELO SISTEMA DE CRÉDITO DE

A COMPENSADORA

Rua Tamoios, 438



O dr. Caio Mario da Silva Pereira, secretário da Ordem dos Advogados de Minas Gerais, no dia de seu enlace com a srta. Maria Célia Pereira.



Flagrante do enlace matrimonial do sr. Odair Faria com a srta. Neusa Franco de Faria da sociedade da Capital.

O sr. Rodolfo Albano e sua noiva, srta. Ofélia Rodrigues, filha do cel. Vicente Rodrigues e sua exma. esposa d. Antonia Rodrigues, da sociedade da Capital.



MARTHA OUTLAW, que a parecerá em "Cover Girl",
técnicoior da Columbia, mostra uma arrojada concepção
para as tardes esportivas, na qual não sabemos bem o
que mais admirar: — se a corajosa originalidade do
talhe ou a graça e o encanto deste lindo modelo.

MODELO

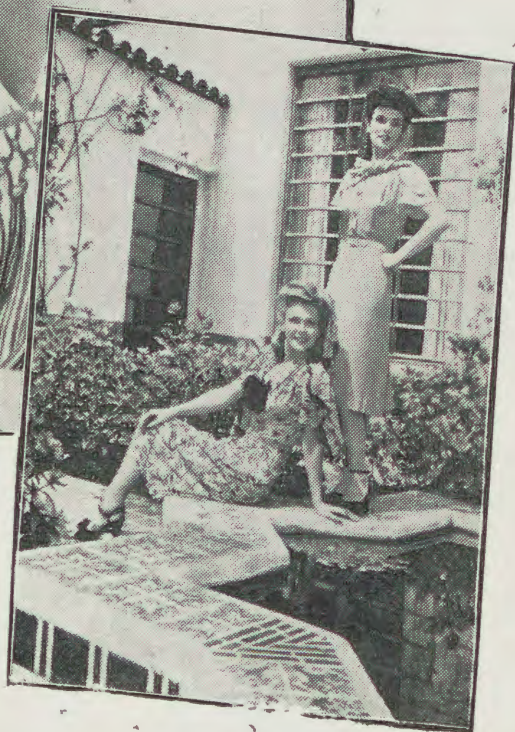
DO MÊS



EM SUA CASA



BETTY JANE HESS, que aparece em 'Cover Girl', Columbia, usa nesta foto um vestido estampado em duas peças. Em verde claro com folhas vermelhas. Notar o feitiço dos bolsos. Ao centro, a insinuante "star" da Columbia mostra um detalhe de outro gracioso conjunto que lhe dá singular elegância e distinção.



AO lado da piscina que possui em sua residência em Beverly Hills, as estreias da Culumbia, Betty Jane Hess e Francine Counihan, vestem encantadores modelos em estampados. Betty aparece em negro e branco, com uma linda mantilha, enquanto que Francine em tom violeta, também com mantilha.

LANA TURNER
Estrela M. G. M.

EXPERIMENTE O MAKE-UP QUE AS ESTRELAS USAM

Existe um conjunto de harmonia de cores no Pó, Rouge, Batón Tru-Color e Pan-Cake Make-up de Max Factor-Hollywood, absolutamente perfeito para o seu tipo. Experimente-o... e veja se ele não a torna mais bonita e atraente do que jamais pensou ser.



O PÓ

Tonalidades próprias para dar vida, beleza e maciez à pele.



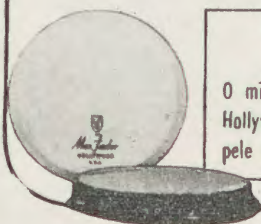
O ROUGE

Delicados tons naturais de corado que dão calor às faces.



BATON TRU-COLOR

O primeiro baton perfeito... para dar maciez e suavidade aos lábios.



PAN-CAKE MAKE-UP

O milagroso make-up de Hollywood... crea uma nova pele de colorido perfeito.



Max Factor
★ HOLLYWOOD

Para conhecer a sua harmonia de cores, preencha e remeta o coupon abaixo hoje mesmo.

MAX FACTOR MAKE-UP STUDIOS

Caixa Postal 2775 — Rio de Janeiro

Sem compromisso, queiram remeter minha análise de pele e ficha de Make-up em Harmonia de Cores, por Max Factor e o seu folheto ilustrado: "A Nova Arte do Make-up de Sociedade".

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado ou País _____

Marque o coupon CUIDADOSAMENTE		
CABELOS	PELE	OLHOS
LOURA	Muito clara <input type="checkbox"/>	Azul <input type="checkbox"/>
Claros <input type="checkbox"/>	Escuras <input type="checkbox"/>	Cinzentos <input type="checkbox"/>
RUIVA	Média <input type="checkbox"/>	Verdes <input type="checkbox"/>
Claros <input type="checkbox"/>	Escuras <input type="checkbox"/>	Amarelados <input type="checkbox"/>
CASTANHA	Morena clara <input type="checkbox"/>	Castanhos <input type="checkbox"/>
Claros <input type="checkbox"/>	Morena escura <input type="checkbox"/>	Pálidos <input type="checkbox"/>
Escuras <input type="checkbox"/>	Avermelhada <input type="checkbox"/>	Profundos <input type="checkbox"/>
MORENA	Sardenta <input type="checkbox"/>	PESTANHAS (Cilios) <input type="checkbox"/>
Claros <input type="checkbox"/>	Escuras <input type="checkbox"/>	Claros <input type="checkbox"/>
Escuras <input type="checkbox"/>	Se estiver queimada de sol, marque no tipo acima e indique o tipo de queimadura <input type="checkbox"/>	Escuras <input type="checkbox"/>
Se estiver no branco ou grisalho, indique o tipo acima e anote <input type="checkbox"/>		Longos (Mais de 40) <input type="checkbox"/>
Pele: Seca <input type="checkbox"/>		Normal <input type="checkbox"/>
Óleosa <input type="checkbox"/>		

★★★★

Grande Gala



MARIA MONTEZ, da United, veste um vaporoso vestido de baile em lêze rosa. Saia rodada, corpo justo e decôte arre-matado com uma rosa. Da cintura á barra da saia, um veludo trançado dá uma nota original e graciosa. A sombrinha é de organza.

* * *

BARBARA STAN-WICK, a famosa "star" da United, usa este luxuoso modelo de jantar em sêda pesada. A saia é muito original, o cinto é de vidrilhos e a blusa ligeiramente franzida.



LEFF DORNELL, artista da Columbia, mostra-nos um lindo detalhe de vestido de baile, em sêda rosa. A blusa é franzida, com bordados em veludo. As mangas também são bordadas com o mesmo veludo.

NÃO BEBE, NÃO FUMA
NÃO JOGA...



★ GINGER ROGERS, a "estrela" mais amável de Hollywood. aquela cujo *sex-appeal* é da qualidade que todas as moças desejam possuir, não é u'a morena de vestidos coleantes, nem dona de olhares conquistadores, tipo *vamp*... Ela tem cabelos avermelhados, tão naturais quanto seus gestos graciosos; e sôbre a sua vida, não repousa a menor sombra de escândalo, nem de romances espetaculares. Mas, quando se calcula o

gráu de prestígio das "estrelas" entre os elementos masculinos de Hollywood, é Ginger Rogers quem sempre vence, com a maior facilidade.

Ela nunca tem dificuldade em cumprir os seus contratos, e os estúdios, por sua vez, chegam a esquecer as cláusulas dos mesmos. Ela consegue sempre o que deseja, porque só deseja coisas realizáveis, apresentando os seus argumentos, não com um — "eu quero!", mas sim com um simpático — "não acham que seria melhor?..."

Há pouco tempo, uma bela e ambiciosa atriz, conversando com um redator cinematográfico, clamou contra a indiferença com que os homens, hoje em dia, tratam as mulheres. Um jornalista saiu-se em defesa dos homens:

— Durante anos, as mulheres reclamaram a igualdade de direitos, até que vieram a conseguir o que queriam. Por que, então, procuram, agora, evitar as consequências dessa igualdade? A maioria das mulheres, com isso, se "masculinizaram"; essas, que se dizem modernas, bebem whiskey puro, fumam muito mais do que os homens, e usam uma linguagem muito mais forte que a dos seus amiguinhos... mas como é que ainda esperam ser protegidas e mimadas como se fossem tão frágeis e sensíveis como as moças do tempo dos nossos avós?

Ouvii-se esta pergunta:

— E haverá alguma representante do nosso sexo, que não considere Ginger Rogers o mais elevado ideal feminino?

— Isto prova apenas o que estou dizendo — continuou o jornalista. Ginger Rogers não bebe, não joga, não fuma e conserva todas as virtudes que fazem reviver os instintos de cavalheirismo que os homens possuem. Quem aspira a uma carreira artística e felicidade pessoal, faria melhor imitar Ginger Rogers em vez de seguir o exemplo das "estrelas" espetaculares.

Os homens ainda são idealistas... e Ginger é um ideal digno para qualquer homem.



FLÔR

Divinal...

AS flôres, a natureza fê-las com um revestimento macio - é uma de suas atrações. A mulher, flôr divinal, Valisère a reveste com a maciez do seu tecido - é uma de suas seduções!

Lingerie
Valisère
Contacto que é uma carícia



CHAPEUS

★ ★ ★



O famoso general Montgomery, comandante do 8.º Exército Britânico, tem proporcionado vários modelos de chapéus femininos, inspirados em sua boina representativa das divisões blindadas inglesas. Ann Savage, que aparece em "O relógio bateu às 12", filme da Columbia, usa um destes interessantes modelos em feltro marrom. O vestido é de gabardine bege.



Um lindo chapéu de verão, adequado para o penteado que usa, é o que nos mostra Leslie Brooks, "star" da Columbia, em "Cover Girl". De feltro azul pálido, com um enfeite em forma de rosa azul-veludo que se aninha entre os cabelos. O vestido é em azul claro, com botões prateados que combinam com os brincos.

ESTA, SIM, É ESTRELA DE VERDADE



CLAUDETTE COLBERT

Os produtores cinematográficos, argumentando com as estatísticas, afirmam que os filmes de Claudette Colbert têm êxito garantido em qualquer parte em que sejam exibidos, quer interprete papéis dramáticos — como em “Cleopatra”, “Sob duas bandeiras”, etc. — quer personifique tipos cômicos, como em “Mulher de verdade”, seu mais recente desempenho.

Um famoso cronista cinematográfico de Hollywood, no afã de investigar a origem dos sucessos permanentes dessa sedutora atriz franco-americana, consumiu horas e horas na análise das várias personagens, até hoje, por ela vividas na tela. O referido cronista encontrou tanta coisa, tanta, que resolveu escrever uma biografia de Claudette Colbert, agora em impressão, para uma tiragem inicial de 100.000 exemplares.

Todos sabem que Claudette nasceu em Paris e, aos 13 anos, foi para os Estados, e que o seu verdadeiro nome é Lily Chauchoin. É considerada quase um fenômeno em Hollywood, pois o seu peso nunca passou dos 53 quilos, apesar de querer ela chegar aos 56. Diga-se de passagem que não faz qualquer regime alimentar; come de tudo e sabe fazer quitutes saborosos.

Seu esporte predileto é o “ski”, no qual ela é campeã, já tendo ganhado vários prêmios. A “estrela” de “Mulher de Verdade” é casada com o Dr. Joel Pressman, estudioso médico, que se dedica a pesquisas de laboratórios, assunto que para ela é “tabu”, chegando a considerar uma falta de ética qualquer publicidade em torno dele.

Todos conhecem a sua originalidade, o penteado franjinha, que é, por assim dizer, a sua marca registrada; há oito anos que assim se apresenta em seus filmes, não dando muita importância ao que os outros classificam de penteados da moda.

Fato curioso em sua vida: — nunca desmaiou. E sabe-se que as “estrelas”, principalmente no início de suas carreiras, sofrem muito desse mal...

Claudette é notável pela sua maneira original e independente de agir.

JOSE CARUSO



DUAS FORMULAS DIFERENTES para dois males diferentes

2 FORMULAS DIFERENTES para 2 MALES DIFERENTES



De acordo com os imperativos da razão, da ciência e do bom senso:

N.º 1: Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências.

REGULADOR XAVIER

REMÉDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

Insistiu para que lhe dessem um papel antipático em “O Sinal da Cruz”. Aceitou trabalhar em “Aconteceu naquela noite”, depois da recusa de três “estrelas”, que consideraram o papel frívolo demais. E agora, em “Mulher de verdade”, ela aparece em cena, vestida improvisadamente com toalhas e cortinas de um vagão ferroviário...

Durante dois anos, foi ela a atriz que mais dinheiro ganhou em Hollywood. A sua ficha, nos “arquivos secretos” da casa do cinema, vem sen-

do classificada na letra “M” (Mina-de-ouro)!

Escreve com uma facilidade invejável, e mais de uma vez as revistas americanas publicaram artigos seus, assinados com pseudônimos. Em sua própria residência tem ótima sala de projeção, e é lá que assiste aos seus filmes, fazendo uma autocrítica imparcial, sempre muito severa.

Como veem os leitores, o cronista cinematográfico, que fez a biografia da grande atriz, tem muito o que dizer.

* * *

PARA CONDUZIR DINHEIRO

ESTÃO em moda as carteirinhas para dinheiro, que chamamos portaniquéis. Algumas ostentam uma guarnição de pedras de cores que as tornam muito modernas.

*

ROUPAS SINTÉTICAS

DIZ-SE que as roupas que hoje usamos, que são feitas, na sua maioria, de fibras vegetais e animais, serão, nestes próximos vinte e cinco anos, confeccionadas com produtos sintéticos.



O sentido de um olhar

* * *

NA PÁGINA, APRESENTAMOS TRÊS EXPRESSÕES TÍPICAS DO SENTIDO DE UM OLHAR. KATHRYN GRAYSON, DA METRO, GAAL RUSSEL, DA PARAMOUNT; E VIRGINIA DALE. OUTRA GAROTA BONITA DA MARCA DAS ESTRELAS.



A poesia desmoralizou um pouco a linguagem do olhar, mas a verdade é que ela existe e é até bem expressiva na comunicação das impressões e dos sentimentos. É uma linguagem muda que diz tudo, e diz de maneira inconfundível e emocionante.

Para certas situações amorosas, muitas vezes o olhar significa e traduz muito mais o afeto do que a



Como, há 35 anos -

esté é um tratamento de beleza

**SIMPLES...
PERFEITO!**



NENHUMA consagração poderia ser tão decisiva como a preferência das mais formosas mulheres através de 35 anos! Hoje como então, Cera Mercolizada (Mergolized Wax) representa um simples e perfeito tratamento de beleza. Todas as noites, ao deitar, passe a Cera Mercolizada sobre a sua cutis. Cera Mercolizada acelera a renovação das células gastas e elimina panos e espinhas, rejuvenescendo a pele. Cera Mercolizada acha-se à venda nas farmácias, drogarias e perfumarias



Complete seus cuídados de beleza, lavando os cabelos, ao menos duas vezes, por semana, com o shampoo de luxo "Stellax", de espuma abundante e fina - E use um depilatório realmente eficaz e sem cheiro: Porlac.

CÊRA MERCOLIZADA

CONSERVA SUA CUTIS *Bella e Fresca*

mesma palavra.

O certo é que uma mulher quase sempre encanta e fascina pela maneira de olhar, uma vez que os olhos — principalmente os olhos de uma mulher bonita — são as janelas do seu coração.

E como o olhar varia!

Veja Você, nestas fotografias, a diferença e a variada expressão desses três olhares.

O primeiro é um olhar confiante, um pouco risonho, um nadinha dubitativo, e também um quase nada indecifrável por ser de olhos, cor das ondas do mar. Olhar verde com que tinha prevenção supersticiosa o velho e infalível Shakespeare.

O segundo é o olhar sabido das morenas, olhar que

confia e desafia. Olhar de quem sorri da paixão que provoca e que, ao mesmo

tempo, descansa na força magnética que possui. Olhar de morena suco, morena que tem partes com o diabo e é amparada pelos anjos.

O terceiro é o olhar suspiçaz, de soslaio, observador e implorativo justamente, partido de quem inquirir de lado para ver o que lhe vem pela frente. Assim como quem diz — confio em ti, mas desconfiando sempre. É o olhar misterioso das loiras, tendo uma gota da frescura das manhãs e a nevoa da tristeza dos crepúsculos.

Enfim, assim como o peixe se perde pela boca, são olhares como estes que fazem os homens se perderem pelos olhos das mulheres, os quais são tanto mais enigmáticos quanto mais significativos se mostram.



5 razões!

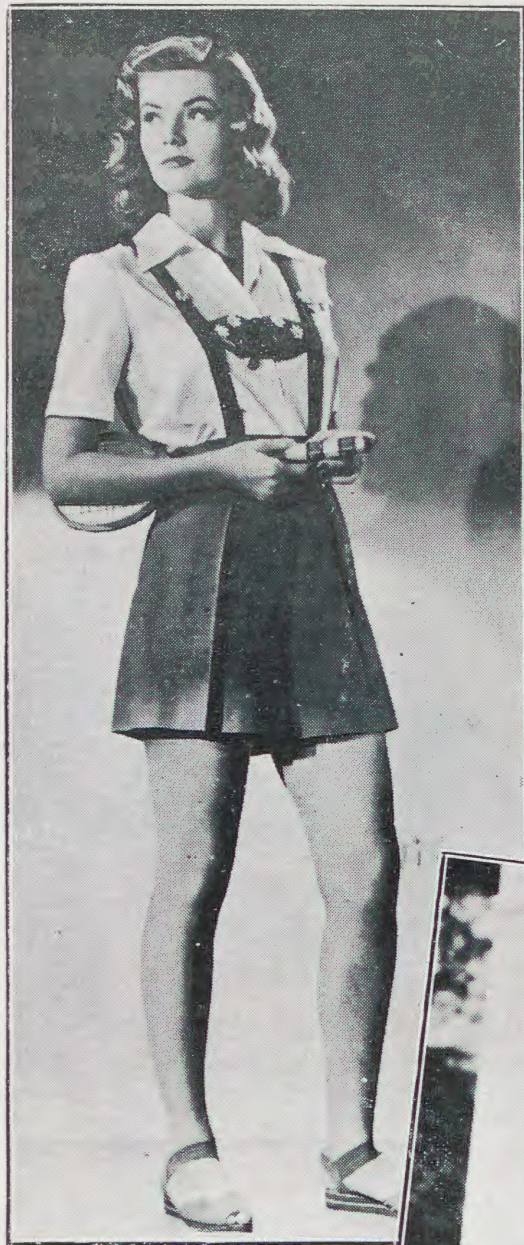
- Sempre novidades
- Variedade de sortimento
- Modicidade de preços
- Artigos de qualidade
- Garantia assegurada

PRESENTES?

BAZAR AMERICANO

AV. AFONSO PENA, 788 e 794

AS CAPAS DE REVISTAS NUM GRANDE FILME ELEGANTE



NA página, apresentamos alguns dos famosos modelos que posam para as capas de revistas americanas e com os quais a Columbia surpreenderá os fans de todo o mundo na grande produção em technicolor *Cover Girl*. Francine Cunningham, Peggy Lloyd, incontestavelmente dois belos palminhos de cara, apresentando três magníficos modelos para a estação.



ESPECIAL PARA A VITORIA



"ESPECIAL PARA A VITÓRIA" é a denominação que Jane Frazze, estrela da Universal, deu a este modelo em lã amarela com faixas de veludo negro e flôres douradas em forma de "V". Os acessórios também em negro e o chapéu de pele é curvado em linhas que agradam.

* * *

BORDAS RECORTADAS

NOS vestidos primaveris estão predominando as bordas recortadas em picos e ondas, detalhe que figurará também em modelos estivais.

ALTEROSA * JANEIRO DE 1944



O "R" da Rhodia
é a MARCA-
SÍMBOLO dos
PRODUTOS
de VALOR

O resfriado comum, que nada mais é do que o primeiro sintoma da gripe, pode ser facilmente combatido com um ou dois comprimidos de RHODINE, tomados a qualquer hora do dia. Se, porém, a gripe já se manifestou, o meio mais simples e eficaz de combater radicalmente o mal é tomar, ao deitar-se, um ou dois comprimidos de RHODINE com um chá-de-canela bem quente. Transpirando, a gripe desaparece. RHODINE é a boa enfermeira que não deixa o resfriado progredir, nem a gripe vencer!



RHODINE

CAFEINADA

Privado dos
prazeres da
bôa meza?
Por que?
PILULAS DE
REUTER
o tornarão
apto a com-
er de tudo.



*

CUIDADOS COM A PELE

* * *

QUANDO a pele se cobre de manchas com a ação prolongada do sol ou do ar, elas podem desaparecer com o uso de infusão de tilia, durante três vezes ao dia, sem prejuízo de preparados apropriados.

* * *

Senhoras!



A HIGIENE INTIMA
nunca deve ser esquecida a

Metrolina
antisséptico
adstringente
bactericida

NÃO ACEITEM
SUBSTITUTOS

A ESCOLHA DO NOIVO

UMA jovem que estiver comprometida e receber uma outra proposta de casamento mais vantajosa, deve sondar seus sentimentos e refletir muito na decisão que vai tomar. A resolução deve ainda ser breve, para não arriscar a perder os dois noivos ao mesmo tempo e velar pelo seu bom nome.

* * *

CONSELHOS UTEIS

NOS monogramas não se usa nunca a partícula "de", figurando somente as iniciais do nome.

*

A flanela, a secar, deve ser colocada na sombra, pois o sol fá-la encolher.

*

HA' uma espécie de fibra de vidro, muito parecida ao algodão, que é usada como isolante em hotéis, casa, etc.

*

DIZ-SE que a mulher nascida em novembro é liberal e bondosa.

CUIDADOS DE MÃE

A falta de cálcio, para uma futura mãe, se não está compensada por bôa alimentação, resulta na destruição de sua própria dentadura e a formação, em seu filho, de maus dentes e maxilares esponjosos, além de predisposição a caries prematuras.

*

A'S vezes o saber dar é mais difícil do que o saber receber.

*

PRESENTES ACEITAVEIS

FLORES, doces e livros são os presentes que uma jovem pode aceitar de um cortejante ou admirador. As joias só devem ser aceitas se existe o amor e suas relações estejam formalizadas.

*

O VALOR DO SILÊNCIO

E' preferível o silêncio às palavras, quando se trata de desgostos matrimoniais. Com o silêncio, se há amor, facilmente renascem a serenidade, a conformidade e a mútua confiança.

*

NOVIDADES DA MODA

COMO atraente novidade veremos nesta estação as blusinhas a ponto de tricot. Em sua maioria serão de cores suaves com o colo e punhos de renda branco.

*

MOTIVOS BORDADOS

BREVEMENTE estarão em moda os motivos bordados em branco, festoneados e crivados, como adorno e realce de vestidos confeccionados em tecidos de linho, seda e algodão.

ALTEROSA * JANEIRO DE 1944



Lao



GARY COOPER e IN-
GRID BERGMAN
são os astros da versão
cinematográfica da celebre
novela de Ernest Hemin-
gway "For Whom The
Bell Tolls" (Por Quem os

"POR QUEM OS SINOS DOBRAM" VEM AÍ

Sinos Dobram). Dudley
Nichols, que dramatizou
na tela, para a Paramount,

esta obra prima de Hemin-
gway, declarou: — Das
25.000 produções de Hol-

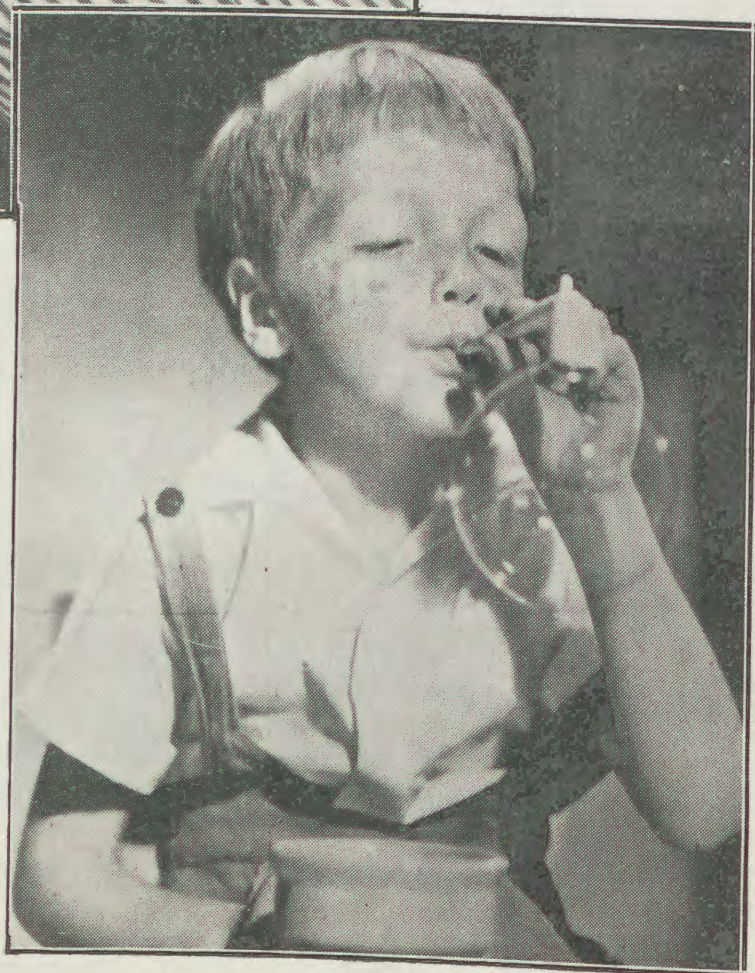
lywood, "Por Quem os
Sinos Dobram" deve se
reconhecida como uma das
melhores". Corre o boato
ainda não confirmado, de
que a duração dessa peli-
cula será de três horas.



TEREZA WRIGHT é umas das pouquíssimas artistas que se apresentam ante a câmara sem "make-up", que aliaz não usa também em sua vida fóra dos studios. A bela estrela da Universal atuou em "Rosa de Esperança" e nunca Hollywood viu uma subida tão rápida de uma artista ao estrelato.

* * *

NO clichê apresentamos Jack, o garotinho prodigioso que aparecerá com Mickey Rooney no filme Metro "A comedia humana".



**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

CINEMA

LASSIE, o bellissimo cão do esplendido técnico-lor Metro "Elo Invisível", a tocante historia do "amigo fiel" que viajou mais de mil milhas afim de voltar para o lado do seu pequeno dono.

* * *

DIANA BARRYMORE, a nova e vitoriosa estrelinha da Universal, que traz o nome da familia real do cinema, é mesmo uma crente nas vantagens da "horta da vitória". E não é apenas por patriotismo - como ela mesma o afirma - como ainda, e com razão, por utilitarismo pratico, que ela semeia em seus quintais todas as verduras e legumes que se servem em sua meza...



* * *

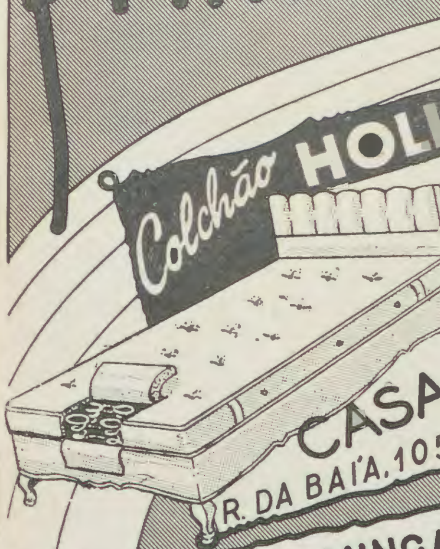
DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

PARA O CONFORTO E




Colchão HOLLYWOOD
CONFORTO
ELEGÂNCIA
S A U' D E
CASA TASSARA
R. DA BAIÁ, 1052 - FONE. 2-6058



CORTINAS
E
M.OVEIS
ESTOFADOS
Jamara
NOVAS
INSTALAÇÕES
R. TUPINAMBÁS, 749 a 759
FONE. 2-0105



EU QUERO MAIS MINGAU...
A CRIANÇA TEM MUITA
RAZÃO; NÃO HÁ NADATÃO
GOSTOSO QUANTO
UM MINGAU DO
DELICIOSO
CAICARA
CREME DE MILHO



NOIVAS
ARTIGOS DE CAMA E MESA, VÉUS, GRI-
NALDAS, RENDAS, LÃS, LINHAS E
TUDO QUE UMA BÔA CONFECCÃO
EXIGIR, SÓ NA
CASA IVETE
— ARMARINHOS EM GERAL! — FONE. 2-6123
310-CAETES-310 — CASA IVETE...
E LEMBREM-SE:
QUEM COMPRA NA
REPÊTE!



JÁ ESCO-
LHEU O
PRESENTE
PARA SUA
NOIVA OU
ESPOSA?
**REFRIGERADORES
E RÁDIOS**
DAS MELHORES MARCAS
FACILIDADES DE
PAGAMENTO
**CASA
TASSARA**
RUA DA BAIÁ, 1052
FONE. 2-6058



**CAFÉ
MINAS GERAIS**

ELEGÂNCIA DO SEULAR

ENCERADEIRAS E
ASPIRADORES DE PÓ
ELECTROLUX

PEÇAS
SOBRESALENTES
LEGÍTIMAS.
OFICINA ESPECIALISTA EM
CONSERTOS

CIA. FABIO BASTOS
COMÉRCIO
E INDÚSTRIA

R. RIO DE JANEIRO, 368
FONE, 2-3386
FACILIDADES NO PAGAMENTO



**LOUÇAS E
CRISTAIS**

UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS, BATERIAS
DE ALUMÍNIO - FAQUEIROS
CASA THIBAU
R. RIO DE JANEIRO, 305 - FONE, 2-3617



**FLORA
BARBACENENSE**

NÃO PODE
HAVER JM
LAR FELIZ,
SEM FLORES

FLORES, SEMENTES
E AJARDINAMENTOS
AVENIDA AMAZONAS, 467 - FONE, 2-4000



**COUGUES
BELO HORIZONTE**

COM MODERNÍSSIMA CÂMARA DE REFRIGERAÇÃO
QUE ASSEGURA FORNECIMENTO DA
MELHOR CARNE DA CAPITAL
AVENIDA AMAZONAS, 1674
FONE 2-4272



**Joalheria
IMPERTAL**
JOIAS
RELOGIOS
ARTIGOS PARA PRESENTES
OFICINAS DE JOIAS
CONSERTOS DE RELOGIOS
AVENIDA AFONSO PENA, 550



**Livraria Cultura
Brasileira Ltda.**

RUA SÃO PAULO, 552
FONE, 2-6197 - CAIXA, 237
END. TEL. "CULTURA"

UMA
BIBLIOTECA
EM SEU LAR É UMA
DEMONSTRAÇÃO DE
BOM GOSTO,
CULTURA E
INTELIGÊNCIA.



Um aspecto da assembleia, fixado no momento em que falava o dr. Cristiano Guimarães

"UMA REALIZAÇÃO QUE DIZ DO VALOR DOS HOMENS DE MINAS GERAIS"

A Cia. de Seguros Minas-Brasil inicia os primeiros passos para uma nova e alvareira etapa em sua fecunda existência — Resolvida, em assembleia geral extraordinária, a reforma de seus estatutos para inclusão das operações sobre seguros de vida.

EM sua ultima visita à nossa Capital, o ar. João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, teve oportunidade de conhecer de perto a organização dos diversos departamentos da Cia. de Seguros "Minas-Brasil", por ocasião de sua demorada visita a essa importante seguradora nacional. Expressando a sua admiração pelo que lhe tinha sido dado observar, afirmou que acabava de conhecer "uma organização que diz do valor dos homens de Minas Gerais."

O ilustre presidente do organismo nacional de resseguros não fazia nenhum favor quando rendia o seu tributo de homenagem às altas vir-

tudes que enobrecem o caráter da gente das montanhas. E' por demais conhecido e proclamado, em todo o país, o conjunto de qualidades que identifica a ação dos homens de Minas Gerais, entre as quais se destacam a honestidade, o critério e a prudência, atributos de sua formação moral e intelectual que sempre souberam colocar ao serviço da Pátria, de olhos voltados para o seu constante engrandecimento político, cultural e econômico.

Essas considerações nos ocorrem no momento em que nos dispomos a noticiar, num rapido registro de reportagem, a memorável assembleia geral extraordinária dos acionistas

da Companhia de Seguros Minas-Brasil, realizada no dia 21 de Dezembro último, data que ficará assinalada nos anais da pujante seguradora mineira, como um marco luminoso em sua existência. E' que, nessa assembleia, à qual estiveram presentes as figuras de maior representação no quadro de seus acionistas, a Cia. de Seguros Minas-Brasil resolveu alterar os estatutos sociais, para incluir entre os diversos ramos sua atividade o maior e o mais importante departamento em que a sua proveitosa atividade poderia ser empregada: — o seguro de vida.

Essa deliberação, cuja ressonância já se fez sentir em todos os meios seguradores do país, pela alta importância de que se reveste, vem dar mais uma expressiva prova da vitalidade dessa modelar organização seguradora mineira.

A exposição de motivos com que a sua diretoria recomendou a reforma dos estatutos da "Minas-Brasil", afim de incluir em seus departamentos o seguro de vida, está conhecida nos seguintes termos:

"Senhores Acionistas. E' com satisfação que vos apresentamos o pensamento da Diretoria e do Conselho Consultivo da Companhia, no sentido da mesma passar a operar também em seguros de vida. Animamo-nos a isso pela vantagem do já vencido trabalho de expansão por todo o País e ainda pela manifesta oportunidade de ampliação do programa inicial. Nesta hora, mais que em nenhuma outra, os seguros se vão engrandecendo no conceito público, e a maior atenção que lhes dispensam as entidades oficiais avulta-lhes a significação no terreno econômico, na revelação de sua real finalidade: previdência, economia, assistência social. A importante inovação obriga-nos a alterar algumas partes essenciais dos atuais Estatutos. Aproveitamo-nos do ensejo para dar a eles a feição padronizada, proveitosa e clara, sem ser, entretanto, de adoção compulsoria, conforme modelo organizado pelo Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização. Pedimos o vosso pronunciamento sobre o projeto abaixo, que depois submeteremos ao citado Departamento, que o julgará, aprovando-o ou alterando-o

(Conclui no fim da revista)



Dr. José Osvaldo de Araujo, diretor-vice-presidente da Cia. de Seguros "Minas-Brasil"



Dr. Cristiano Guimarães, diretor-presidente da Cia. de Seguros "Minas-Brasil"



Dr. Sandoval de Azevedo, diretor secretário, da Cia. de Seguros "Minas-Brasil"



NO GINÁSIO TRISTÃO DE ATAÍDE

* * *

A' esquerda, um flagrante fixado quando falava o prof. Rui Pimenta Filho, paraninfo da turma de 1943. Esta aparece no cliché em pôse especial para esta revista.

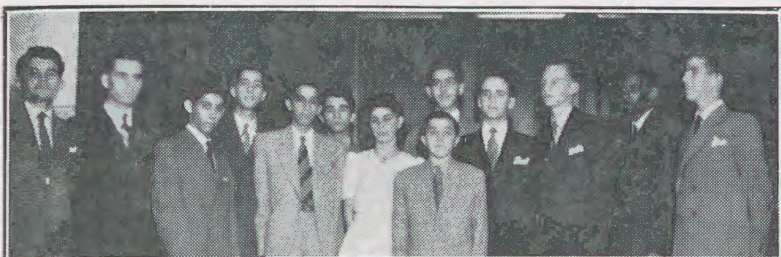
N O dia 22 do mês passado, teve lugar a solenidade da entrega de certificados aos licenciados do Ginásio "Tristão de Ataíde", que reuniu todo o corpo docente daquele educandário e pessoas das famílias dos graduados. O programa incluiu primeiramente missa em ação de graças, que foi celebrada na Igreja de N. Senhora das Dores. A sessão solene teve início às 14 horas, sendo então homenageados a Professora Juraci Pequeno Martins, Sr. Joaquim Fernandes, Sr. Roberto Pires Barbosa, Dr. Almir Paula Lima, Professor Carlile Teixeira de Carvalho, Prof. Eitel Cesar Fernandes e Sr. Massanielo Santos.

Foi paraninfo da turma o Prof. Rui Pimenta Filho, que pronunciou substancial oração. Falou o licenciado Samuel Rocha Barros, em nome de seus colegas. São os seguintes os novos licenciados: Ulpiano Guimarães, Ivone Gelape Bambirra, Samuel Rocha Barros, Imel Catão, João Geraldo Carneiro, Nelci Arlete Catão, José dos Santos e Darcí Pinto Coelho.



O licenciado Samuel Rocha Barros, quando fazia o seu discurso de orador da turma





Ao alto, um grupo feito pelos alunos que concluíram o seu Curso no Colegio Batista - Em baixo, um flagrante feito por ocasião da solenidade, vendo-se o paraninfo da turma, quando pronunciava o seu discurso

DIPLOMADA A TURMA DE 1943, PELO COLEGIO BATISTA

TEVEM lugar em Dezembro ultimo, no recinto do templo Batista da Praça Raul Soares, a brilhante solenidade de entrega dos diplomas à turma do Colégio Batista que concluiu o curso em 1943.

A cerimonia foi presidida pela a ela comparecendo numerosas familias da nossa melhor sociedade, professores e alunos do prestigioso estabelecimento de ensino, autoridades e representantes do nosso Governo.

A cerimonia foi presidida pelo sr. Casemiro de Oliveira, pastor da primeira Igreja Batista da Capital, participando aa mesa diretora as autoridades presentes; o dr. Alberto Mazoni de Andrade, diretor do Colégio Batista Mineiro e demais professores desse educandario.

Em nome de seus colegas, discursou o diplomando Antonio Porfirio de Almeida Neto, apresentando as despedidas da turma aos seus colegas e mestres. O professor Marcel Debrot, paraninfo da turma, levantou-se em seguida para pronunciar uma vibrante oração na qual disse de sua gratidão pela escolha de seu nome por parte dos diplomandos de 1943, enalteceu a significação daquele ato, terminando por falar aos jovens diplomandos sobre as diretrizes que deveriam nortear seus atos na vida, dentro da sã moral evangelica, a única que, através dos seculos, tem conduzido os povos em suas mais belas conquistas civilisadoras.

Usou ainda da palavra o prof. dr. Alberto Mazoni de Andrade, diretor do Colegio que, em nome do estabelecimento, ofereceu a cada um dos diplomandos um exemplar da Biblia, discorrendo sobre a sua grande obra educadora na civilização ocidental e da beleza dos seus conceitos.

Após a solenidade, teve lugar um animado programa de musica e canto, no qual tomaram parte diversos alunos do conceituado educandario e figuras de destaque em nossos meios artisticos.

* * *

O AMOR À VERDADE

DESDE os primeiros anos, quando se cuida da educação de uma criança, deve-se despertar nela o amor à verdade, que é, sem dúvida, a maior das virtudes humanas. Para isso é preciso ser sincero para com ela, respondendo às suas curiosidades de maneira que a satisfaça, verdadeiramente.

*

CONTRA OS ESPIRROS

PARA evitar os espirros, durante o resfriado, o melhor remédio é o alho, o qual era recomendado e usado pelos antigos egípcios e gregos pelo seu valor terapêutico.



IDEAL

PARA DEPOIS DO BANHO DO BÊBÊ

Talco Malva

FINISSIMO E PERFUMADO



O Talco Malva constitui justo motivo de vaidade para a industria mineira não só pelo seu aprimorado fabrico e elegante embalagem, como pela garantia terapeutica que oferece sendo como é formulado pelo insigne dermatologista o Sr. Professor Antonio Aleixo.

WASHINGTON F. PIRES.
(Notavel clinico e ex-ministro BELLO da Educação) HORIZONTE

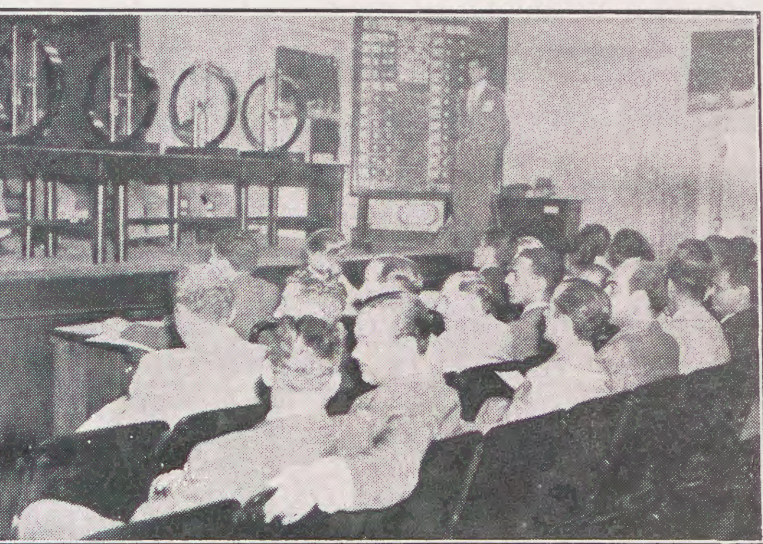
PERFUMARIA MARÇOLLA

Teve lugar no dia 31 de Dezembro ultimo, no auditório da Escola Normal, o 19.º sorteio de premios das apolices da serie "A", do Emprestimo Mineiro de Consolidação.

O sorteio, que foi presidido pelo proprio Secretario das Finanças do Estado, dr. Edison Alvares da Silva, contou com a presença do sr. Francisco Martins, superintendente do Departamento da Despesa Variavel e outros altos funcionarios daquela repartição, representantes da Associação Comercial de Minas e outras entidades representativas das classes conservadoras de Minas, jornalistas e outras pessoas gradas.

O premio maior, no valor de um milhão de cruzeiros, coube à apolice n.º 4.584.

Prossegue, assim, a distribuição de premios realizada aos portadores de titulos do Emprestimo Mineiro de Consolidação. E dentro de mais alguns dias, teremos mais um milionário feilo por esses excelentes titulos, cujos serviços de juros e amortização vêm sendo realizados pelo Governo do Estado com absoluta pontualidade, justificando, deste modo, a alta cotação dos mesmos nas bolsas de titulos do pais.



Aspecto feito por ocasião do sorteio das Consolidadas Mineiras, em 31 de Dezembro último

MAIS UM GRANDE SORTEIO DAS CONSOLIDADAS MINEIRAS

No dia 29 de Fevereiro próximo

teremos mais um sorteio, com o premio maior de Cr\$ 209.000,00, às Consolidadas Mineiras da Serie "C".

EMPRESTIMO MINEIRO DE CONSOLIDAÇÃO

Decreto n.º 11.412, de 30 de junho de 1934, modificado pelo de n.º 11.419, de 5 de julho de 1934

RELAÇÃO DAS APÓLICES PREMIADAS NO SORTEIO DE 31 DE DEZEMBRO DE 1943

CR \$1.000.000,00	004.584
CR \$100.000,00	553.899
CR \$ 50.000,00	456.052
CR \$ 5.000,00	369.167
CR \$ 5.000,00	746.979

PREMIOS DE CR \$1;000,00

045.339	058.549	136.291	179.391	210.345	232.161	256.619	274.591	386.935	493.466	530.825
535.900	580.733	586.930	600.422	606.094	671.125	842.061	884.950	894.843	961.251	—

PREMIOS DE CR \$300,00

C00457	067117	133777	200437	267098	333757	400417	467077	533837	600497	667157	733817	800477	867137	933797
003487	070147	136807	203467	270127	336787	403447	470107	536867	603527	670187	736847	803507	870167	936827
006517	073177	139837	206497	273157	339817	406477	473137	539897	606557	673217	739877	806537	873198	939857
009547	076207	142867	209527	276187	342847	409507	476167	542927	609587	676247	742907	809567	876227	942887
012577	079237	145897	212557	279217	345877	412537	479197	545957	612617	679277	745937	812597	879257	945917
015607	082267	148927	215587	282247	348907	415567	482228	548897	615648	682307	748967	815627	882287	948947
018637	085297	151957	218617	285277	351937	418597	485357	552017	618677	685328	751997	818657	885317	951977
021667	088327	154987	221647	288307	354967	421627	488387	555047	621707	688367	755027	821687	888347	955007
024697	091357	158017	224677	291337	357997	424657	491418	558078	624737	681397	758057	824717	891377	958039
027727	094387	161047	227707	294367	361027	427687	494447	561107	627767	694427	761087	827747	894407	961067
030757	097417	164077	230737	297397	364057	430717	497477	564137	630797	697457	764117	830777	897437	964097
033787	100447	167107	233767	300427	367088	433747	500507	567167	633827	700487	767147	833807	900467	967127
036817	103477	170137	236798	303457	370117	436777	503537	570197	636857	703517	770177	836838	903497	970157
039847	106508	173167	239827	306487	373147	439807	506567	573227	639887	706547	773207	839867	906527	973187
042877	109537	176198	242857	309517	376177	442837	509597	576257	642917	709577	776237	842897	909557	976218
045907	112567	179227	245887	312547	379207	445867	512627	579287	645947	712607	779267	845928	912587	979247
048937	115597	182257	248917	315577	382237	448897	515657	582318	648977	715638	782297	848957	915617	982277
051968	118627	185287	251947	318607	385267	451927	518687	585348	652007	718667	785327	851897	918647	985307
054997	121657	188319	254977	321637	388297	454957	521717	588377	655037	721697	788357	855017	921677	988337
058027	124687	191347	258007	324667	391327	457987	524747	591407	658067	724728	791387	858047	924707	991367
061057	127717	194377	261037	327697	394357	461017	527777	594437	661097	727757	794417	861077	927737	994397
064087	130747	197407	264067	330727	397387	464047	530807	597647	664127	730787	797447	864107	930767	997427

FAZENDA ONDINA • CACHOEIRA DO PAJEHÚ

Município de Fortaelza - Norte de Minas

Propriedade de ELPIDIO PORTO

*

CRIA, COMPRA E VENDE GADO
DAS RAÇAS INDIANAS

Tem sempre á venda ótimos reprodu-
tores das marcas "71" e "J3" — A
FAZENDA ONDINA é servida por
— estrada de rodagem, telefone, etc. —



"MARAJÁ" — Campeão da raça indubrasil
na última Exposição de Fortaleza



"FIGURINO" — Indubrasil com 14 meses de idade. Marca "71".
Propriedade de Elpidio Porto

AOS CONVALESCENTES

O ARROZ, mais do que qualquer
outro cereal, proporciona grande
quantidade de fécula assimilável.

Por isso é indicado para inválidos e
convalescentes.

* * *

Elsa e Ilsa são nomes derivados de

Elisa, nome de origem hebréia que
significa — prometida de Deus.

*

Os objetos de estanho devem ser
limpados com cebola.

*

O PERIGO DOS RAIOS

DURANTE os dias tempestuosos
deve-se evitar objetos metálicos
nas proximidades das janelas, pois
constituem excelente atração para os
raios.

*

FERROADA DE ABELHA

A PRIMEIRA coisa a fazer quando
se recebe uma ferroada de abe-
lha é tirar o ferrão que ela deixou,
apertando a ferida até que saia
um pouco. Aplique, em seguida, uma
compressa de amoníaco.

*

PARA CURAR O VICIO DE FUMAR

PARA peráer o uso do fumo é acon-
selhavel bochechar com uma
solução de 0,25 de nitrato de prata
num litro de agua. O fumo, no fim
de pouco tempo, tornar-se-á intole-
rável para quem seguir este conselho.



"ADMIRAVEL" — Fino reprodutor azinino da raça "Pega", cria de Veridiano Guime-
rães em sua fazenda Esperança. Por este magnifico exemplar já foi regeitada uma oferta
de Cr \$ 50.000,00

FAZENDA ESPERANÇA • JEQUITINHONHA
— NORTE DE MINAS —
tem sempre á venda ótimos reprodutores azininos, cavaleiros e bovinos



GUARUJA'

3 1/2 ANOS DE IDADE. AFAMADO REPRODUTOR DE
PROPRIEDADE DO GRANDE CRIADOR JOÃO ALVES DO
NASCIMENTO. "FAZENDA IPANEMA" E "GRANJA DAS
TERMAS" — PATROCÍNIO — TRIÂNGULO MINEIRO



Grupo feito por ocasião do baile dos novos contadores, realizado nos salões do Minas Tennis Clube

*

FORMATURAS



Srta. Dalva Porto

A srta. Dalva Porto, da sociedade de Fortaleza, filha do grande fazendeiro e criador Elpidio Porto, vem de concluir, após um curso aos mais brilhantes, os seus estudos de normalista, sendo diplomada pelo Colégio Imaculada Conceição, desta Capital. Oferecemo-nos a fotografia que ilustra esta ligeira nota social, a srta. Dalva Porto, revelando a delicadeza de seus sentimentos, encareceu o seu desejo de que fixássemos o profundo pesar com que se despedia da diretora, professoras e colegas que teve naquele conhecido educandário feminino, das quais leva, para a sua cidade natal, uma imensa saudade e sincera gratidão por todas as provas de estima que recebeu durante os anos de convívio no Imaculada Conceição.

EXIJA

BOMBONS
E
CHOCOLATES

GARDANO

OS MELHORES

A' VENDA EM TODAS
AS CONFEITARIAS E
BOMBONIERES

O PREPARO DOS LEGUMES

PARA que os legumes conservem todas as suas substâncias nutritivas deverão ser cozidos na menor quantidade d'água possível. Desse modo as suas apreciadas vitaminas e sais não se dissolverão completamente.

*

CORTEZIAS

NUM grupo em que estejam pessoas que não se conhecem, a de maior autoridade ou de maior conhecimento deve apresentar uns aos outros. Eis uma obrigação que, não cumprida, deixa lugar a uma falta de cortezias.

*



O aniversário de Luís Augusto, filho do casal dr. Gregoriano Canedo-d. Guadalupe Canedo, foi comemorado com uma encantadora festa infantil. Em torno do pequeno aniversariante reuniram-se vários amiguinhos, que lhe foram levar os votos de felicidade. O clichê fixa o momento em que Luís Augusto apagava a quinta e última velinha do tradicional bolo de aniversário.



Flagrante fixado por ocasião do ato do lançamento da pedra fundamental da Estação de Ponte Nova.

A AÇÃO DINÂMICA DA ADMINISTRAÇÃO DA CENTRAL DO BRASIL, NA DIVISÃO DE MINAS

O DR. LUIS BURLAMARQUI é, incontestavelmente e sem favor, um dos mais altos valores da administração da Central do Brasil.

Engenheiro de notável saber, técnico dos mais perfeitos, é, acima de tudo, um administrador de larga visão, a quem, em tão boa hora, foi conferido o importante Departamento da Divisão de Minas. Ingressando para a nossa principal via férrea há 24 anos, se dedicou com esmero ao serviço, emprestando a todos os seus atos uma inteligência invejável e uma autoridade sem esmorecimento. Galgou todos os postos pelo seu valor próprio reconhecido e proclamado por todos os seus chefes e subordinados.

Passando uma rápida revista à sua atuação, nos vários setores em que tem agido, nos capacitamos da justiça das nossas apreciações e do alto conceito em que é tido dentro e fora da Central do Brasil.

Assim é que, no exercício de seu árduo e difícil cargo, teve oportunidade de melhorar e conservar todo o material rodante da grande ferrovia, para dar maior vassão às mercadorias confiadas ao seu transporte, e maior conforto e bem estar aos que por ela trafegam; construiu e reconstruiu pontes; estabeleceu planos de transporte com aproveitamento total dos trens de carga nos percursos de ida e volta; reformou e poz em movimento todas as locomotivas existentes em toda a vasta região mineira sob o seu controle; lastrou inúmeros quilômetros de linha. Iniciou a drenagem do leito da linha. Colocada assim a casa em ordem, a Central pelo seu setor de Divisão em Minas, atendeu, como continua a atender, aos pedidos de transporte feitos por comerciantes e industriais sediados às margens das estradas, tais como às da Vitória-Minas (Companhia Vale do Rio Doce), Leopoldina e Rede Mineira de Viação, às quais competiam es-

ses transportes, que, por motivos especiais, não podiam executá-los.

Edificou numerosas casas para os operários ferroviários; vem atendendo com presteza a todas as requisições de espécie de transportes, de modo a não prejudicar aos clientes da estrada; e, cousa rara, normalizou e regularizou os horários da Central.

No seu trabalho de remodelação, tem em vista, antes de tudo, as questões orçamentárias, a prestesa dos serviços, e a sua perfeição, de tal forma que excedeu, em todos os aspectos, às mais avançadas administrações ferroviárias americanas.

Eis o que ligeiramente nos foi dado observar, além de muitos outros eficientes serviços prestados pelo va-

loroso moço, o que lhe valeu um prêmio da administração, que assim quiz destacá-lo como um dos mais perfeitos organizadores da importante ferrovia nacional.

Foi pois este graduado e fervoroso obreiro da atual grandeza da Central do Brasil quem, desde 1932, estudou e compreendeu a necessidade de construção de uma nova gare na cidade de Ponte Nova, capaz de resolver o volumoso problema de transporte dependente daquela estação. Os seus estudos e os seus esforços foram afinal reconhecidos e coroados de êxito, quando o ilustre major Alencastro Guimarães aprovou a idéia e os estudos, pondo em concorrência pública a concessão.



O eng.º Luis Burlamarqui, em seu gabinete de trabalho.



Os clichês da pagina mostram um aspecto parcial colhido no interior do "Restaurante da Cidade" no dia de sua inauguração; o prefeito Juscelino Kubitschek, quando fazia o seu discurso, vendo-se os secretários da Agricultura, Finanças e Visção; e um filigrante feito quando o prefeito da Capital e diversos jornalistas carregavam a bandeja com o excelente almoço popular que a Prefeitura está servindo ao povo ao preço de Cr \$ 1,40.

* * *

INAUGURADO O "RESTAURANTE DA CIDADE"

MAIS UMA NOTÁVEL REALIZAÇÃO SOCIAL DO PREFEITO JUSCELINO KUBITSCHKEK EM FAVOR DAS CLASSES TRABALHADORAS DA CIDADE



A ADMINISTRAÇÃO do prefeito Juscelino Kubitschek, seguindo as normas preconizadas pela mais avançada política de amparo social, vem de vencer mais uma importante etapa no seu grande programa de realização em prol das classes menos favorecidas da fortuna, com a inauguração do "Restaurante da Cidade".

Montado com todo o capricho, sem embargo de sua simplicidade, o estabelecimento oferece aos seus frequentadores um ambiente de conforto relativo, além de absoluta higiene. As refeições, constantes de arroz, feijão, carne, legumes, um copo de leite e uma banana, são servidas ao preço infimo de Cr\$1,40, com o que se favorece aos operários e trabalhadores de pequenos salários a oportunidade de se beneficiarem com uma alimentação bem preparada, farta e sadia,



No dia imediato ao de sua inauguração oficial, o "Restaurante da Cidade" obteve uma frequência de 600 pessoas. Aqui vemos um expressivo flagrante colhido por essa ocasião.

com um dispendio verdadeiramente insignificante.

Ao ensejo do ato inaugural do importante melhoramento, o prefeito Juscelino Kubitschek reuniu em um almoço, constante da própria refeição comum ali servida, os secretários do Governo do Estado, jornalistas e membros das diretorias dos sindicatos das classes trabalhistas da Capital. Também compareceu o cap. Haroldo Ferreti, representando o Governador Valadares Ribeiro.

Todos empunharam a sua bandeja e recolheram os pratos constantes do "menu" comum, tomando assento à mesa para saborear a refeição que foi muito apreciada pela excelência de seu preparo.

O DISCURSO DO PREFEITO DA CAPITAL

Entregando o "Restaurante da Cidade" ao público e homenageando a imprensa, falou o prefeito Juscelino Kubitschek, que teve oportunidade de anunciar um largo programa de obras de assistência social que a sua administração realizará no decurso deste ano, destacando-se o Hospital Municipal, o Lar dos Meninos, os Postos de Assistência Médica e outros.

O governador da Capital teve ensejo ainda de tecer longas considerações sobre o dever que assiste aos administradores, no sentido de amparar as classes menos favorecidas, realçando a constante preocupação de nossa municipalidade em cumprir esse imperativo, no que tem sido

sempre apoiada pelo governador Valadares Ribeiro.

OUTROS ORADORES

Seguiram-se com a palavra os srs. Ilacir Pereira Lima, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem; o jornalista Luiz de Medeiros; o presidente do Sindicato Hoteleiro da Ca-

pital; e sr. Ernani Maia, presidente do Sindicato dos Garçons; todos enaltecendo a significação do importante gesto de nossa municipalidade e a ação desta no terreno social. Falaram ainda o sr. Job Campolina Sá, levantando o brinde de honra ao governador do Estado e o sr. Aristoteles Juvenal de Faria Alvim que, em nome dos industriais, felicitou o Prefeito da Capital.



As instalações do "Restaurante da Cidade" foram estabelecidas de acordo com a última palavra em conforto e higiene. Aqui vemos um detalhe da cozinha, notando-se os funcionários encarregados da mesma.

DIVINÓPOLIS REALIZA AS ASPIRAÇÕES DE PROGRESSO DE SUA GENTE

Sob a eficiente administração do prefeito Antonio Gonçalves de Matos, o grande município do Oeste trabalha pelo engrandecimento cultural e econômico do Estado — Um dos mais importantes parques industriais mineiros A ação da Cia. Mineira de Siderurgia.

A reportagem de ALTEROSA visitou recentemente o grande município mineiro de Divinópolis, uma das mais pujantes afirmações do progresso do nosso Estado.

Superiormente conduzido pela administração do prefeito Antonio Gonçalves de Matos, a quem o município deve a mais larga soma de serviços desde o advento de seu governo, em 1936, Divinópolis vem experimentando uma fase de progresso que ficará assinalada como uma das etapas mais gloriosas em sua história. Não satisfeito em fomentar o desenvolvimento da cidade através de inúmeros melhoramentos públicos do mais alto alcance, entre os quais poderemos citar o calçamento de uma vasta área urbana, o novo serviço de abastecimento de água e de esgotos, a abertura de novas ruas, praças e jardins, além da construção de uma enorme quilometragem de estradas de rodagem, e do grande apoio dispensado à educação pública, com a manutenção de mais de três dezenas de escolas rurais, o prefeito Antonio Gonçalves de Matos tem procurado voltar a sua atenção, com particular empenho, para o desenvolvimento das fontes de produção do município. Daí resulta o admirável progresso que Divinópolis vem experimentando neste importante setor de suas atividades, a ponto de se tornar hoje, sem nenhum favor, um dos mais pujantes parques industriais do Estado.

Chama a atenção do visitante que aporta em Divinópolis o extraordinário incremento de suas indústrias. Para não falar em vários ramos de sua produção industrial, que se estende pelos laticínios, tecidos, álcool-motor e outras importantes fábricas, o que tornaria muito extensa esse registro, nos deteremos na indústria do ferro, que ali encontra presente-

mente um dos seus mais brilhantes aspectos em Minas Gerais. Depositário de imensas jazidas de minério do mais alto teor e cercado de extensas matas que facilitam a produção do guza com matéria prima local, Divinópolis tornou-se hoje um dos grandes centros siderúrgicos do Estado, com o estabelecimento ali da Cia. Mineira de Siderurgia, à frente da qual se encontram o prefeito Antonio Gonçalves de Matos, como Diretor-Secretário, e os srs. Jovelino Rabêlo e Clodoveu Davis, como Diretor Gerente e presidente respectivamente.

Seus altos fornos já se encontram prontos para a produção, forjando em breve o ferro guza e uma infinidade de produtos da indústria siderúrgica que prestarão relevantes serviços à economia do Estado.

Além dessa importante organização siderúrgica, cuja significação para o nosso parque industrial foi ressaltada na recente homenagem prestada pela Associação Comercial de Minas aos líderes da siderurgia nacional, conforme ALTEROSA teve ensejo de noticiar na época, outras indústrias semelhantes encontram-se ali em franca atividade, entre as quais a J. Rabêlo S. A. e a Fundação Perene, indústrias de alta fundição de ferro e bronze especializadas na fabricação de arados e moinhos para café, além de inúmeros outros artigos conhecidos e admirados em todo o país.

Merece ainda especial referência as grandes Oficinas Mecânicas da R. M. V. situadas em Divinópolis. Dali tem saído carros e até mesmo locomotivas, construídas de acordo com a mais moderna técnica, para servir a passageiros e cargas na importante ferrovia mineira.

Como se vê, Divinópolis tornou-se sem nenhum favor um dos grandes parques industriais do nosso Estado.

* * *

PROFESSORAS DE ALEGRIA

(CONCLUSÃO)

neira, dedicam as melhores de suas horas ao trabalho de tornar belas as mãos dos homens e belos as mãos e os pés das elegantes, sem muitas vezes terem tempo de cuidar de si mesmas.

Trabalham, trabalham, ganham dinheiro, compram vestidos, trabalham mais e finalmente, um belo dia, abandonam a profissão, torçam-a por um casamento vantajoso, surgido na própria mesa de serviço...

Mas, todas gostam da profissão e só a abandonam mesmo em último caso e assim mesmo — olhem lá! — com muito choro, com muito abraço comovido às companheiras, como se estivessem deixando o céu pelo inferno.

Outro dia, ALTEROSA resolveu fazer uma visita geral aos salões e Institutos de Beleza da cidade. Conheceu muitas manicures, conversou com todas elas, fez perguntas, deu opiniões, sugeriu alguma coisa e por fim tirou, para seus leitores, estas conclusões

acerca da profissão de manicure:

— Em geral, as manicures gostam mais de brunhir mãos masculinas, com a justificativa de que os homens são mais "mão aberta" e dão gorjetas maiores, ao passo que as mulheres, além das inúmeras reclamações, (as mulheres estão sempre prontas a reclamar, a encontrar defeitos em tudo que é feito por... outra mulher) dão gorjeta de um níquel de dez centavos ou de 50 quando muito.

— As manicures estão sempre satisfeitas, tem sempre nos lábios o melhor de seu sorriso e encaram a vida com uma boa vontade que faz maravilhas. Para cada freguês um sorriso amável, franco e acolhedor. Nada de cara feia, nem de casmurmismo. Um sorriso, algumas palavras e o trabalho, executado com firmeza. Pronto. Eis um freguês conquistado, que sempre a procurará.

— Pelas mãos das manicures passam as mais extravagantes e as mais estranhas mãos da cidade. Mãos mo-

renas, claras, às vezes completamente escuras, mãos pardas, finas, leves, pesadas e calosas. Acompanham essas mãos os corpos mais diferentes que se podem encontrar em nossa urbe. Gordos, magros, médios, esqueléticos, raquíticos. E os corpos são acompanhados por rostos, olhos, e bocas. Sobre tudo por bocas que não se calam, que se abrem, afim de extravasar o ódio, a alegria, o amor, romances em perspectiva, negócios, aventuras e tudo o mais que pode acontecer a um homem ou a uma mulher dos tempos modernos.

As bocas falam o que vai no Cérebro ou no coração. Abrem-se em confidências. E como verdadeiras profissionais que se prezam, e que amam acima de tudo a ética profissional, as nossas manicures recebem as grandes revelações dos freguezes e não as transmitem senão às colegas, que por sua vez têm outras colegas, que têm outras colegas, que têm amigas... assim por diante interminavelmente... Deste modo, a confissão cai num verdadeiro "tú-mulo" fechado.

Mas, é justamente com estes pequenos ou grandes fatos que estas filhas de Eva, que se encarregam do embelezamento das mãos e dos pés da cidade, fazem a alegria de sua vida, a razão e ser da profissão e é ainda disto tudo que nasce o seu sorriso, a sua boa vontade e a sua compreensão.

Num Instituto de Beleza da Avenida, encontramos uma destas abnegadas profissionais que nos disse:

— Manicure é um verdadeiro confessionário vivo, um verdadeiro cofre de segredos.

Arriscamos:

— Cofre que se abre com muita facilidade...

— Engana-se, meu amigo. Segredo caiu aqui (apontou o coração) não sai mais, a não ser...

— A não ser para a colega da mesa próxima...

— A não ser depois que eu esteja morta...

— De fome?

— Não. De raiva!

E caiu na gargalhada.

Outra manicure, comentando a alegria das profissionais do embelezamento das mãos, disse:

— Esta alegria é necessária. Não valem nada beleza, "it" ou qualquer outra coisa. A afabilidade, o bom tratamento vale tudo, para nós, que aqui ficamos a espera dos freguezes.

Conto-lhe um caso: entrou, há algum tempo, para um Instituto de Beleza da Capital uma linda moça. Era o que se podia encontrar mesmo de mais fino. Ficamos espantadas e comentamos: "essa vai abafar a praça". E pensa você que ela abafou mesmo? Coisa nenhuma. Era cheia de si, fechada, carrancuda, não dava confiança a ninguém, maltratava os clientes. Resultado: no fim de um mês tinha feito 6 unhas. No fim de dois, nenhuma. Fracassou e desistiu.

Assim, como verdadeiras artistas, que sabem o segredo da vida, as manicures vão vivendo calmamente, alegremente, até que apareça um casamento vantajoso, nascido na própria mesa de trabalho.

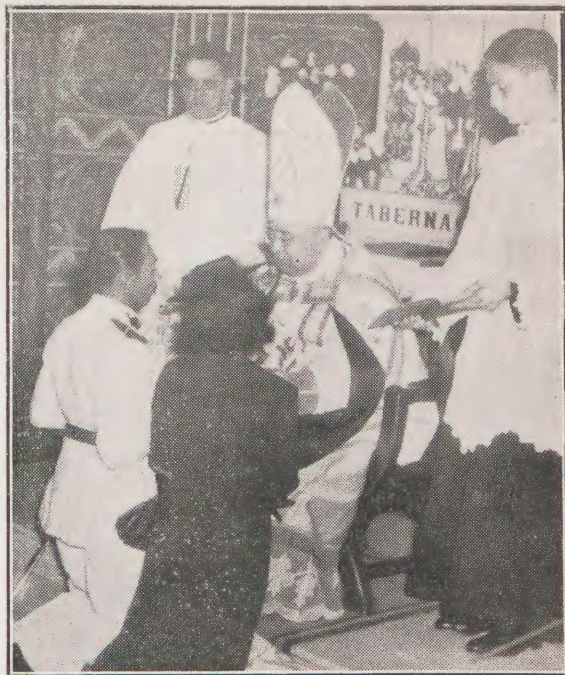
*

AS BATATAS PODEM SER TÓXICAS

É ERRO alimentício comer batata feita no dia anterior ou várias horas antes. As batatas devem ser servidas apenas depois de cozidas; não sendo assim, têm efeito tóxico.



Aspecto feito quando falava o cel. Vicente Torres Junior, comandante geral da Força Policial do Estado.



Flagrante colhido por ocasião da bênção das espadas dos novos aspirantes, realizada pelo Arcebispo D. Cabral.

Mais uma turma de aspirantes da nossa Força Policial

As brilhantes solenidades que marcaram a declaração da turma de 1943 — Estiveram presentes o governador Valadares Ribeiro, o general Olimpio Falconiêre e outras altas autoridades — Foi paraninfo o cel. Vicente Torres Junior

COM o brilho de que sempre se revestiram as solenidades de declaração dos aspirantes da Força Policial do Estado, tiveram lugar as cerimônias deste ano em meio a um raro entusiasmo, com características de um verdadeiro acontecimento de relevo social.

A cerimônia da entrega das espadas realizou-se no Departamento de Instrução, logo após a chegada do Governador Valadares Ribeiro que recebeu as honras militares por uma companhia do 6.º B. C. M., achando-se presentes ainda o general Olimpio Falconiêre, comandante da I. D. da 4.ª Região Militar, os secretários e auxiliares do Governo do Estado, o cel. Vicente Torres Junior, comandante geral da Força Policial do Estado, e paraninfo da turma o major João Arelano Passos, comandante da Base Aérea de Belo Horizonte, o tenente-coronel Coelho de Araujo, chefe do estado maior da Força Policial, o major George Ben, do Exército Norte-Americano, e outras altas autoridades militares e civis.

Após a entrega das espadas teve lugar a solenidade da declaração, sendo a sessão presidida pelo Governador do Estado. Discursou por essa ocasião o aspirante José Vale, falando em nome da turma. Falou em seguida o cel. Vicente Torres Junior, que pronunciou magnífico discurso de paraninfo. Encerrando a solenidade, falou o governador Valadares Ribeiro, que pronunciou substancial discurso.

No dia imediato, teve lugar a cerimônia da bênção das espadas, na

Igreja de São José, pelo arcebispo metropolitano, D. Antonio dos Santos Cabral.

E' a seguinte, a turma de aspirantes de 1943 da Força Policial do Estado: Alberto Plantaniã, Antonio Moraes, Antonio Norberto dos Santos, Argentino Madeira, Carlos de Abreu Lopes, Daniel Noronha Neto, Euclides Garcia do Carmo, Ezequiel Estevanato, Geraldo Francisco Marques,

Heitor Paratela, Jaci Barbosa, João Ferreira do Carmo, Jonas Pereira da Silva, José Candido de Almeida, José Guilherme Ferreira, José Vale, Lindolfo Nunes Filho, Menotti Geraldo Maroni, Milton Campos, Moisés Hou-ri, Nemer Facure, Paulo Moreira, Paulo Reis, Pedro Rosa Nazaré, Raimundo Chagas, Raimundo Lopes, Saul Alves Martins, Sebastião Reis, Valter Viana, Zulmiro Afonso da Mota.



Flagrante feito por ocasião do juramento à Bandeira pelos novos aspirantes da nossa gloriosa Força Policial.

HOMENAGEADO O DR. PAULO MARINHO DE CARVALHO



Flagrante fixado no gabinete do dr. Paulo Marinho de Carvalho, durante a manifestação que lhe foi prestada pelos seus auxiliares na Caixa Econômica Federal de Minas Gerais.

A O ensejo da passagem do aniversário natalício do dr. Paulo Marinho de Carvalho, presidente da Caixa Econômica Federal de Minas Gerais, recebeu o ilustre funcionário federal e personalidade de destacado relevo em nossos meios sociais uma carinhosa demonstração de apreço por parte de todo o funcionalismo daquele prestigioso instituto de crédito.

A manifestação teve lugar no gabinete de trabalho do dr. Paulo Marinho de Carvalho, onde os seus companheiros lhe foram levar o testemunho da admiração e do apreço que lhe devotam. Falando em nome dos manifestantes, usou da palavra o sr. Agostinho Branco, contador do instituto, que teve considerações em torno da magnífica gestão do homenageado à frente dos destinos da Caixa Eco-

nômica Federal de Minas Gerais, para terminar apresentando a s.s. os melhores votos de felicidade pessoal por parte de todos os funcionários do estabelecimento.

Agracedendo a homenagem, o dr. Paulo Marinho de Carvalho pronunciou uma oração repassada de palavras carinhosas para com todos que cooperaram para o engrandecimento cada vez maior da Caixa Econômica Federal de Minas Gerais, terminando por externar a sua profunda gratidão pela cativante gentileza de seus auxiliares.

Foi então oferecido ao homenageado um artístico presente, como lembrança da solenidade. A' noite, em sua residência, o dr. Paulo Marinho de Carvalho ofereceu uma recepção aos seus amigos e pessoas de suas relações sociais.

* * *

Inaugurada a "CASA BANCARIA CRUZEIRO DO SUL S. A."

A CAPITAL vem de ser dotada de mais um importante estabelecimento de crédito — a CASA BANCARIA CRUZEIRO DO SUL S. A., estabelecida à Rua Tupinambás, 643, no edifício Santa Tereza.

As cerimônias da inauguração desse novel estabelecimento de crédito consistiram em missa pela manhã, na Igreja São José, e a bênção solene das instalações, realizada logo em seguida pelo padre Cír Assunção. Falaram por essa ocasião o dr. Eurico da Trindade, presidente da Casa Bancária, o dr. José de Miranda Costa, advogado, e o dr. Francisco Ribeiro de Carvalho, diretor-gerente. Ao ato, que constituiu um dos acontecimentos de relevo na vida econômica da Capital, compareceram os representantes de nossas autoridades, dos bancos, da Associação Comercial, da Associação dos Empregados no Comércio, da The Texas Co. Ltd., jorna-



Aspecto fixado durante o ato inaugural

listas e grande numero de convidados.

A todos os presentes foi oferecida uma taça de champagne.

Esparços

ÚLTIMA PRIMAVERA

Minha Mãe faleceu na Primavera,
quando a vida era um cântico de Flora,
e em todo ninho o passaredo era
um ditirâmbo de paixão canora.

Mas, ao chegar do último adeus a hora,
um vento mau soprou de esfera a esfera...
Meu Deus! a Primavera foi-se embora,
e ontem mesmo chegara a Primavera...

Aqui ficou o inverno da saudade,
e ficará por toda a eternidade
a enregelar o nosso coração...

Porque tu, minha Mãe, que foste pura,
quando baixaste para a sepultura,
levaste a Primavera no caixão!

ALBERTO RENART

CÉGO

GONÇALVES DA COSTA

O Universo se estende em clarões e harmonias
Ao nosso olhar que o abraça em lampejos vi-
[lentos...]

Belezas em tumulto, irradiando alegrias,
Cobrem a terra e o céu, rodam nos quatro ventos.

Mesmo na aza fatal dos crepúsculos cruentos,
Só vemos o expirar de fulgurantes dias...
— E antes a vista erguer a um céu que uia
[tormentos,

Do que, cego, vagar por amplidões sombrias!

E's cego. E eu sinto, como a arfar, sobre os teus
[ombros,

Uma angustiosa cruz, talhada em treva e escom-
[bros...

E segues... Teu semblante é um luar na noite
[calma...

Homero e Milton - eis duas sombras que asilas! ..
Tens, como eles, a Noite a chorar nas pupilas
E astros sorrindo luz nos céus imensos alma.

NUM ALBUM

Toda beleza, para mim, é santa!
Não ha deslises, erros, vícios, nada
Que desdoire a mulher que exalta e encanta
A alma dos poetas, triste, apaixonada...

Toda beleza, para mim, é santa.
Aos quentes beijos da creatura amada,
Banha-me os nervos o esplendor que canta
Na luz do aol, nos visos da alvorada!

Homens ingenuos, que viveis sonhando
Falsas virtudes, vãs moralidades,
Vêde Frinéa dominando Atenas!

E vêde, mais, Jesus nos ensinando
Perdões extremos, com passividades,
Para o crime das meigas Madalenas!

BAHIA DE VASCONCELOS

Fragmentos
DA POESIA NACIONAL

ENTRE SORRISOS E FLORES VOLTARAM AOS



As normalistas diplomadas pelo Colégio Imaculada Conceição, entre as quais se encontram alunas da Capital e do interior do Estado.



As professoras que concluíram o curso de Aperfeiçoamento em pôse especial para esta revista, após a missa comemorativa da formatura.



As alunas que concluíram o curso do Colégio Isabela Hendrix, fotografadas para ALTEROSA em companhia do seu paraninfo, prof. Alberto Deodato.

SEUS LARES SOBRAÇANDO O SEU DIPLOMA



As diplomadas pela Escola Normal Modelo, da Capital, em pôse para a objetiva de ALTEROSA, tendo ao centro o paraninfo da turma, dr. José Osvaldo de Araujo.



Estes rapazes alegres e felizes, receberam o seu diploma pelo Colégio Loyola.



Grupo de senhoras e senhorinhas diplomadas pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas, da nossa Capital. Nesta hora solene da vida nacional em que o Brasil reclama de suas filhas todo o devotamento e espirito de sacrificio de que é capaz a mulher brasileira, estas novas enfermeiras se prepararam com brilho para servir, em qualquer emergencia, á Patria estremecida.

HEITOR MONIZ É O NOVO DIRETOR DE DIVISÃO DO DIP



HEITOR MONIZ, brilhante escritor e jornalista, novo Diretor de divisão do DIP

NÃO é de hoje que o jornalista Heitor Moniz goza, em todo o País, de uma invejável posição no cenário cultural da nossa gente. Tendo-se iniciado muito moço no jornalismo, graças à sua inteligência e valor veio se firmando dia a dia, até chegar à posição de um dos líderes do pensamento brasileiro.

Diretor secretário da Empresa "A Noite", dirigente de três revistas de projeção nacional, mantém uma efetiva colaboração em vários dos grandes diários da Capital Federal e ainda em muitos outros do interior.

Não podia ser mais feliz, pois, a escolha do Governo da República, ao entregar-lhe a Divisão de Divulgação do Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil. Não só pela cultura geral, quer como literato ou sociólogo, quer como conhecedor dos fenômenos políticos e econômicos, mas também pela sua atuação prática e

firmeza de caráter, Heitor Moniz já se impusera à admiração de seus conterrâneos.

Assim, a sua nomeação para o elevado cargo foi recebida da maneira mais simpática nos meios intelectuais do país, e no seio da imprensa, onde conta com inúmeros amigos e admiradores.

Também nós, reconhecendo em Heitor Moniz as credenciais que o tornam merecedor de toda confiança e simpatia, registramos este acontecimento com indizível prazer, e auguramos-lhe uma fecunda jornada como diretor da Divisão do D.I.P.

*

O VICIO DE FUMAR

A FIRMA-SE que o vício de fumar, tal qual o conhecemos hoje, procede dos índios americanos, que o difundiram entre os colonizadores. Existem, sem embargo, dúvida sobre esta questão, pois sabe-se que os chineses, já nos tempos de Confúcio, eram apaixonados amantes do tabaco. Mas a Europa, não resta dúvida, só conheceu o fumo depois da descoberta da América.

*

A ESCOLHA DO ELEITO

ANTES de comprometer seu coração, toda jovem deve proceder com absoluta lealdade consigo mesmo: ver se "ele" merece o seu amor e se não corre o risco de outorgar-lhe liberdade, e fundando esperanças em quem não é digno de ocupar seus pensamentos. Não pôde inspirar confiança o pretendente que procura fazer seus atos às escondidas, nem tão pouco os decididamente ousados.

* * *

A COSINHEIRA DE MARK TWAIN

Aconteceu um dia que a cozinheira de Mark Twain, muito velha já, sofreu um acidente, morrendo queimada dentro da cozinha. As pessoas da casa pediram-lhe para escrever um epitáfio. Mark Twain tomando a pena escreveu:

"Cozinheira leal e honrada, Sempre com a carne bem assada".



Não por vaidade

mas
por exigência
da vida moderna

**VISTA-SE
COM APURO**

NÃO vacile um instante. De sua melhor apresentação, do talhe impecável de suas roupas depende, às vezes, a realização de um bom negócio ou a obtenção de um magnífico emprêgo.

- Variedade e beleza de padrões.
- Tecidos de superioridade.
- Aviamentos da mais alta qualidade.
- Corte elegante e moderno.
- Acabamento perfeito e distinto.

PINTO
O ALFAIATE DA MODA

RUA RIO DE JANEIRO 374 — 1.º ANDAR

A rápida popularidade e ascensão de Rosita de Souza, do "cast" de exclusivos da PRI-3, é devida ao seu valor como real intérprete de música de câmara.

*

O RADIATRO de F. Andrade está anunciando, para breve, a apresentação de "Crime e Castigo", de Dostoiêvski.

*

OS Gondoleiros do Amor formam um dos melhores conjuntos vocais do nosso Rádio, e vêm merecendo a atenção de todos os ouvintes. Eles se apresentam no programa de "seu" Gaspar, às quintas-feiras, através da onda da Veterana.

*

A NOTA sensacional nos meios radiofônicos do Rio, nestes últimos tempos, foi o rompimento de Yara Sales, Heber de Bóscoli e Lamartine Babo com a Nacional. Adianta-se que o magnífico trio está sendo cobinado pela Rádio Clube ou Mayrink Veiga. Também se fala que eles pretendem excursionar livremente pelas principais cidades brasileiras.

*

DURANTE o mês passado assistimos a verdadeiro duelo de estréias entre nossas emissoras. Assim, tivemos Illona Massey, Lucilla Grays, Wilson de Andrade, Emilinha Borba e Linda Rodrigues.

*

NESTE número, ALTEROSA, numa reportagem com as Irmãs Pedroso, destaca o atavismo musical da família da famosa dupla. Como uma confirmação do que dizemos, de São Paulo nos chegou a notícia de que Odete Pedroso, sobrinha do Professor Tabajara Pedroso, em recente concurso promovido pela Rádio Cultura, foi eleita "a mais perfeita artista do "broadcasting" paulista".

*

A RADIO INCONFIDÊNCIA está obtendo um sucesso completo com a divulgação do "Ciclo das sinfonias de Beethoven", programa este que está no ar aos domingos, depois das 21,15.

*

DORA GUIMARÃES é um elemento de destaque do "Clube aos Diplomatas", que a Rádio Mineira apresenta às quintas-feiras, a partir das 17,30.

*

O VELHO Procópio Ferreira ingressou, finalmente, no Rádio. Ele atua às segundas-feiras, às 21,30, na Tupi do Rio.

PRÓS E CONTRAS

D'ALESSANDRO

O PLAGIO, em outras palavras (mais adequadas, talvez), o papel carbono, quase sempre está destinado a desagradar. Temos, infelizmente, inúmeros exemplos. Não vamos repetir as observações que já temos feito, principalmente a respeito dos "humoristas"... Desta vez trata-se do "Correspondente estrangeiro", que não passa de uma tentativa de imitar o "Reporter Esso". Quem por aí conhece esse programa? Dá-se um prêmio a quem citar meia dúzia de ouvintes desse jornal falado...

*

A RÁDIO MINEIRA, que brevemente estará instalada em novo local, oferecerá ao público magnífico auditório, além de uma promissora reforma na sua programação. Isso, sem dúvida, reflete o progresso do nosso Rádio.

*

DA COMPETIÇÃO, embora muito cordial, resultam os progressos. Brevemente a Inconfidência inaugurará suas ondas curtas, ora em caráter experimental, obtendo merecido sucesso. Além disso anuncia-se que a Oficial terá, nestes dias, um moderno auditório.

*

SEM DÚVIDA que à Rádio Guarani se deve muito do soerguimento da radiofonia mineira. Isso parece inacreditável quando não compreendemos a razão por que a notável emissora mantém certos elementos que, além de dispensáveis, formam a sua "asa negra".

* * *

EMILINHA BORBA NA PRI 3



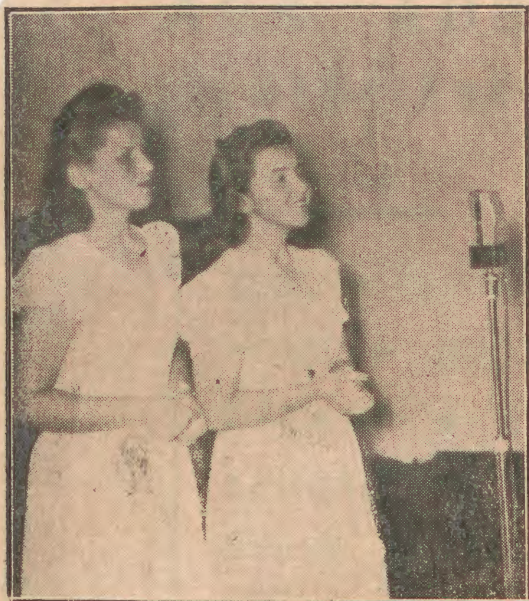
Emilinha Borba, a garota grân dez, como foi classificada pelo público amante da música popular, está fazendo uma vitoriosa temporada ao microfone da Rádio Inconfidência. No clichê, vemos a popular cantora do "broadcasting" nacional, em uma foto gentilmente oferecida aos seus fans de Minas Gerais, por intermédio desta revista.

SINTONIZE SEU RADIO PARA OS MEHORES PROGRAMAS

ESTAÇÕES	SEGUNDAS	TERÇAS	QUARTAS	QUINTAS	SEXTAS	SABADOS	DOMINGOS
NACIONAL PRE-8	Eladir Porto 18,45 Novela "Alvorada" 19,25 Novela "A' margem da vida" (x) 21,00 Violeta Coelho Neto 21,35 (x) Orquestra Sinfônica 22,05 (x)	Namorados da Lua - 18,45 hs. Trigêmeos vocalistas 19,10 (x) Orquestra de Concertos 19,25 Francisco Alves 21,00 (x) Calouros de Orquestra 21,35 (x) Teatro de aventuras 22,05	Virgília Lane 18,45 Jaranaca e Ratinho 19,10 Novela "A' margem da vida" 21,00 (x) Um milhão de melodias 21,35 (x) O que fará você? 22,05	Conjunto Tocantins 18,45 Orquestra de Concertos 19,25 Orlando Silva (x) 21,00 Barbosa Junior (x) 21,35 Orquestra Paraguáia 22,35	Trio de Ouro 19,10 Novela "Alvorada" 19,25 Novela "A' margem da vida" (x) 21,00 Jaranaca e Ratinho 21,35 (x) Inspiração 22,05 (x)	Orquestra de Concertos 19,25 Teatro em casa 21,05 Pátria Distante 21,25	Novela "Fatalidade" 10,00 (x) Hora do Pato 13,35 (x) Coisas do arco da velha (x) 13,35 Barbosadas 20,00
TUPI DO RIO PRG-3	Bola embolada 18,30 Família Borges 19,45 Procópio Ferreira 21,30 Teatro 22,00	Bola embolada 18,30 Família Borges 19,45	Bola embolada 18,30 Família Borges 19,45 Sílvio Caldas 21,30 Joias Nativas 22,00	Bola embolada 18,30 Família Borges 19,45 Caixa de perguntas 21,30	Bola embolada 18,30 Família Borges 19,45	Bola embolada 18,45 Família Borges 19,45 Tribunal de Melodias 21,30	Calouros em desfile 20,00
MAYRINK VEL- GA - PRA-9	Ciro Monteiro - 18,00 Heleninha Costa 18,15 Edgard Lafourcade 21,15 Alvarenga e Ranchinho 21,30 Edgard Lafourcade 22,00 Biblioteca do Ar 23,00	Novela 19,30 Cartaz Internacional 21,30	Ciro Monteiro 18,00 Quarteto de Bronze 18,15 Odete Amaral 18,30 Seleções Mairinquinhas 21,30 Biblioteca do Ar 23,00	Heleninha Costa 18,15 Edgard Lafourcade 18,30 Novela 19,30 Alvarenga e Ranchinho 21,30 Teatro 22,00	Ciro Monteiro 18,00 Cartaz Internacional 21,30 Lendas Maravilhosas 22,00 Biblioteca do Ar 23,00	Quarteto de Bronze 18,15 Novela 19,30 Odete Amaral 21,15 Carlos Galhardo 21,30 Variedades Sonoras 22,00	
INCONFIDÊN- CIA - PRI-3	Hora "H" 22,30 Nos livros e nos Tribunais 23,30	Linda Rodrigues 21,15 Rádio Teatro 22,30	Hora "H" 22,30 Antologia Sonora 22,35	Linda Rodrigues 21,15 Hora "H" 22,30 Caleidoscópio 22,35	Hora "H" 22,30 Vultos e fatos da nossa historia 22,35	Linda Rodrigues 21,15 Hora "H" 22,30 Aconteceu na Semana 22,35	Hora Universitária 18,45 Hora Literária 19,45 Escola de Rádio 20,30 Nos dominios da Música 21,15
GUARANI PRH-6	O drama da vida dos grandes músicos 22,05 Parada dos Milhões e show Guarani 21,00	"Noturno" 19,30 Variedades 21,00 Noites que não voltam mais 22,15 Ternura 23,30	Noturno 19,30 Teatro Imaginário 21,00	Parada dos milhões e show Guarani 21,00	Variedades 21,00 Noites que não voltam mais 22,15 Vida em relevo 23,30	Vespéral da Alegria 16,00 Noturno 19,30 Parada dos milhões e show Guarani 21,00	Gurilândia 10,00 Hora do Recruta 14,00 Grande Concerto Guarani 23,15

ESTE SINAL (x) SIGNIFICA ONDAS CURTAS E LONGAS.

A VOZ DE OURO DA GUARANI



Terezinha e Nupotira, as Irmãs Pedroso, em uma de suas últimas audições ao microfone de PRH 6

★ TEREZINHA E NUPOTIRA PEDROSO CONTAM A "ALTEROSA" UM POUCO DE SUA VIDA

arte, ou melhor, que encontram na arte um meio de expressão.

Sem dúvida que tais são os elementos muitas vezes os mais sacrificados, outros mal compreendidos pelo público. Mas, na maioria, felizmente, encontram apoio e reconhecimento. Este é o caso das Irmãs Pedroso.

É desnecessário reafirmar o conceito que desfrutam nos nossos meios radiofônicos. Queridas entre os radio-

escutas, admiradas entre os amantes da boa música, laureadas nas muitas audições de canto em que se têm apresentado, as Irmãs Pedroso, como são conhecidas, formam o duo mais brilhante de Minas Gerais.

Nesta reportagem, os leitores poderão ver o amor que dispensam à Música, que é, por sinal, uma tradição familiar para elas.

Conhecedores que somos do carinho com que seus pais se dedicaram à formação artística de Nupotira e Terezinha, quisemos ouvi-las primeiramente neste ponto:

— Descendemos — iniciaram — pelo lado materno de antigos lavradores sul-mineiros, onde se encontram não só apreciadores mas também executores da boa música. Pelo lado paterno somos de velha gente paulista e de uma família de jornalistas e musicistas espanhóis, que se fixaram em Campinas, a convite de Carlos Gomes. Assim, entre nossos ascendentes contam-se, além de nossa progenitora que ainda hoje canta conosco e nos aconselha, alguns compositores, como o nosso tio Renato Pedroso, autor da valsa "Diamantina". Sabemos também que entre os nossos ascendentes espanhóis, houve um soprano de notáveis méritos, D. Leonor Casas, que deixou cedo a arte para se entregar à educação dos filhos. Há em nossa família uma tradição que se vem conservando, e que é uma gratidão ao genial Carlos Gomes, que tudo fez por nossos bisavós; auxiliando-os até com um recital.

— Quais as primeiras canções? Perguntamos.

— As primeiras canções aprendemos com mamãe, que ainda nos aconselha e faz-nos observações oportunas.

A minha primeira música cantada em público — diz Terezinha — foi a "Serenata" de Schubert, que, da mesma forma, aprendi com mamãe. Logo depois, com o professor Asdrubal Lima aprendi ainda a "Ave-Maria" de Schubert.

— Como tomaram gosto pelo dueto?

— Por influência da professora Honorina Prates Campos, de quem até hoje recebemos lições. Quando ela está ao piano, chegamos a improvisar duetos. Enquanto cantamos, ela está atenta, fazendo observações até que se afirmam as terças ou contracentos.

— Quando ingressaram no Rádio?

— Perguntamos.

— Começamos na Hora Infantil de "Dindinha Alegria", na Rádio Inconfidência. Nessa emissora fizemos duas temporadas. E este ano nos transferimos para a PRH-6, Rádio Guarani.

— Quais são seus compositores prediletos?

— Temos quase o mesmo gosto. Preferimos Beethoven, Chopin, Mo-

— Conclui no fim da revista —

* * *

NA PRC 7



Linda Rodrigues é outra notável cantora de músicas populares que a PRI-3 está apresentando aos seus ouvintes, em uma sensacional temporada



João Chagas Filho, pianista que vem atuando ao microfone da Radio Mincira

UM POUCO DA "SUA" PRA. - 9

TRABALHANDO PARA VOCE

HAWAIAN SERENADERS ★ MARILU' ★ ODETE
AMARAL ★ HELENINHA COSTA ★ LENITA
BRUNO: ★ REGIONAIS ★ TEATRO
NOVELAS ★ CRONICAS ★ CORTINAS
ORQUESTRAS ★ CARMELIA ALVES



CARLOS GALHARDO
NELSON GONÇALVES
Dupla JOEL e GAUCHO
CIRO MONTEIRO
FERNANDO BARRETO
EDGAR LAFOURCADE
EDÚ E SUA GAITA
QUARTETO DE
BRONZE
ALVARENGA E
RANCHINHO
DICK FARNEY
PATRICIO TEIXEIRA



Fernando
Barreto

Joel e
Gaúcho



RADIO MAYRINK VEIGA

1.220 KCS.

TRAJES PARA O LAR



MODELOS OFERECIDOS A'S DONAS DE CASA QUE GOSTAM DE SE MANTER BELAS, ENQUANTO CUIDAM DO LAR.



Faça a limpeza e a arrumação de seu lar, usando um vestido como este em algodão cinza e branco.



Creação que bem simboliza os cuidados com a vida domestica.



Original modelo em algodão, estilo arco-iris.



Em cima, um modelo interessante para ser usado durante os cuidados com a cosinha. Em azul cambraia e branco. Ao lado, outro interessante modelo para uso na cosinha, confeccionado em branco e vermelho.



Para conservar a sua elegancia nos trabalhos da cosinha, use um modelo como este, em branco e vermelho

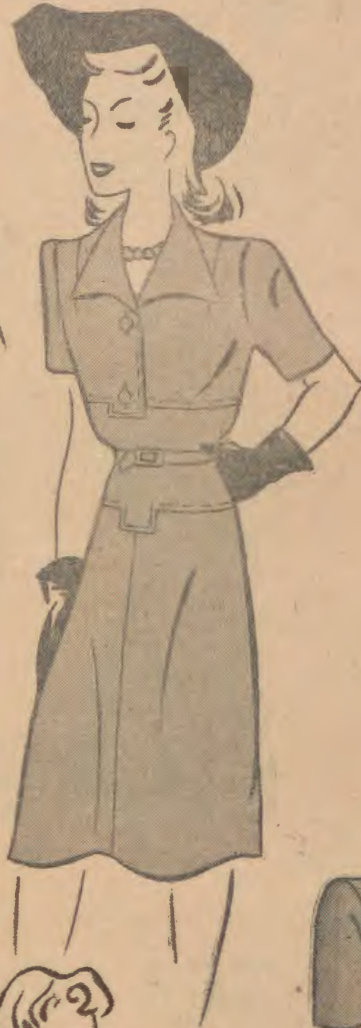


MODELOS

O simbólico "V" ressalta à primeira vista nos bolsos deste modelo simples e bonito, que tem a saia negada e a blusa com longo decote que permite ver uma blusinha interior em seda branca.



Modelo de duas peças. A blusa, de grandes quadros em cores vivas, e o resto em negro e azul.



A prega das cadeiras segue a mesma linha da blusa. Modelo confeccionado em crepe romano.

Para as horas de trabalho aconselham-se modelos simples e como este. De uma só peça que simula uma jaqueta larga.



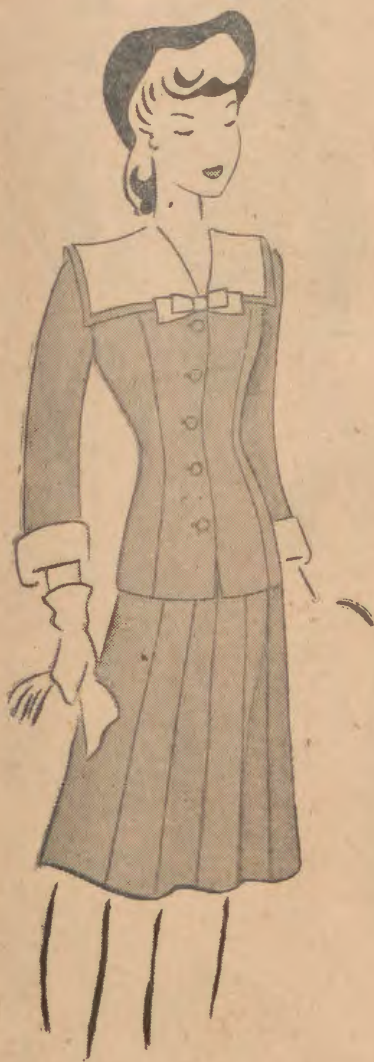
Dois tons de fazenda são exigidos para a interpretação deste modelo. O mais claro para o colo e cintura, e o mais escuro para o resto do casaco e a saia.



JUVENIS



Para as excursões este modelo é sem dúvida muito indicado. A blusa interior nos mostra as mangas largas e franzidas nos punhos. Um franzido e os bolsinhos "plaque" realçam a saia.



De estilo colegial, este casaquinho é bem apropriado para a nossa temporada de verão. Colo réto e os punhos brancos ressaltando sobre o verde do resto do modelo. Saia de nesgas retas.



Modelo singelo formado por um casaquinho abotoado no centro e aberto nas cadeiras. Saia com nesgas bem amplas. Mangas em três quartos e um enfeite de flores ao ombro.



Gracioso e juvenil conjunto para esporte composto de duas peças. Muito indicado para assistir a competições esportivas. A blusa é quadriculada contrastando com a saia que é de uma só cor. Um detalhe original é representado pelas fivelas dos suspensórios.

Alta Costura



Discreto em seu estilo e enfeites, este traje é executado em crepe. A pala redonda leva em volta um babado franzido do mesmo pano. Saia nesaída com drapeados no centro.



Juvenil e atraente, são as características deste modelo esportivo com saia de pregas e casaquinho adornado com listas de fazenda estampada arrematadas com um laço. Mangas três quartos.

O acolchoado é um dos adornos mais elegantes desta temporada. Este trabalho é escolhido para realçar o casaco. Saia formada com negas na frente e pregas atrás.



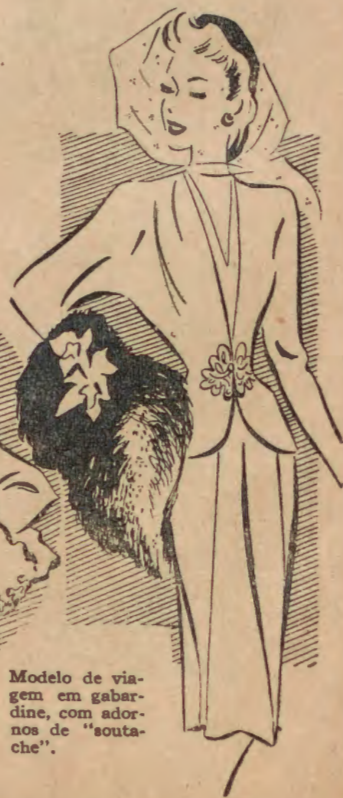
Nada mais próprio para adelgaçar a silhueta que o estilo de linhas rétas como este, de jaqueta aberta até a cintura e saia de três pregas rétas.



Modelo em crepe roxo adornado com botões de metal dourado, sobre a blusa uma prega em forma de "M". Na saia, dois babados que partem da cintura.



Se a leitora se vir obrigada a empreender uma viagem, use em tal oportunidade este modelo de linho beije com botões fantasia.



Modelo de viagem em gabardine, com adornos de "soutache".

Toalhas de mesa

AS toalhas de mesa de crochet continuam em moda, tanto as brancas como as de cores verdes, sendo que estas últimas são preferíveis para as residências campestres.

*

Convites irrecusáveis

AO se receber um convite para testemunha de um casamento, não se poderá declinar senão por questões muito sérias e justificadas.

*

Os melhores presentes

AS crianças que já sabem ler nada melhor do que presentear com livros que deleitem, instrúam e dignifiquem.

*

Para afugentar as moscas

PARA afugentar as moscas nos dias de verão, nada melhor do que colocar, sobre a cabeceira da cama, um pano embebido em essência de alfazema. As moscas não suportam o cheiro que se desprende, então.

*

Atitudes corretas

A JOVEM que tem a felicidade de saber que seu prometido está em vésperas de casar-se com outra mulher, deve tratar imediatamente de readquirir suas fotografias e cartas, pondo ponto final em suas relações. Deve pensar que tudo não passou de um equívoco lamentável, e preparar-se para o futuro, quando não ha de faltar pretendentes à sua mão.

*

A ARTÉRIA aorta nasce no ventrículo esquerdo do coração, e sua função é distribuir o sangue por todo o corpo.

*

Com as agulhas

QUANDO, ao costurar, notar que a ponta da agulha penetra com dificuldade no tecido, crave-a várias vezes num pedaço de sabão, e verá que o inconveniente desaparecerá.

Uma Experiência Pessoal a convencerá
de que o
BATON

Michel

DÁ AOS SEUS LÁBIOS BELEZA
ARDENTE E SEDUTORA



Seus lábios serão sempre jovens, belos e viçosos, se usar o baton que lhes dá verdadeira proteção: Michel. É um produto puro, que permanece nos lábios o dobro do tempo e dá à boca uma sensação de constante frescor. Seu perfume é atraente e discreto. Faça sua escolha entre as 10 tonalidades de Baton Michel. Uma delas se adaptará perfeitamente aos matizes mais sutis da sua tez, acentuando-lhe a beleza natural.

Realce sua beleza e triunfe! Nos lances sentimentais vence a mulher que melhor se trata. Assim, pois, dê ao seu rosto a maior atração possível, começando por um colorido bem harmonioso. Escolha um rouge Michel que combine com o seu Baton Michel: um rouge que reflita o tom de seus lábios e dê às faces um matiz suave e encantador.

Insista em obter a marca Michel legítima. Não se conforme se lhe derem imitações, pois pode obter o genuíno Michel. Procure o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Cosmético para os olhos. É marca de qualidade, sinônimo de beleza.

10 sedutoras tonalidades do Baton:

AMARANTH - VIVID - CHERRY
BLONDE - BRUNETTE - SCARLET
RASPBERRY - CYCLAMEN
CAPUCINE - AMAPOLA

7 atraentes tonalidades do Rouge:

BLONDE - BRUNETTE
CHERRY - CYCLAMEN
CORAL - RASPBERRY
MANDARINE

Em guarda! Para proteção da beleza!
Para proteção do nosso hemisfério!

BATON

Michel

Michel Cosmetics,
Inc., New York

432



ALIVIO NOS RESFRIADOS

PARA resfriados é bom usar dois pedaços de algodão

molhados em álcool e colocá-los nas fossas nasais. O efeito será imediato.

OS DEVERES DAS DONAS DE CASA

A RESPONSABILIDADE da dona de casa, em certos momentos, assume uma importância extraordinária — manter o equilíbrio material e espiritual do lar, fazendo tudo que estiver ao seu alcance, para evitar que privações e sacrifícios pesem sobre os seus, diminuindo o sadio otimismo, valor e confiança que deve existir no seio de toda família.

A tarefa é difícil, mas pode ser amplamente compensada, se for empreendida com o amor com que as mulheres fazem nascer as grandes obras. Economizar, sem, contudo, deixar transparecer que está tratando de gastar menos; substituir, sem lamentações e queixas, os artigos e utensílios que já escasseiam; agir, em outras palavras, de tal modo que não faça atravessar, com um sorriso nos lábios, tempos difíceis, tornando nossas as palavras dos velhos marinheiros espanhóis: "Em mau tempo, rosto sorridente".

Na cozinha, então, tudo pode ser resumido na utilização do que produzir a horta; também a maneira de apresentar os alimentos deve ser feita de tal modo que pareçam mais apetitosos e variados.

Porque, nunca é demais repetir, uma boa dona de casa deve estar integrada, também, no esforço de guerra da Nação, usando com habilidade, o hábito salutar da poupança, aliado, é claro, a um inteligente espírito prático e a um perfeito "savoir faire" que transforma as dificuldades em motivos de alegria.

* * *

CARDAPIO

PUDIM DE FIGADO

500 gramas de fígado
3 chicharas de miolo de pão
1 chicara de leite
1 e meia colherinha de sal
Um quarto de colherinha de pimenta.
2 colheres de cebola picada
2 ovos
4 colheres de manteiga derretida.

Polha o fígado em água fervendo, e deixe-o assim durante uns 10 minutos. Tire-o e passe pela máquina de moer. Deite o miolo de pão no leite, deixando, dessa maneira, cerca de 5 minutos. Misture o sal, pimenta, ovos batidos, cebola, gordura e fígado, mexendo bem. Depois deite tudo numa forma de tamanho regular, forrada com papel impermeável, levando em seguida ao forno de temperatura moderada. Espere uma hora, tirando, em seguida. É um ótimo pudim e dá para seis pessoas.

PASTEL DE NOIVA

1 colher de gelatina granulada

1 quarto de chicara de água fria

3 ovos
1 chicara de leite
Meia chicara de açúcar
Meia chicara de côco rolado
1 oitavo de colherinha de sal
1 colherinha de baunilha
1 colherinha de suco de limão

Dissolva a gelatina em água fria. Bata as gemas dos ovos com o açúcar. Junte o leite e o sal e cozinhe em banho Maria sem deixar de misturar. A essa mistura fervente junte a gelatina para que se dissolva; deixe esfriar, levando-a em seguida à geladeira. Quando estiver meio gelada, junte-se-lhe as claras em ponto de neve, o coco, a baunilha e o suco de limão. Derrame essa mistura em formas de pastel, e leve-a ainda à geladeira, até que fique bem coalhada. Em seguida, cubra-a com coco ralado. Para a massa de pastel misture uma chicara de farinha com um quarto de chicara de manteiga fria e dura, um quarto de colherinha de sal e água fria, em quantidade que faça unir os ingredientes. Abra a massa e cubra com ela

o molde de pastel. Depois cozinhe a massa a 500 graus Fahrenheit.

SOPA DE BATATAS E CEBOLA

5 chicharas de batatas cozidas
3 chicharas de água fervendo
Meia colherinha de sal
6 pedacinhos de toucinho
3 chicharas de cebolas cozidas
2 chicara de leite
Um quarto de colherinha de pimenta.

Cozinhe as batatas em água fervendo com o sal, até que se amoleçam. Escorra então e reserve a água; sove a batata. Pique o toucinho em pedacinhos; frite-os até ficarem bem tostados; junte então as cebolas e cozinhe-as até que fiquem macias e douradas. Misture o toucinho, as cebolas e a massa de batatas à água em que foi fervida, à princípio; acrescente o leite e a pimenta. Esquente essa mistura, e sirva-a em seguida. Em momento de apertos, esta sopa resolve o problema de improvisar rapidamente um prato. Dá para seis pessoas.

PUDIM DE ARROZ MELADO

3 ovos ligeiramente batidos
1 terço de colher de açúcar
1 oitavo de colherinha de sal
3 chicharas de leite quente
Meia colherinha de baunilha
1 e meia chicara de arroz cozido

Misture os ovos, o açúcar, o sal e o melado; junte-se-lhes, lentamente, o leite e a baunilha. Em seguida acrescente o arroz, misturando tudo muito bem. Deite tudo numa fôrma de 1 e meio litros de capacidade, previamente untada. Coloque a fôrma numa caçarola com um pouco de água fervendo, e leve-a ao forno em banho Maria. Em seguida, cozinhe em temperatura moderada, até que, ao introduzir a ponta de uma faca, esta não saia com pedacinhos do pudim. (Isso no intervalo de uma hora, mais ou menos). Sirva-o morno ou frio. Dá para oito pessoas. Para fazer essa ótima sobremesa pode ser usado o arroz que tiver sobrado de uma refeição.

TRENS DE COSINHA
NA

CASA CRISTAL

CUSTAM SEMPRE MUITO MENOS

Rua Espírito Santo, 629

Desodorantes

O USO de um bom depilatório para as axilas terá sempre melhor efeito do que todos os outros processos.

*

A conservação [de um baralho

PARA que as cartas de um baralho estejam sempre limpas e não acumulem leves manchas, é preciso usar periodicamente um pouco de álcool num trapo de algodão. A água de colônia também produz o mesmo efeito. Não convém fazer uso de benzina ou de naftalina por que deixam nas cartas um cheiro pouco agradável.

*

"Week-end"

WEEK-END é um termo todo do inglês e que literalmente traduzido quer dizer "fim de semana".

Usa-se para designar o curto espaço que se inicia no sábado ao meio dia e termina com o domingo.

*

Ruídos incômodos

DEMONSTRAM falta de educação as conversas e os ruídos que se fazem com papéis, principalmente durante uma sessão cinematográfica ou um concerto.



JULIO DISKIN

deseja aos seus amigos e freqüezes
BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO

Roupas feitas em geral
- Brins, Casemiras, etc.

Av. Afonso Pena 312-Tel. 2-0430

VEDAS Á VISTA E A CREDITO

MAIZENA DURYEA

**À VENDA EM
TODA PARTE**

LTDA 37

CONSERVAÇÃO DE AQUARELAS

PARA evitar que os quadros ou aquarelas percam a cor natural, sob o efeito da luz, bastará passar no vidro dos quadros, na parte externa unicamente, um pouco de sulfato de quinina, que é transparente.

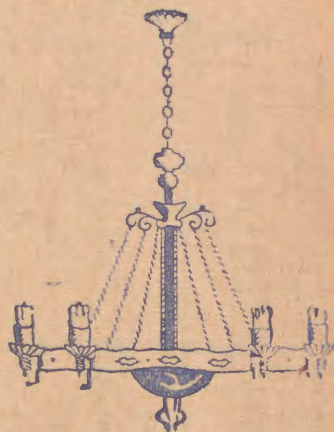
*

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

O DEPARTAMENTO de Minas Gerais do Instituto de Arquitetos do Brasil procedeu, em dias do mês passado, à eleição de sua Comissão Diretora para o exercício de 1943-1944, que ficou constituída dos seguintes nomes: Presidente, Luís Pinto Coelho; Vice-presidente, Virgílio de Castro; 1.º Secretário, Rafael Hardy Filho; 2.º Secretário, Celso José Werneck; Tesoureiro, Juscelino Ribeiro da Fonseca.

GUERRA AOS MOSQUITOS

AS águas estagnadas são focos de mosquitos e constituem um atentado contra a saúde pública.



MATERIAL ELÉTRICO

Instalações de luz, força, etc. — Aparelhos de iluminação — Luz fluorescente

MORAES & SOUZA

Rua Espírito Santo, 439

Fone 2-2717

CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÕES DE SERVIÇOS DE MINERAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

A ATUAÇÃO DESSA BENEMERITA INSTITUIÇÃO EM BENEFÍCIO DA GRANDE CLASSE

Incontestavelmente, a legislação social introduzida no Brasil pelo governo do sr. Getulio Vargas, vem dando resultados magníficos, traduzindo-se em uma soma considerável de benefícios que estão atingindo a todas as nossas classes sociais. O exame das estatísticas e dos gráficos apresentados pelos institutos de previdência, creados entre nós depois de



Dr. R. P. Teixeira Mendes, presidente da Caixa

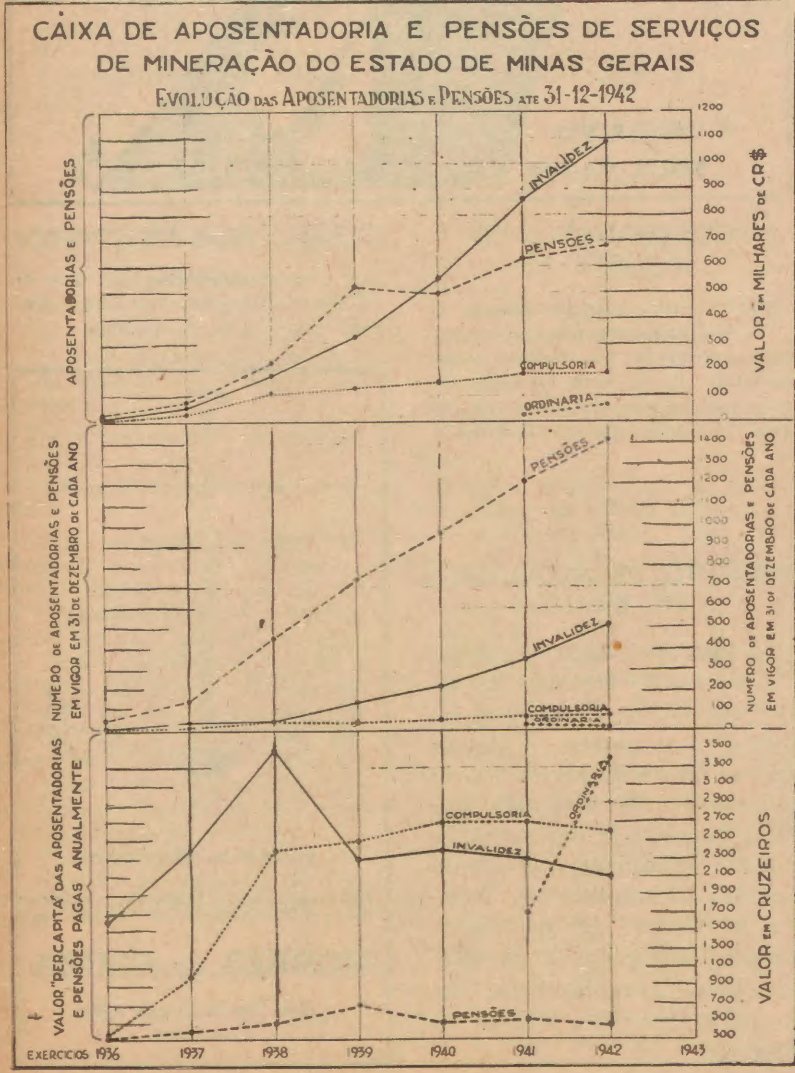
1930, revelam algarismos que valem por uma soberba demonstração do alcance e significado dessa sabia política social que recomenda o governo do país à gratidão e apreço de nossas classes trabalhadoras.

Nestas paginas, temos oportunidade hoje de apresentar expressivos gráficos sobre o movimento geral da Caixa de Aposentadoria e Pensões de Serviços de Mineração do Estado de Minas Gerais, entidade que reúne todos os trabalhadores de Morro Velho e Mina da Passagem. A' frente dessa instituição, como seu presidente, se encontra o sr. R. P. Teixeira Mendes, que vem fazendo excelente administração desde 5 de Maio do corrente ano. Seu diretor médico, o dr. Heraldo Campos Lima, é outra figura da administração que merece o apreço de todos os associados pelos relevantes serviços prestados à comunidade.

Dispensamo-nos de maiores referencias sobre o movimento e os beneficios prestados por essa instituição, de vez que os graficos que ilustram estas notas dizem, melhor do que quaisquer adjetivos, sobre o que tem sido a sua ação durante o periodo de sua existencia.

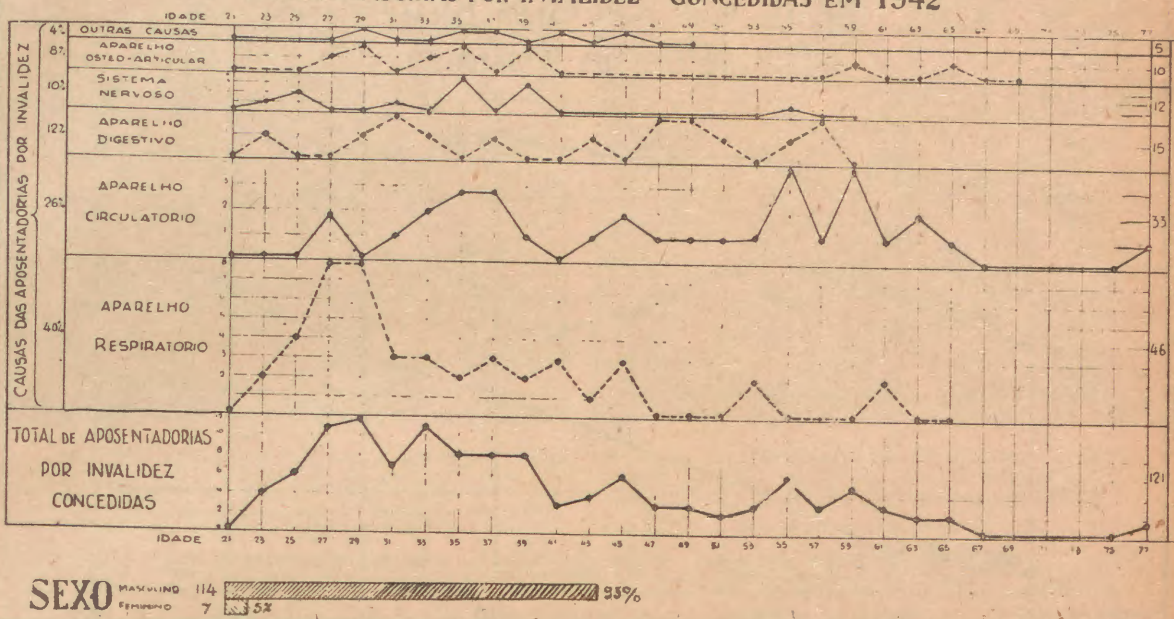
Limitar-nos-emos a ressaltar alguns algarismos que, por sua alta expressividade, merecem a mais detida atenção dos leitores.

A receita geral da Caixa, que em 1936 não alcançava 3 milhões de cruzeiros, elevou-se, em 1942, a quasi cinco milhões. Atestando a sua eficiencia ao serviço da grande classe, vemos atravez de seus graficos que, somente em 1942, foram concedidas



CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÕES DE SERVIÇOS DE MINERAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

APOSENTADORIAS POR INVALIDEZ CONCEDIDAS EM 1942



121 aposentadorias a trabalhadores cujas idades variam entre 21 e 77 anos. O patrimônio realizado em seis anos

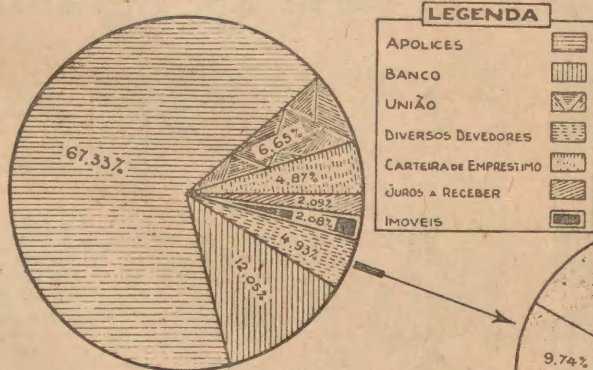
elevou-se a Cr\$ 19.537.157,05.

Numeros como estes atestam com eloquencia a ação

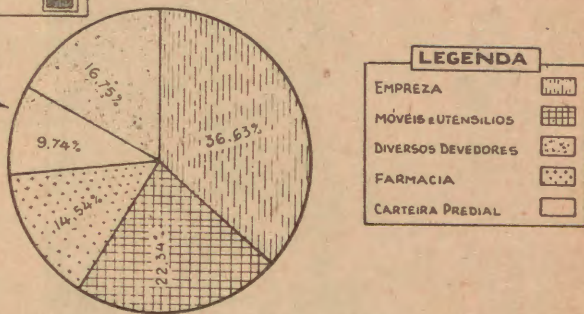
benefica que a Caixa de Aposentadoria e Pensões de Serviços de Mineração do Estado de Minas Gerais vem

CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÕES DE SERVIÇOS DE MINERAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

APLICAÇÃO DO FUNDO PATRIMONIAL EM 31-12-42



DEMONSTRAÇÃO DOS DIVERSOS

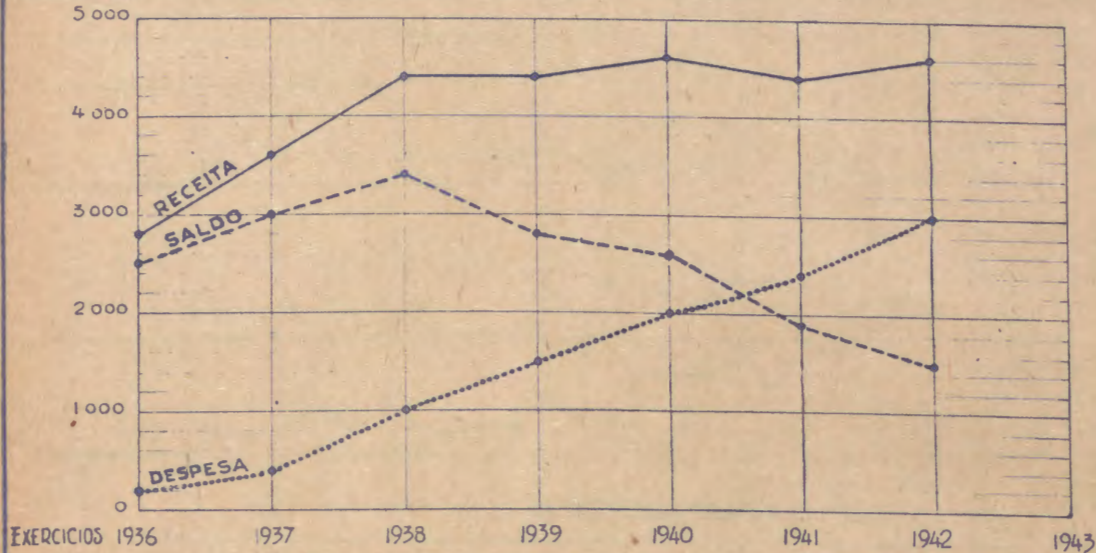


PATRIMONIO REALIZADO EM 6 ANOS
(CR\$ 19.537.157,05)

CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÕES DE SERVIÇOS DE MINERAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

RECEITA, DESPESA E SALDO ORÇAMENTARIOS DESDE SUA INSTALAÇÃO

VALOR EM
MILHARES DE CR\$



prestando, apesar de fundada ha apenas seis anos, aos seus associados.

E a julgar pela marcha ascendente dos algarismos de-

monstrativos dos beneficios que tem proporcionado até hoje, é de se esperar que ela continue realizando a contento os altos objetivos para

que foi estabelecida, como consequencia da sadia politica de amparo social do Estado Novo.

LANÇADA A TINTA "QUINK COM SOLV-X"



O sr. J. G. Portela, fotografado em companhia do sr. Roberto Costa, chefe da firma "Livreria Cultura Brasileira Ltda." e distribuidora da PARKER no Estado

EM VISITA À NOSSA CAPITAL, FALA À REPORTAGEM DE "ALTEROSA" SOBRE A NOVA TINTA "PARKER", O SR. J. G. PORTELA

BELO HORIZONTE hospedou, há dias, o sr. J. G. Portela, figura altamente conceituada no cenário industrial e comercial do país. Durante a sua estada entre nós, o sr. J. G. Portela, que aplica suas atividades na grande firma Costa Portela & Cia., distribuidora, para todo o Brasil, da "Parker Pen Co.", teve ocasião de se referir à crescente preferência do público para com os produtos desta afamada marca.

— "Tendo desenvolvido de maneira sensível o meio consumidor — declarou-nos o sr. J. G. Portela — a "Parker Pen Co." resolveu instalar no Brasil fábricas de tintas, que se destinarão não só à produção, mas também ao crescente aperfeiçoamento dos produtos, sempre lançando mão dos recursos do próprio meio.

Assim é que, ainda neste mês, será lançada a "Quink com Solv-x", produtos que constitue verdadeira revolução na indústria das tintas de escrever, e que tem a propriedade de dissolver todos os sedimentos deixados nos reservatórios das canetas".

Teve a finalidade de ultimar os preparativos da propaganda desse produto, a visita do sr. J. G. Portela. A esse respeito, declarou à nossa reportagem que se trata de uma das maiores campanhas de propaganda até hoje realizadas no Brasil, na qual, somente nos primeiros seis meses, a "Parker Pen Co." invertirá cerca de um milhão e quinhentos mil cruzeiros.

Dessa maneira, "Quink com Solv-x" será um produto genuinamente nacional destinado ao consumo interno e externo, o que representa mais um passo para a grandeza do parque industrial brasileiro.



No Conservatório Mineiro de Música teve lugar em dias do mês passado, uma audição de piano, dos alunos da prof. Jupira Dufles Barreto. O flagrante acima foi fixado quando a professora Jupira Dufles Barreto se encontrava entre os seus alunos que tomaram parte na referida audição.



Ao ensejo do primeiro aniversário do inteligente menino Bráulio José, filho do sr. Ricardo Silva Araujo e de d. Dulce de Vasques Silva Araujo, foi oferecida aos seus amigos e parentes, uma fina mesa de doces.

Foi um acontecimento de relêvo na sociedade da capital o enlace matrimonial do sr. Jorge de Almeida Neves com a senhorinha Maria Auxiliadora de Lima. O flagrante abaixo foi fixado no momento da bênção sacerdotal.



No salão nobre da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa teve lugar a entrega dos prêmios e medalhas aos alunos que mais se distinguiram nos estudos de língua inglesa durante o ano letivo daquela sociedade. A solenidade transcorreu num ambiente elegante, tendo reunido os representantes do governador do Estado, dos secretários da Educação e Visção, dr. Juscelino Kubitschek, presidente da S. B. C. I., sr. H. V. Walter, consul britânico na capital, além de outras pessoas da nossa sociedade. Foi colhido por nossa objetiva este flagrante, que mostra o sr. Juscelino Kubitschek fazendo a entrega do prêmio a uma aluna.

UMA POTENTE EMISSORA EM MONTES CLAROS

O NORTE MINEIRO, com os empreendimentos verificados em muitas cidades, tornou-se uma das zonas mais prósperas do Estado e bem traduz o surto realizador que vem caracterizando a vida nacional.

Montes Claros é já uma grande cidade. Dia a dia novas realizações são anunciadas ali, numa demonstração da capacidade de seu povo. Assim é que, já no próximo dia 20, será inaugurada, naquela cidade, a primeira radio-emissora daquela zona — a Rádio Sociedade Norte de Minas.

Esse fato auspicioso, que está sendo aguardado ansiosamente pelos habitantes não só de Montes Claros, mas também pelo grande número de cidades circunvizinhas, está destinado a marcar um novo ritmo às realizações do norte mineiro. Propagando a cultura e a arte, além das múltiplas questões de ordem econômica, a Rádio Sociedade Norte de Minas prestará um grande benefício ao Município e ao Estado.

Como presidente da referida emissora atuará o sr. Jair de Oliveira, diretor da "Gazeta do Norte", importante órgão que se edita naquela próspera cidade. Na direção estão os dres. José Rodrigues Prates Junior e José Joaquim da Costa Junior. A direção artística estará a cargo do sr. José Monteiro Fonseca.

As instalações da radio-emissora serão no segundo andar do edifício da "Gazeta do Norte", e correspondem ao que existe de mais moderno e confortável, podendo, assim, oferecer ao público, um auditório à altura da realização.

As máquinas foram instaladas no bairro Santo Expedito, e não precisamos repetir que representam a última palavra em técnica.

A Rádio Sociedade Norte de Minas terá a potência de 250 watts na antena.



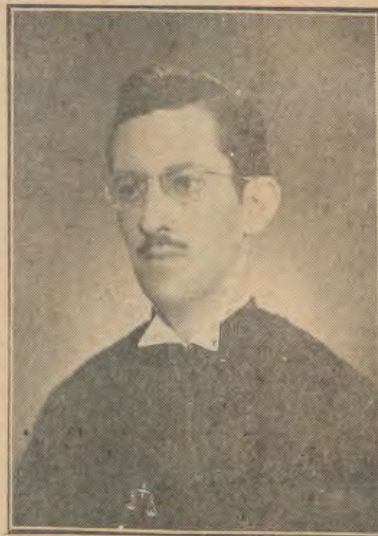
O clichê mostra um aspecto do prédio onde se acha instalada a estação transmissora da Rádio Sociedade Norte de Minas. Ao lado, vê-se um flagrante colhido por ocasião da festividade realizada ali no "Dia da Bandeira", junto à torre da estação. Esta, cuja armação estava um pouco abalada, por motivo de uma forte chuva, foi fotografada quando, sem embargo do perigo que isso representava, diversos operários não vacilaram em subir pela armação, para colocar bem no alto (45 metros), as bandeiras do Brasil, Estados Unidos e Inglaterra.

SOCIAIS



O sr. Nelson Trebilcock Brêtas e a srta. Maria da Conceição Ribeiro, no dia do seu enlace matrimonial.

*



Entre os que se formaram este ano pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, destaca-se o Dr. Antônio José de Freitas, filho do sr. Antônio de Freitas, Superintendente do Departamento de Impostos e Fiscalização da Secretaria das Finanças, figura altamente relacionada e estimada em nosso meio intelectual e no seio do funcionalismo público mineiro.

ALTEROSA que tem na sua pessoa um dos seus melhores amigos, rende-lhe esta justa e merecida homenagem, almejando que, em sua nova profissão, atinja o ideal de todas as suas nobres e sublimes aspirações.

CAMPANÁRIO ANTIGO

IVETTE PITANGUY
PINHEIRO CHAGAS

Campanário de minha terra!
augusto cenário de maguas,
ouvinte terno e paciente de preces e de promessas...
Poesia dos velhos tempos e das cousas mortas!
Tua voz é um badalar soluçante.
Minha alma queda contemplativa
diante de teu perfil secular...
Campanário austero que partilhaste de meu destino
atormentado e aflito!
De teus carrilhões e de teu sacrário
emana a fé que ilumina
a sombra de minha vida...
E' teu o sino que dobra festivo e consolador
nos meus grandes abatimentos...
E' de ti que escuto
as vozes tão raras e esquecidas dos que oraram comigo
no dealbar da vida...
O' tu, campanário, que estás orando no caminho!
Ficarás de pé, erguido para o Céu,
puro e sofrido
qual oração eterna!...



A sra. Ivette Pitanguy Pinheiro Chagas,
autora da poesia que ilustra esta página

* * *

* * *

BRINDES A "ALTEROSA"

Da "Gazeta de Leopoldina", importante jornal que circula em vasta extensão da Zona da Mata, editado na cidade de Leopoldina, recebemos um interessante calendário para 1944, contendo uteis esclarecimentos sobre as obrigações usuais do comércio perante as Leis Fiscais e outras além de informações completas sobre a lei do selo.

*

Do sr. Fabio Campos Mota, representante nesta Capital de T. Janér & Cia., importadores de papel com linhas d'água para a imprensa, recebemos uma artística folhinha comercial para 1944.

*

Da Cia. de Cigarros Souza Cruz recebeu esta revista a gentil oferta de duas lindas folhinhas para 1944.

* * *

COM AS MULHERES

Nenhuma razão têm as mulheres para levar seus assuntos às igrejas. S. Paulo, na primeira Epístola aos Coríntios, diz textualmente: "As mulheres que se calem nas igrejas. Se desejam algum esclarecimento, exponham suas dúvidas aos maridos".

* * *

ELIMINEMOS AS MOSCAS

O meio racional e eficiente para a eliminação das moscas é a extinção das larvas criadoras.



OLIVEIRA COSTA & CIA

AV AFONSO PENA 1052 - TEL 2-1607

PROFESSORAS EMBELEZAM E OS PE'S DA

ALTEROSA realiza entre as oportunas reportagem — Onde dos com inteira segurança... de te — Cara feia não pega — e o fim de uma profissão

* * *

Armanda Fernandes de Carvalho é uma manicure que está sempre contente com a vida que Deus lhe deu. Aqui a vemos fazendo as unhas do reporter, enquanto o "figaro" lhe faz a barba.

* * *

HA' uma profissão feminina que, mais do que qualquer outra, exige gôsto, abnegação e boa vontade. Gôsto, para dedicar-se inteiramente; abnegação para suportá-la, e boa vontade, para mantê-la sempre no mesmo nível. Esta profissão é a de manicure. Em Belo Horizonte, conhecemos uma série de Institutos de Beleza ou simples salões de barbeiro, onde moças, lindas moças, dedicam-se ao trabalho de lixar, polir e brunhir unhas de mãos e... também de pés. Este serviço, que parece, à primeira vista, entadonho, fóra de todas as cogitações de uma moça que necessite ganhar, honradamente, o seu dinheiro, torna-se interessante e atraente, uma verdadeira "cachaca", como cá dizemos em linguagem de imprensa. Pois bem, quase uma centena de moças, nesta bela capital mi-

(Conclue na página 64-A)



Ivone Soares e Anésia Alves, são duas profissionais que seguiram caminhos diferentes. A primeira se dedica a cuidar das unhas de cavalheiros, e a segunda do aformoseamento das mãos femininas.

DE ALEGRIA AS MÃOS CIDA DE

manicures da capital uma
os segredos são guarda-
serem transmitidos adian-
Um casamento vantajoso
querida.



Esta manicure do Instituto Ludowig nas horas vagas faz
as unhas de suas próprias companheiras. Solidariedade
natural entre artistas do mesmo ofício. — À esquerda,
aparece a srta. Olga Santos, outra figura destacada da
classe entre os nossos salões de beleza.



Hilda Calendo também gosta de
cuidar das mãos femininas; de
preferência, sem embargo das
gratificações menores... — Maria
do Carmo, Olga A. Freitas e Ceci
Leite dizem que a profissão não
é má, deixa tempo para se ler
boas revistas e contém muita
atração para quem sabe levar a
vida com alegria e bom humor.



Vista da fachada das novas instalações da "Casa da Lente"

INEGAVELMENTE, cabe ao comércio uma grande parcela na formação do conforto de uma cidade. Uma Capital como a nossa, desprovida de modernos e completos estabelecimentos comerciais, seria uma cidade incompleta, uma cidade desaparelhada para progredir.

Essas considerações nos ocorrem no momento em que empunhamos a pena para dizer o que é a CASA DA LENTE, o notável empório de artigos de ótica, fotografia, cirurgia, e material científico, agora em suas novas instalações, à Rua da Bahia n.º 894, quasi na esquina da Avenida Afonso Pena.

Oferecendo ao público a garantia de uma orientação já conhecida por sua honestidade de princípios e capacidade técnica, a CASA DA LENTE é hoje, sem nenhum favor, um estabelecimento que pode rivalizar com os melhores que se encontram no Rio e em São Paulo, com um completo e moderno sortimento de artigos de ótica, secção em que dispõe dos mais competentes técnicos da cidade, para o perfeito avilamento das receitas. A grande preferência que o nosso publico lhe vem dispensando neste setor de suas atividades, vale por uma cabal demonstração da superioridade de seus serviços de ótica.

Sua secção de material cirurgico, é realmente outro departamento através do qual a CASA DA LENTE vem prestando os mais assinalados serviços à classe medica de Minas Gerais. Dispondo de um estoque permanente, o mais variado e completo, abrangendo a aparelhagem mais moderna que a cirurgia recomende, oferece ao mundo médico da Capital e do interior ao Estado, todas as facilidades para montagens de consultorios, hospitais, e de laboratorios para pesquisas analiticas, tendo um sortimento permanente de aparelhos, microscópios, microtonos, balanças, estufas, fornos, etc. Vidraria para laboratorio e um estoque consideravel de produtos quimicos e acidos para analise, como tambem corantes para laboratorio.

Sua secção de fotografia, contando com amplo e modernissimo aparelhamento, e dirigida por competentes técnicos, tornou-se desde muito tempo o centro mais procurado pelos amadores da arte fotografica que ali encontram um serviço rapido e perfeito em materia de copias, ampliações e reproduções artisticas. Quanto à secção que se dedica a trabalhos de copias fotostaticas a secção de serviço de film tamanho miniatura e micro e microfotografico, estas duas secções especializadas têm conseguido criar renome grande que tem ultrapassado os limites do nosso Estado, devião à grande perfeição alcançada.

Como se vê, a CASA DA LENTE é de fato um desses estabelecimentos que fazem falta na vida de uma grande cidade.

Suas instalações, seus departamentos comerciais, o pessoal polido que põe ao serviço de seus clientes e, sobretudo, as suas normas de negocios, pautadas na mais sadia honestidade comercial, fizeram-no com que se tornasse um dos mais justificados motivos de vaidade para o belorizontino que nele tem um estabelecimento verdadeiramente modelar.



A ARTE da maquilagem não é tão facil como parece à primeira vista. A sua técnica não pode ser a mesma para todas as ocasiões. Quando se escolhe esta ou aquela forma de maquilagem, para este ou aquele tipo de rosto, deve-se ter em vista, antes de tudo, o senso de estética, procurando-se emprestar mais realce aos traços fisionomicos capazes de produzir uma impressão de simpatia, e disfarçar, com perfeição, qualquer detalhe que possa parecer menos agradável. E' necessário maquilar-se de diferentes maneiras, embora respeitando sempre os lineamentos básicos prescritos no estudo das feições.

Não é possível admitir que, para ir ao campo ou a um passeio desportivo, se pinte da mesma forma que quando se dirige a uma visita ou a uma festa social.

Em todas as atividades matutinas é aconselhável apresentar-se com uma maquilagem suave e discreta, de maneira que a beleza esteja realçada, dentro da simplicidade. As maçãs do rosto devem apresentar apenas uma ilusão de rouge e o lapis não deve destacar imoderadamente os lábios com um vermelho muito vivo.

Para a tarde a maquilagem é mais difficil, porque se estará, muitas vezes, em lugares onde a luz artificial exige que o rosto esteja melhor preparado para realçar a beleza. Além disso, essa maquilagem tem de estar em harmonia com certos adornos do vestido, o que também é de grande importância. E necessário avivar o tom do rouge, pois a luz ao entardecer, projeta sombreados sobre o rosto. O fulgor do olhar poderá ser mais evidente se as pálpebras merecem um ligeiro e cuidadoso sombreado. Isso, sem dúvida, dá-lhe mais encanto, mas convém se esquecer de que deve combinar com a cor dos olhos.

As morenas, por exemplo, não devem usar sombreado azul; fica-lhe melhor o esverdeado. Já o sombreado azul ou malva são indicados para as loiras e ruivas.

Quanto aos lábios, é de importância avivá-los, guardando a proporção com o rouge das faces. Um ligeiro toque marron fará parecer melhor os supercílios. Para completar esta maquilagem, convém não se esquecer do creme base ainda de um pouco de pó de arroz bem fino, que se confundirá melhor com a epiderme.

A maquilagem noturna, se assim podemos definir, exige, da mesma forma, especial cuidado. As pálpebras podem ser pintadas com sombreados de tom pastel, atualmente muito em uso, e que é um fator de evidente delicadeza feminina. As morenas devem usar rouge rosado. Esse conselho se distende também às ruivas e loiras. Da mesma forma o rosado é a cor mais indicada para os lábios.

Embora seja de uso corrente, as cores muito vivas não são as de melhores efeitos.

A SUA BELEZA



SABE VOCÊ DESCANÇAR ?

QUANDO Deus terminou a criação do mundo em seis dias, guardou o sétimo para descansar. E era Deus, o Todo Poderoso. Teria mesmo necessidade de descanso? Queria com isso, sobretudo, dar-nos uma grande lição.

Mas a mais frágil de todas as mulheres e o mais débil de todos os homens não acreditam dever seguir a lição sagrada. Quantas pessoas continuamente dizem: — eu não descanso nunca!...

Não se consegue nada de útil ou aproveitável se o corpo e o espírito estão cansados. Eis uma verdade, da qual todos precisam ter ciência.

Está provado, cientificamente, que uma pessoa, depois de duas horas de trabalho, tendo dez minutos de descanso, desempenha melhor o seu serviço do que aquela que descansa uma hora depois de seis ou oito de ação contínua.

Cada um de nós tem a sua maneira de repousar. Em princípio, a base do descanso reside na inversão dos hábitos a que os trabalhos nos submetem. Quem está sujeito a serviços sedentários, descansa fazendo movimentos. E quem está acostumado ao trabalho de movimentação estenuante, descansa com um repouso completo do corpo e do espírito. É grande a sabedoria daqueles que permanecem em casa, e sabem distrair-se, folheando um livro. Pois fora de casa o descanso é quase impossível. O barulho, a pressa, as filas das casas de diversões agem sobre o sistema nervoso, quase sempre esgotado.

Um grande industrial americano, antes de aceitar um novo empregado, pergunta-lhe sempre: — Que faz aos domingos? — E prefere aqueles que sabem repousar.

Para a mulher, sem dúvida, o descanso é mais importante do que para o homem, pois a excitabilidade nervosa é o pior inimigo da beleza. O descanso mais precioso é o que devolve aos músculos o poder perdido com a fadiga. Quando se experimenta uma sensação de cansaço, o corpo está cheio de venenos que devem ser eliminados.

Um ligeiro exercício ou massagem é de efeito surpreendente. A massagem não deve ser violenta. Tem de ser suave, e em direção circular, de maneira que dê ao sangue arterial maior liberdade de circulação. O banho turco é também uma das formas mais simples que a ciência aconselha para recuperar as energias. Ainda são recomendáveis os banhos de sol, que injetam no organismo a vitamina D. O banho de luz oferece outra vantagem que é a dilatação dos vasos sanguíneos, o que proporciona às partes afetadas maior quantidade de sangue fresco.

Tudo que a
torne mais BELA!

- Joias e bijuterias
- Perfumaria
- Lingerie fina
- Modas em geral e respectivos complementos

O mais variado sortimento de artigos para presentes.

Galeria Futurista
AV. AF. PENA, 755

* * *

A massagem pode conseguir mais que estimular o sistema circulatório. Faz perder peso, o que beneficia o sistema nervoso, os músculos e os tecidos. E auxilia ainda a digestão e a respiração.

Eis alguns conselhos de grande importância e que poderão ensinar-lhe a descansar bem.

BRAHMA - PORTER

CERVEJA PRETA
TIPO INGLEZ

•

ÓTIMO APERITIVO
E ESTIMULANTE



Teve início no mês ultimo, nos salões da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, o Torneio Inter-Estadual de Xadrez, promovido por essa prestigiosa entidade. O certame que reúne enxadristas de quatro Estados brasileiros, teve sua primeira sessão dedicada à imprensa e ao rádio de Minas Gerais, cujos representantes foram obsequiados, por aquela ocasião, com um animado "drink".

* * *

Comemorando a passagem do seu aniversário natalício, o sr. Alberto Pinheiro, diretor da firma "S. A. de Tecidos Alberto Pinheiro", ofereceu aos seus colaboradores um banquete que teve lugar no Santa Tereza Hotel.

A esse banquete compareceram todos os que trabalham na firma, transcorrendo a elegante reunião em ambiente de cordialidade e animação. O aniversariante, ao ensejo, usou da palavra para ofertar o banquete. Agradecendo em nome de todos os presentes, o sr. Sinésio Bastos disse que aquela significativa homenagem vinha realçar sobremaneira o prestígio e amizade de que goza o sr. Alberto Pinheiro entre os seus auxiliares.

O flagrante foi colhido durante aquela reunião.



1943



1944

A Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira S. A.

FORMULA VOTOS DE FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO
NOVO AOS SEUS DISTINTOS CLIENTES E AMIGOS

Belo Horizonte, 31 de Dezembro de 1943



JANE CLAYTON N'A PAMPULHA

Jane Clayton, a nova revelação do cinema americano, vem de fazer uma sensacional temporada no Cassino da Pampulha. A famosa artista da Metro, que veio diretamente de Hollywood para Belo Horizonte, ofereceu à imprensa da Capital um coctel durante o qual posou para o nosso fotógrafo, enquanto apreciava a secção de cinema de ALTEROSA, visivelmente satisfeita, como se vê na foto.

* * *



Terezinha, graciosa filhinha do sr. Joaquim Pinto e sua esposa D. Maria Leticia de Alvarenga Pinto, residentes no Rio.



Quando todos confraternizam ...

... O TELEFONE É O MEIO IDEAL
DE TRANSMITIR **BOAS FESTAS**

DURANTE as festas de Natal e Ano Bom, leve às pessoas amigas e aos entes queridos que se encontrem fóra da cidade seus votos de Boas Festas, utilizando-se, para esse fim, do Serviço Telefônico Interurbano. Para os que estão ausentes, será sua voz, viva e palpitante, motivo de contentamento.



COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

VACA CELEBRE

PERTO da cidade de Ontário (Canadá), existe a estátua de uma vaca, de tamanho natural, edificada ali como testemunho de gratidão. A vaca se chama "Springbank Snow Countess" e chegou a dar 94 mil litros de leite. Faleceu em 1936.

MANCHAS DE CHOCOLATE

AS manchas de chocolate podem desaparecer facilmente, lavando-as sem demora com água fervendo. Se persistem, convém usar álcool puro, misturado com um pouco de amoníaco. Também surte resultado o emprego de água oxigenada.

Realizações do Instituto dos Comerciantes em Minas

São vultosos os trabalhos do Instituto dos Comerciantes em Minas.

Executando o seu plano grandioso de previdência social, vem aquela instituição protegendo os seus segurados, amparando-lhes na invalidez, na doença, na velhice e na morte.

Para ter-se uma idéia do que tem sido a obra de amparo social, aqui realizada, daremos, abaixo, as importâncias pagas aos beneficiários do I. A. P. C., até 23-12-1943:

Aposentadorias por invalidez	Cr\$ 2.704.955,90
Aposentadorias por velhice	Cr\$ 258.458,80
Pensões	Cr\$ 893.048,70
Auxílios (doença)	Cr\$ 532.144,00
Auxílios (natalidade)	Cr\$ 247.222,80
Auxílios (funeral)	Cr\$ 38.222,00
<hr/>	
TOTAL	Cr\$ 4.674.052,20

Foram beneficiadas 6.554 pessoas, na seguinte ordem: 1.525 aposentados por invalidez, 786 por velhice, 3.047 receberam auxílio natalidade, a 878 foram concedidos auxílio-doença e pagos 318 auxílios para funeral.

CARTEIRA IMOBILIÁRIA

Os financiamentos concedidos pela Carteira Imobiliária, até 30-11-943, atingem a importância de Cr\$10.086.517,40, havendo, nessa data, 187 propostas de empréstimo em andamento, num total de Cr\$37.010,488,20.

Além dos lotes comprados para construção de casas, a requerimento dos segurados, foram adquiridos em Belo Horizonte:

I — terrenos da Vila Santos Dumont, no Carlos Prates, somando uma área total de 170.216,42 ms²;

II — terrenos abrangendo uma área de 223.180 ms², da Quinta São José, em Carlos Prates;

III — terreno à Av. Afonso Pena-Rua Curitiba, com 743,96 ms²;

IV — terreno à Av. Amazonas, esquina com Rua Tamoios com 938,22 ms².

Os números aqui reproduzidos, bastante eloquentes, evidenciam a esplêndida realidade que é o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, ora sob a esclarecida orientação do sr. Presidente Plínio Cantanhede.



Os contadorandos pela Faculdade Mineira de Comércio, homenageando o paraninfo da turma, sr. Joaquim Vieira de Faria, presidente da Associação Comercial de Minas Gerais, ofereceram-lhe um elegante jantar, que transcorreu num ambiente de cordialidade e alegria. Respondendo em substancial improviso ao contadorando que, em nome de seus colegas, lhe ofereceu o jantar, o sr. Joaquim Vieira de Faria enalteceu a função social da contabilidade na organização das sociedades modernas e augurou aos jovens contadorandos um brilhante futuro. Vários outros oradores usaram da palavra, antes do encerramento da solenidade. O clichê acima fixa um grupo tomado após o jantar.

* * *

CONHECE ESTAS?

— Quando estou triste, peço à minha mulher para cantar.
— Tão bem canta ela?
— Não, mas quando ela se cala, a vida me parece bela.

O MARIDO — Acabo de saber que

o milionário Marques morreu e deixou toda a sua fortuna para a viúva. Não querias ser essa viúva?

A ESPOSA — Não, querido. Eu só desejo ser a tua viúva e de mais ninguém.



BANHOS

FIZ uma vez um descobrimento quase newtoniano. Eu estava morando num apartamento com vários colegas e usávamos todos o mesmo banheiro. Todos nós costumávamos nos barbear e tomar banho, pela manhã. Alguns tomavam banho quente, outros o tomavam frio e eu sempre sabia qual dos dois estava sendo preparado porque a torneira da água quente soltava pequenos estampidos que interrompiam o ruído da água corrente. Fiz então um notável descobrimento: embora os banhistas "a frio" ficassem no banho muito menos tempo do que os outros — conforme se deduzia dos ruídos que produziam — permaneciam maior tempo no banheiro. Acontecia que, com a tiritante realidade do banho frio à espera, eles empaleavam, pensavam e prolongavam o escanhoamento.

LANCET



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS

Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORREIA, JOSE' DO VALE FERREIRA, RUBEM ROMEIRO PERET, MANOEL FRANÇA CAMPOS

Escritório: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fone: 2-2919

DR. CRISTOVAM NORONHA

Chefe de Clínica do

Sanatório do Morro das Pedras
Doenças internas, principalmente dos pulmões — Tratamento da tuberculose pulmonar.

Consultório: Rua Carijós, 436 —
(Ed. Rex) 5.º andar — Sala 508
— Tel. 2-5849 — Das 14 às 18 hs.
Res.: R. Curitiba, 2457 - Tel. 2-2580

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar.
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av. Afonso Pena, 774 — 5.º andar —
Salas 504-506 — De 1 às 3,30
Residência: Rua Guarani, 268 —
Fone: 2-6067.

DR. WILSON ATAB

Médico especialista em

HOMEOPATIA

Consultório e Residência: Av. Af. Pena, 398 — 5.º andar — Peça
Hora pelo Telefone: 2-3212

DR. PAULO ANTUNES

Consultório: Edifício Guimarães
Av. Af. Pena, 952 - 5.º andar -
salas 530 e 524 - Fone 2-5763 -
Das 14 às 18, horas



NO MUNDO DOS ENIGMAS

Direção de **POLIDORO**

Léxicos: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Se-
guier; Brasileiro; Chompré; Fonseca e Roquete, os dois volumes;
Breviário do Charadista; Provérbios, de Mário Lamenza.

TORNEIO DA SAUDADE

(Homenagem de ALTEROSA ao Blo-
co da Saudade, da Capital)

ENIGMAS N. 1 a 4

(Ao Álvaro de Assiz Pinto, pela par-
te que me toca).

"Quantia mínima" terá
Ao "começar" na lida,
Mas, boa fortuna fará,
Se **LUTAR PELA VIDA**.

Jairo — B. S. — Capital

Uma "coisa essencial"
O leitor deve notar,
Se uma "letra" original
Conseguir bem colocar,
Escutará, em alto brado,
Alguém dizer: muito **OBRIGADO!**

Jamil — B. S. — Capital

Desde a manhã à tardinha,
"persigo" co' ESSE alcapão
Uma canora **AVEZINHA**,
Que alegrou meu coração.

Jairo — B. S. — Capital

(Ao Álvaro de Assiz Pinto, agra-
decendo).

Merece "castigo"
Aquele "**MULHER**",
Não é, meu amigo?
— Pois a dita maga
Não tem que fazer
E' só rogar **PRAGA**.

Jamil — B. S. — Capital

MESOCLÍTICA N.º 5

C'o A FORÇA DUMA PAIXÃO
MINHA vida de amargor,
Pelo **ATALHO** da ilusão
Vai murchando qual a flor. 2-1.

Jairo — B. S. — Capital

ECLÍTICAS N.º 6 e 7

(Ao José de Sôlha Iglésias)

Quem vive na **bebêdeira**
E tão **fôra** do comum,
Passa **APERTO** a vida inteira
Sem possuir dinheiro algum. 2-2-(3).

Jamil — B. S. — Capital

Eu tenho um **porco** valentão
Que não dou por nenhum **dinheiro**...
Não faz **DESORDEM** no terreiro,
Mas, espanta qualquer ladrão! —
2-2-(3).

Jamil — B. S. — Capital

ANGULARES SILÁBICAS N.º 8 e 9

No **pomar** de meu **pai** o terreno, às
vezes, torna-se tão **ÚMIDO**, que ne-
le mal se pode andar.

Jam — B. S. — Capital

O sapateiro **aprimora**,
Com uma "**faca**" **afiada**,
Uma **chinela** **bordada**
Dentro dum quarto de hora.

Jamil — B. S. — Capital

SINCOPADAS N.º 10 a 13

(Ao Águia Vermelha, lembrando)

Aquele mau **estudante**
Um bom **trato** deve ter,
Para que, lendo bastante,
Um bom rapaz possa ser. 3-2.

Jam — B. S. — Capital

3-2. Já agora no **fim** da vida, é que
fico a pensar no tempo perdido.

Justo — B. S. — Capital

(Ao Águia Azul, agradecendo)

3-2. O **RELAMPAGO** torna-se **me-
donho** quando acompanhado pelo ri-
bombar do trovão.

Jairo — B. S. — Capital

3-2. O indivíduo **estúpido** cai cons-
tantemente em **logro**.

Justo — B. S. — Capital

CHARADAS N.º 14 a 20

(Ao Bloco dos Águias)

Numa **família** de águias, — 3
Cada qual mais saliente,
Vemos garbosos rapazes
Formando um **Bloco excelente** — 1.
Justo — B. S. — Capital

(Ao Álvaro de Assiz Pinto, agra-
decendo)

Falo bem **alto** p'ra todos
E juro por **Deus** até

Se não é **brioso** o homem,
Não merece a nossa fé. 4-1.

Justo — B. S. — Capital

Explica o mestre na escola:
Para se achar solução
Do problema em discussão,
Basta uma **simples** adição. 4-1.

Jam — B. S. — Capital

SIMBÓLICO N. 21



Escritor
Português 5L

Jam-BS
Capital

Ao comprar uma *trombeta*
Dei de volta uma *peseta*;
Verificando o instrumento,
Onde fôra fabricado,
Reparei que fui *lesado*
Por um homem *corpulento*. 3-1.
42-2. A pessoa *insolente* e de *inteli-
gência curta*, deve-se tratar muito
friamente.

Jam — B. S. — Capital
2-2. *Contra a guerra impledosa*, que
tudo *destroi*, já se *levanta* o clamor
da humanidade.

Jam — B. S. — Capital
2-1. "Homem que se veste com mul-
to apuro" "não" "anda balançando
desgraciosamente o corpo".

Jairo — B. S. — Capital

TORNEIOS DE JUNHO, JULHO E AGOSTO

Concorreram: Águia Azul (1 a 5);
Águia Branca (6 a 10); A. Cinza
(11 a 15); A. Negra (16 a 20); A.
Roxa (21 a 25); A. Vermelha (26 a
30); Alvaro A. Pinto (31 a 35); Flo-
ra (36 a 40); José Sólha (41 a 45);
Moema (46 a 50); Dr. Jomond (51 a
55); Ibsen (56 a 60); Dângelo (61 a
65); Jásbar (66 a 70); Zigomar (71
a 75); Jam (76 a 80); Jairo (81 a
85); Jamil (86 a 90); Justo (91 a 95);
Raul Petrocelli (96 a 00). Jupira, que
prefere manter-se incognita, não con-
corre aos prêmios. O desempate far-
se-á pela loteria federal de 15 do co-
rrente mês, valendo os três primeiros
prêmios.

Tratando-se de prêmios iguais, ne-
hum concorrente poderá ser premia-
do mais de uma vez. Em caso de du-
plicata, será beneficiado o concorrente
seguinte, considerando-se Águia
Azul como seguindo-se a Raul Petro-
celli, para efeito de sorteio.

Palavras cruzadas a prêmio, de Zi-
loca. — Concorrem: Águia Azul (1 a
5); A. Branca (6 a 10); A. Cinza
(11 a 15); A. Negra (16 a 20); A.
Roxa (21 a 25); A. Verde (26 a 30);
A. Vermelha (31 a 35); Jam (36 a
40); Jamil (41 a 45); Jairo (46 a 50);
Justo (51 a 55); Ronega (Rio) (56 a
60); Dr. Jomond (61 a 65); Ibsen
(66 a 70); Dângelo (71 a 75); José
Sólha (76 a 80); Moema (81 a 85);
Jásbar (86 a 90); Zigomar (91 a 95);
Filistêa (96 a 00). Desempate pela
loteria federal de 19 de janeiro co-
rrente.

Listas recebidas: De Setembro —
Raul Petrocelli, Caçador Paulista,
Raif Kurban, Julião Riminot, Paco,
Pele Vermelha, Quaxágoras, Yara e
Zelira, todos de São Paulo; Filistêa,
Moema, Dr. Jomond, Ibsen, Dângelo.

De Outubro: Dos mesmos. De No-
vembro: Moema, Geraldo Rocha (D.
Silvério), Jam, Jairo, Jamil e Justo.

CORRESPONDENCIA

Stella Matutina — Nova Lima. Vou
pedir à gerência que providencie a

remessa da assinatura de ALTEROSA,
a que tem direito como prêmio.

Raul Petrocelli — São Paulo. Tem-
me sido impossível evitar que um ou
outro trabalho seja publicado com im-
perfeições. Conto, porém, o ponto a
todos os concorrentes, nestes casos.
O B. B. só tem vida quando há Sul-
Americano para decifrar. Não tendo
este aparecido, por motivo que tan-
to eu como o Jásbar ignoramos — o
Bloco está hibernando, apesar do ape-
lo que daqui fizemos aos seus com-
ponentes. Espero que continuem os
charadistas de São Paulo a honrar
esta secção.

Sertanejo II — P. Vargas. Recebi e
agradeço o cartão de visita que me
enviou em nome de todos os chara-
distas daí. Vou, aos poucos, recupe-
rando a saúde.

Filistêa — Inhauma. Muito grato
pela gentileza da visita.

Jásbar e Jam — Capital. Muito gra-
to pela visita.

Odilon Luna — P. Vargas. Os seus
trabalhos foram entregues à direção
da revista.

Silvio Alves — Rio. Recebi, em
tempo oportuno, o livro "Palavras
Cruzadas" e sua carta. Fico-lhe ca-
da vez mais agradecido pela especial
atenção que presta a este seu humilde
amigo.

Raul Petrocelli, Caçador Paulista,
Paco — São Paulo. Recebi-a, com
enorme agrado, a colaboração remet-
ida. Continuem, juntamente com os
demais confrades paulistas, a honrar
esta modesta secção.

Dângelo e Geraldo Rocha — Itaipua
e D. Silvério, respectivamente. Rece-
bi-a a colaboração. Grato.

Alvaro Pinto — P. Vargas. Publi-
carei, com muito gosto, os trabalhos
do torneio a prêmio.

V Á R I A S

Com a senhorinha Maria José Cá-
faro, da sociedade de Pará de Minas,
contratou casamento o nosso muito
prezado colaborador Robson Correia
de Almeida, residente na mesma cida-
de.

PALAVRAS CRUZADAS — Silvio
Alves acaba de publicar um interes-
sante livrinho contendo mais de duas
centenas de problemas de palavras
cruzadas. Obra original, é realmente
interessante não só para os principia-
ntes, aos quais é dedicada, como
também para os já afeitos a esse gê-
nero de passa-tempo. Poderão os in-
teressados obtê-la com o autor, á rua
Sarandi, 30 — Rio de Janeiro.

Errata. A Charada n. 14, do Tor-
neio P. Vargas não está certa, fi-
cando, assim, sem efeito.

DIPLOMANDOS DE JANUÁRIA

○ GINASIO São João, de Januária,
diplomou, no dia 12 do mês
passado, mais uma turma. Tal acon-
tecimento, que se vem repetindo anu-
almente, graças ao trabalho daquele
educandário, revestiu-se de muita
significação para a próspera cidade
do norte mineiro.

O programa de solenidades cons-
tou, primeiramente, de missa em
ação de graças, quando se realizou a
comunhão geral dos diplomandos.
No salão nobre do Ginásio procedeu-se a entrega dos diplomas, ten-
do falado o orador da turma e o pa-
raninfo, prof. dr. Lídio Diniz Hen-
riques. Ao ensejo, foi alvo de cari-
nhosa homenagem o Padre João Floris-
val Mont'Alvão, diretor daquele
educandário. São os seguintes os
novos diplomandos:

Alberto Aquino Sales — Antônio
Lisboa Neto — Cassiano Carlos da
Cunha — Edne dos Santos Fortes —
Geraldo Lisboa de Oliveira — Hélio
Teixeira Maciel — Jorge Menezes Li-
ma — Juvenal Teixeira Maciel —
Luiz Prestes Meireles.

* * *

NOVOS GUARDA- LIVROS DE SETE LAGÔAS

NO DIA 12 do mês passado rea-
lizou-se na próspera cidade de
Sete Lagoas a solenidade da entrega
de diplomas aos novos alunos for-
mados pela Escola Complementar de
Comércio. O acontecimento, que já
se tornou tradicional nos meios edu-
cacionais daquela cidade, transcor-
reu festivamente.

Às 7 horas e trinta na matriz lo-
cal foi celebrada missa em ação de
graças. Às 19 horas, em sessão so-
lene, procedeu-se a entrega dos di-
plomas aos alunos que concluíram o
curso, tendo falado o orador da tur-
ma, diplomando Hugo Tavares e ain-
da o paraninfo, Dr. Lourival Gon-
çalves de Oliveira.

Os diplomados foram em número
de vinte e sete, cuja relação nomi-
nal damos a seguir:

Aloisio Diniz Peixoto, Carlos A.
de M. Figueiredo, Cleide de Freitas
Soares, Décio J. Ferreira do Altissi-
mo, Elza de Alencar Castro, Efige-
nia Correa de Moura, Enéas dos
Santos Ferreira, Emilio Vinheiro
Delgado, Francisco A. de M. Figuei-
redo, Geraldino Drumond Figueire-
do, Geraldo Dias Machado, Guilho-
bel Cláudio Sales, Helia Campollina
França, Hugo Caetano Tavares, Iní-
má de Castro Corrêa, Ima Drumond
Figueiredo, José de Alencar Castro,
José Clemente da Silva, Lúcia A.
Fernandino, Luci Brasil Corrêa, Lu-
ciano França Fonseca, Maria C. Tei-
xeira da Costa, Murilo R. Tavares,
Meireles Vicente de Avelar, Natalina
Lulz, Rauldolfo Cádio Sales, Zulma
Francisco.

* * *

GARIMPO

*Lavra o coração da serra,
Cala os diamantes... são teus;
São as lágrimas da terra
Cristalizadas por Deus!*

ARTUR RAGAZZI



Direção de FÉBO

PRIMEIRA OBSERVAÇÃO SOBRE UM AUTOGRAFO

A PRIMEIRA pergunta que nos deve ocorrer quando desejamos traçar um perfil grafológico é a seguinte: "A que meio social pertence a escrita em estudo?"

Suponhamos dois autógrafos. Ambos denunciam coragem. Um pertence a um escritor. Outro a um operário. Está fora de dúvida que a qualidade coragem não terá as mesmas manifestações nesses dois indivíduos. Para o intelectual, a coragem se traduzirá na independência do pensamento, na convicção das suas opiniões, na paixão e no ardor das suas palavras. O operário manifestará o seu destemor através de feitos materiais.

As duas grafias apresentarão os mesmos sinais denunciadores da qualidade coragem, competindo ao grafólogo dar a cada uma delas a sua tradução conveniente.

Encontra-se o observador diante de dois tipos de grafismo: o plebeu ou popular e o intelectualizado.

O primeiro será composto dos caracteres inharmonicos, ainda que pouco infantis, dos que não têm o hábito de escrever. Revelará o meio do seu autor, onde o movimento físico domina o cerebral.

Não há negar, em escritas plebéas, certos sinais de grande beleza. O seu conjunto, porém, será sempre, tipicamente, diferente do do homem de letras. As suas maiúsculas serão sem originalidade e, nunca tipográficas. As minúsculas, pastosas. A pontuação não irá além do ponto final. As margens estarão ausentes e a vulgaridade ressaltará em quasi todos os traços. A escrita do intelectual, ao contrário, oferece aspecto bem diverso. Pouco importa, pertença ela a uma sumidade ou a um mediocre. Não se trata, aqui, de reconhecimento de inteligência, através dos traços gráficos; apenas do meio social a que pertence o seu possuidor. Essa escrita mostrará o hábito de escrever do seu autor, reconhecido na harmonia de conjunto de seu grafismo, na simplicidade das suas maiúsculas, na rapidez de traçado dos sinais gráficos.

* * *

CONSULTAS

FADA AZUL — Irai — Monte Carmelo — Letra mais ou menos artificiosa. Margem vertical á direita. Maiúsculas de traçado lenio e pouco harmonioso. Assinatura com parágrafo enlaçado. Inclinação inconstante. Caracteres dissociados. Direção regular.

Tipo de letra juxta-posta revelando indecisão, fantasia desregulada, gostos poéticos, tendência ao sonho e ao devaneio. Caráter pouco empreendedor, inquieto e pessimista. Como é um espírito ainda muito jovem, certo sofrerá, ainda, inúmeras modificações. Falia a essa inteligência, que é boa, alguma cultura e uma visão mais real das cousas e dos fatos. Notam-se traços de mistiismo, gosto da forma e sentimentalidade

normal. Vontade fragil, irreflexão e alguma presunção.

Vaidade, orgulho e preocupação de originalidade.

CLOÉ — Sete Lagoas — Grato pela generosa acolhida ao estudo grafológico que tive oportunidade de oferecer-lhe, através das páginas de ALTEROSA. Por enquanto nada posso adiantar-lhe a respeito da sugestão que apresenta para uma nova

sessão nesta revista. E' provável, consigamos satisfazê-la muito brevemente.

L. MARQUES — Inhauma — Grafia do tipo dedutivo, em caracteres mistos. Angulo de inclinação constante e direção ligeiramente descendente. Assinatura com parágrafo em laço e ponto final. Maiúsculas alias e comuns. Cortes dos "tt" ascendentes.

O conjunto dos traços da grafia em observação mostra uma natureza sensível, impressionável, algo teimosa e irrefletida. Notam-se traços de inquietação, fantasia, impaciência e sentimentos poéticos. E' pessoa elegante no trato e dotada de lealdade e franqueza. De sentimentalidade é normal. A direção descendente do seu grafismo denuncia uma crise de abatimento moral e tendência à tristeza e à melancolia. E' um temperamento romântico. Sabe defender habilmente os seus interesses. Infelizmente não posso atender ao seu pedido.

A grafologia, repousando na observação pura e simples dos traços da escrita, compara-os aos movimentos cerebrais, nada podendo dizer a respeito do futuro.

"EMYI" — Juiz de Fora — Grafia mixta. Predomínio da curva. Sinais destrosiros. Cortes dos "tt" regulares. Margem vertical dupla. Direção rígida. Maiúsculas em certa desproporção, em relação a altura das minúsculas.

Escrita reveladora de um caráter bem formado, a serviço de uma ótima inteligência e boa cultura geral. Gostos requintados, ordem, e calma, não obstante alguma vaidade e presunção. Vontade, às vezes, enérgica e bem orientada, às vezes, alguma indecisão. Traços de desconfiança, dissimulação e tendência à miopia.

Espírito observador, metuculoso e ponderado.

Sentimentabilidade normal, controle das emoções, algum egoismo, ambição construtiva e saúde bem equilibrada.

Sentimento do belo. Bondade natural.

FE'BO - SECÇÃO GRAFOLOGIA

Junto a esta mais de 20 linhas, á tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME

PSEUDÔNIMO

CIDADE

ESTADO

O CUSTO DOS ALIMENTOS

1.º DE JANEIRO

A' guisa de elementos para estudo sobre o custo da vida, oferecemos aqui um confronto entre os preços vigorantes em Belo Horizonte para generos de primeira necessidade, entre 1909 e hoje:

Gêneros	Preços	
	1909	1943
Açúcar cristal	0,40	2,40
Açúcar refinado	0,50	2,60
1 quilo de arroz	0,40	2,60
1 " " café	0,40	3,80
1 " " sabão	0,70	7,50
1 " " feijão	0,10	2,00
1 " " manteiga	3,50	18,00
1 " " carne sem osso	0,90	4,60
1 " " macarrão	0,40	2,00
1 " " doce	1,20	7,50
1 " " farinha de mand.	0,60	1,80
1 " " toucinho	0,90	6,20
1 " " sal	0,60	3,50
1 metro de lenha	0,80	42 00
1 caixa de palitos	0,80	1,50
1 saca de arroz	24,00	140,00

* * *

FUNDIÇÃO CORRADI

UMA GRANDE INDUSTRIA
ESTABELECIDA EM ITAUNA

VIAJANDO pelo interior de Minas Gerais, temos oportunidade de encontrar industrias as mais florescentes, cuja existencia, por si só, vale por um magnifico atestado da capacidade de nossa gente.

Assim acontece, por exemplo, com a grande fundição dos Irmãos Corradi, estabelecida em Itaúna. Dotada de um alto forno de construção desses proprios industriais, a Fundição Corradi está produzindo cinco toneladas de ferro por dia, além de uma enorme serie de magnificos instrumentos agrícolas, com o que beneficia sensivelmente a economia geral do Estado. Entre estes instrumentos podemos destacar os afamados moinhos para café marca "Amoroso", debulhadores, engenhos de cana para animal e para agua, engenho manual para caldo de cana, ralo e prensa para mandioca e diversos tipos de arados da mais alta eficiencia.

Essa importante organização emprega atualmente 60 operarios e será ampliada para empregar o dobro, ainda em 1944.

A Fundição Corradi é abastecida de minério proveniente das proximidades de Itaúna, especialmente de Azurita, e vem fornecendo barras de ferro guza a outras fundições do Estado.

Ai, se marcar puderes tua senda
Com o sangue derramado nesta guerra!
Se em teu horror de libertar-te, ó terra,
De todos os sinais da luta horrenda,

A nivea flôr que as petalas decerra
Em um milagre tétrico de lenda,
Em vez de orvalho fresco, em oferta
Transpirasse êste sangue que te aterra!

Talvez, quem sabe?, a maldição dos céus
Numa antecipação, ferisse os reus
Sôbre os quais pesa a culpa deste drama!

E tuas árvores, terra, em vez de frutos,
Estenderia à fome destes brutos,
Uma fruta de sangue em cada rama!

ANITA CARVALHO

DESEJA COOPERAR NA DIVULGAÇÃO DE "ALTEROSA"?

● *Ha uma oportunidade para as senhoras e senhorinhas residentes no interior do Estado, cujas ocupações não as impeçam de dedicar alguns minutos diários, para colaborar na tarefa de engrandecimento cultural do nosso Estado, realizada, desde cinco anos, por ALTEROSA. A direção desta revista está empenhada em completar a organização de seu quadro de agentes-correspondentes em todas cidades mineiras.*

As candidatas deverão se dirigir à gerencia da revista, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, indicando nome, idade, profissão, estado civil e fontes de referencia.

PREVIDENCIA DOS SERVIDORES

SEGUROS PAGOS POR FALECIMENTO DE

Em Janeiro

Carolina Idalina Rosa	5.000,00
Maria Feliciano Vieira	12.000,00
José Vespucio Silva	10.000,00
José de Paula e Silva	21.000,00
Manuel Vieira Junior	18.000,00
Idalina Benvinda Campos	5.000,00
Antonio Lisboa	6.000,00
Guilhermina Ribeiro dos Santos	4.000,00
	<hr/>
	81.000,00

Em Fevereiro

Rubem de Almeida, dr.	10.000,00
José Agnaldo M. Silveira, dr.	30.000,00
Mario Danton de Araujo, dr.	19.000,00
Walter de Oliveira	7.000,00
Cornelio Vaz de Melo, dr.	30.000,00
Miguel Augusto de Castro	30.000,00
Balduino Dervil de Miranda	6.000,00
João Ciriaco Frade	10.000,00
	<hr/>
	142.000,00

Em Março

José Bernardes de Sousa	30.000,00
Ana Procopio da Costa	2.000,00
Luís Ernesto Cerqueira	20.000,00
José Meimberg da Cunha	12.000,00
Joaquim Muller Trant	6.000,00
Fernando Epifanio da Costa	10.000,00
Antonio Pereira da Silva	15.000,00
Maria Rita de Sousa Rocha	7.000,00
Rita Augusta de Lima	4.000,00
Raimundo Tavares	14.000,00
	<hr/>
	120.000,00

Em Abril

Alvaro Mendonça, dr.	28.000,00
João Libano Soares	25.000,00
José Pereira da Costa	7.000,00
Martiniana de Carvalho	12.000,00
Mario Teixeira	30.000,00
José Lopes Sobrinho	30.000,00
José Candido de Sousa	7.000,00
	<hr/>
	139.000,00

Em Maio

Lourival Morais	13.000,00
Josefina Figueiredo Barro	11.000,00
Demerval Cunha	9.000,00
Corina Padilha Furazo	12.000,00
	<hr/>
	45.000,00

Em Junho

Artur Raton de Moura (Dr.)	30.000,00
João Xavier Lopes	30.000,00
José Ananias Santana (Dr.)	30.000,00
Renato Gorgulho Nogueira	10.000,00
	<hr/>
	100.000,00

Em Julho

Antonio Aleixo (Dr.)	30.000,00
Antonio Pinto de Oliveira	15.000,00
Odon Macedo Viana	30.000,00
Josino Alves da Silva Rodarte	5.000,00
Altair Corrêa Borges	12.000,00
Gustavo de Marengo Estrela	4.000,00
Francisco Paula Matos	13.000,00
José de Las Casas	30.000,00
Ganimedes Dias	15.000,00
Helio de Resende F. Alvim, dr.	30.000,00
	<hr/>
	184.000,00

DO ESTADO DE MINAS GERAIS

ASSOCIADOS DURANTE O ANO DE 1943

Em Agosto

Marcio Coriolano L. Praça	12.000,00
José Justino Sacramento	7.000,00
Antero Adolfo da Silveira	21.000,00
Hortencia Rodrigues	13.000,00
	<hr/>
	53.000,00

Em Setembro

Maria Carolina Ferreira	4.000,00
Maria Cunha	9.000,00
Ananias Ataliba Teixeira, dr.	30.000,00
Jeremias Esperidião Jorge	11.000,00
Luiza Siqueira Pinto	7.000,00
Natalia Pereira Lima	10.000,00
Alvaro Coelho M. Gomes, dr.	18.000,00
Samuel Pedro Conceição	7.000,00
Henriqueta Candida Ribeiro Santos	4.000,00
Antonio Dias Maciel	20.000,00
Heitor Augusto de Sousa, dr.	30.000,00
	<hr/>
	150.000,00

Em Outubro

Gustavo Costa Maia	12.000,00
Antonio Rodrigues G. Lima	30.000,00
Antonio Costa Teixeira	30.000,00
Ismenia Olinta de Sousa	8.000,00
Albino Oliveira Esteves	30.000,00
Bento Ernesto Júnior	14.000,00
Martim da Costa Lage	24.000,00
José Antonio Tiburcio	12.000,00
Cônego Francisco X. Alm. Rolim	18.000,00
José Barreiros	15.000,00

Atualpa Pereira	14.000,00
Eulampia Elvira C. Vilela	7.000,00
	<hr/>
	214.000,00

Em Novembro

Domingos Diniz Viana	28.000,00
Sócrates Renan F. Alvim, dr.	30.000,00
Benedito José dos Santos, dr.	30.000,00
Manuel Alves de Lemos	18.000,00
Maria Guaraciaba Passos	11.000,00
Sandocal Duarte Pereira	7.000,00
Joaquim Osmar Pinto	30.000,00
Geraldino Ministério	30.000,00
Gil Xavier de Alcantara	30.000,00
Leovigildo T. Arruda Passos	5.000,00
	<hr/>
	219.000,00

Em Dezembro

João Vicente de Barros	3.000,00
Rita Gonçalves Mesquita	9.000,00
Oscar Tarabal	8.000,00
Raimundo Teodoro Gomes	7.000,00
João Sampaio Tavares	7.000,00
Paulo Armenio de Figueiredo	30.000,00
Francisco de Paula H. Esteves	18.000,00
Osorio Silva Melo	9.000,00
Jacobis Augusto	9.000,00
Didia Igreja do Carmo	7.000,00
Herminia Alves	5.000,00
Joaquim Antonio Dutra, dr.	30.000,00
	<hr/>
	142.000,00
TOTAL	Cr \$ 1.589.000,00

presa no castelo encantado da madeira e do carvão. Contam os nossos poetas a história duma princesa que vivia num palácio cercado de muralhas altíssimas e defendido por feroz dragão. Pelas artes mágicas duma feiticeira foi a jovem submersa num sono profundo e misterioso, do qual só a poderia despertar um príncipe que escalasse as muralhas, matasse o ominoso dragão e depositasse um beijo de amor na fronte da princesa encantada. Passou-se um século de inúmeras tentativas infrutíferas para penetrar no misterioso castelo. Potências sinistras vedavam o ingresso. Até que, finalmente, um corajoso príncipe, vindo de longe, munido de forças secretas, escalou as muralhas, matou o feroz dragão, depositou um beijo na fronte da princesa dormiente — e ela acordou para a grande alvorada da vida e para a jubilosa primavera do amor.

Assim contam os nossos poetas.

Essa história não é apenas ficção e fantasia; é pura realidade, minhas amigas igneas. A princesa dormiente é a energia solar, luz e calor, encarcerada no seio escuro da lenha, do carvão, em outras substâncias combustíveis. Nesse castelo encantado

tem ela de dormir o seu misterioso sono, secular, milenar, multimilenar — até que algum agente de fora a venha despertar desta estranha letargia para a grande vigília, até que a energia latente e potencial se transforme novamente em energia ativa e atual, como a princípio quando irradiou do sol — luz e calor...

— E quem foi que nos despertou do sono para a vida real? — perguntou Lúcia.

— No caso presente, fui eu. Risquei um fósforo, toquei com a pequena chama a energia potencial do carvão, e essa energia dormiente despertou para a vida da energia vigil.

— Então és tu o nosso príncipe libertador! — exclamou Lúcia com tão rasgado gesto de simpatia que quase atingiu as folhas do meu caderno. Quis até abraçar-me, mas tive tempo de impedir êsse amplexo de amor que teria sido por demais doloroso para mim.

— Viva nosso príncipe libertador! — bradou Ignis, lançando a cabeça e metade do corpo flexível para fora da estufa. Lúcia fez córo à irmã.

Agradei a entusiástica manifestação de amizade e prometi às duas

chamas escrever êste capítulo em sua honra.

Por volta da meia-noite, quando já havia na estufa mais cinza que carvão, quando o sono se apoderava de mim e os corpos carbônicos de Ignis e Lúcia estavam quase consumidos por sua alma flamejante, despedi-me das luminosas e ardentes amigas, dizendo:

— Adeus e boa-noite, amiguinhas de fogo! Quando as vossas almas sozinhos estiverem outra vez sem corpo, difusas pelo espaço infundo, dai lembranças minhas ao nosso grande amigo e pai, o Sol, e saudai Aquele de quem o sol é esplêndido símbolo: Deus...

— Deus. — segredou Ignis.

— Deus. — murmurou Lúcia.

— Deus. — repetiu minha alma.

E fez-se grande silêncio, na estufa, na sala, dentro em mim — por toda a parte...

* * *

TRISTE FIM DE UM PENITENTE

CONCLUSÃO

realizadas por via aérea (não se conhece, porém, o tipo de avião utilizado), pois o homem viajou muito e viveu ainda mais, tendo chegado aos oitenta anos. O que nos interessa no momento é precisamente a sua morte, que, todos hão de convir, não foi muito consentânea com a sua vida de penitência e a sua qualidade de criatura divina, que subiu ao céu para ensinar a sua doutrina aos trinta

e tres deuses que lá residem. (Que ignorantes, êsses trinta e três cavaleiros divinos!).

Bem razão tiveram seus companheiros de ascetismo quando, por ocasião de caso da sopa de leite e mel, o chamaram de "guloso" e "volutuoso". Pois de que é que haveria de morrer o Buda Simplesmente disto: duma indigestão. Sim, duma prosaica indigestão. E duma indigestão, vejam

só que falta de ascetismo, de carne de porco!

Razão tem os muçulmanos em prescrever a carne de porco como alimento. Pois se ela deu cabo da vida dum homem tão portentoso e tão resistente como o Buda, que havia outrora enfrentado e suportado oitenta mil esposas!

* * *

ESTA É A TUA HERANÇA

CONCLUSÃO

chuva benfiteira e às estrelas, ao vento e ao mar imenso, ao crescer das árvores e ao retorno da primavera, e à grandeza dos heróis.

Conserva teu coração e teu espírito sempre sedentos de amor e de saber, sustenta teu ódio sem freios à mentira e alimenta em ti, eternamente, o poder da indignação!

Agora, filho de minha alma, sei que vou morrer. Pesa-me saber que terás como herança um mundo destroçado pela cobiça, pelo ódio e devastado pela rivalidade dos homens. Mas assim tem de ser!

Beijo-te a fronte puríssima. Boas noites — bons dias — e um limpo e glorioso despertar!"

Estas foram as palavras que o soldado escreveu a seu filho, que ainda estava para nascer.

Mas, quando os companheiros de Pedro expulsaram da cidade os barbaros invasores, tiveram a notícia de que Maria fôra covardemente assassinada pela soldadesca sedenta de sangue, poucos dias antes do esperado para o nascimento da criança. Esta carta, que não poudeser entregue, tornou-se uma mensagem sublime a todos os meninos que estão por vir neste mundo tão estranho "onde os homens vivem tão profundamente cansados".

"BELO HORIZONTE NÃO PODIA PERMANECER NA QUIETUDE MONOTONA DAS CIDADES SILENCIOSAS"

(CONCLUSÃO)

ciou no dia da inauguração da capital, assim concluiu: "A urbs" está criada, faltando, porém, a "civitas", que espero seja dentro de Minas gloriosa um baluarte de inteligência, de patriotismo e de confraternidade".

A "civitas" é feita de arte e de cultura. A sua essência espiritual ponderável se desprende do ambiente urbano, fluida e palpitante como a chama que se ergue da lenha em combustão.

Belo Horizonte não podia permanecer na quietude monotona das cidades silenciosas e mornas. Ruas, avenidas e praças cheias de flores e de sombras já não bastavam ao inquieto anseio dos mineiros. As cidades, como as mulheres, não basta, apenas, a pureza das formas; é preciso também a graça que as vivifica. A Pampulha veio, como uma rima sonora na extremidade de um verso, encher de harmonias a vida tranqüila e quieta da metrópole incipiente. N'espelho metálico de suas águas, na leve graça aristocrática de suas curvas, na transparência iluminada de suas construções, a cidade encontrou a forma indecisa e esbelta de seus sonhos de arte. Ao ritmo viril dos músculos de sua mocidade as embarcações a remo e as velas sugestivas e nostálgicas enchem de vibrações novas a paisagem social da cidade.

Já tive oportunidade de proclamar que, bem melhor do que curar uma máguia física é, às vezes, abrir à pobre alma humana uma paisagem iluminada e festiva.

O Teatro Municipal começa a atirar para a negra de céu azul que o cobre, por entre os ramos verdes que lhe formam deliciosa paisagem vegetal, o arrojo solene e belo de suas grandes inhas de arte. Com capacidade para 3.500 espectadores, possuindo sala de 60 metros de comprimento para exposição de belas artes e uma moderna e suntuosa sala de chá, voltada para a pequena e encantadora ilha de palmeiras que às águas do lago docemente enlaçam, será o teatro na opinião dos grandes artistas e arquitetos uma das maravilhas arquitetônicas do mundo.

Sob a cúpula majestosa de sua imensa abóbada de 50 metros de vão, sem uma coluna sequer, à luz macia e suave de focos invisíveis, Belo Horizonte de amanhã poderá, ali, mergulhar no mundo misterioso de sons e de harmonias, assim como viver as emoções suaves e fortes que a arte do teatro desperta nos espíritos e nos corações dos que vivem e sonham.

A Escola de Belas Artes, recentemente criada pela Prefeitura e já prestes a funcionar com elementos locais e artistas contratados de fora, formará o âmbito propício à eclosão de vocações que muitas vezes despercebidas pela carência de elementos reveladores, poderão proporcionar à fisionomia da cidade figuras e nomes que a elevem no domínio sutil e consagrado das artes.

Na estruturação moral dos povos a tradição é força decisiva e nenhuma cidade ou nação adquire fibra rígida de caráter sem que pelas avenidas de sua história se assinalam, com letras de ouro, os marcos evocadores de seu passado e de suas reminiscências. Deste pensamento surgiu a criação do Museu de Belo Horizonte. Idéia um pouco avançada foi recebida por entre aplausos e ironias; chegaram mesmo a dizer que estavam colocando colarinho duro em crian-

ça de cinco anos. Cedo, porém, se capacitaram os críticos apressados da oportunidade da medida: Na Fazenda Velha, única casa dos tempos do Curral d'El-Rei, se agrupam para a eternidade dos séculos todos os elementos indispensáveis à reconstrução da história da cidade. Recentemente, famoso diretor de museu americano que nos visitou, declarou-se encantado com a nossa iniciativa, afirmando que nenhuma cidade do mundo poderia sustentar, como a nossa, a graça de possuir aos 46 anos de existência um estabelecimento que lhe fixaria, doravante, todos os contornos culturais e históricos. Impõe-se, aqui, uma referência justa. O Museu de Belo Horizonte se é hoje uma casa, que embora nova, surpreende os que a visitam, deve esta ventura ao dr. Abílio Barreto, seu organizador e primeiro diretor, figura brilhante e honesta de historiador e que, pelo esforço contínuo de pesquisas a que se dedicou, pode criar a história de Belo Horizonte, conquistando para si o honroso título de "o historiador da cidade". Tivemos a ventura de ouvi-lo, há poucos instantes e aos aplausos que lhe tributastes, junto os meus, como uma expressão calorosa e viva do reconhecimento da capital.

Se à administração se impunha, como imperativo de ordem espiritual, a criação de elementos que culturalmente modelassem a fisionomia da "civitas", penosos, porém, compensadores esforços se tornavam necessários num outro setor igualmente grave: o de assistência social".

UMA SERIE DE REALIZAÇÕES

"O mundo, batido pelos sofrimentos e lutas, não pode mais permanecer indiferente às desigualdades sociais que amesquinham a estrutura da sociedade. E aos poderes públicos incumbe a missão de sanar as injustiças e distribuir pelos que anônima e silenciosamente lutam, os frutos da riqueza coletiva.

Aos que comigo colaboram costume dizer que, no terreno das realizações materiais, já fez a Prefeitura quase tudo que lhe era possível dentro das dificuldades cada vez mais angustiantes que a guerra gerou, sobretudo no tocante à falta de transporte e à carencia de materiais de construção. Mas que, doravante, com a força de sentimento e fazendo do coração a matéria prima para as realizações em vista, iríamos proporcionar ao povo a assistência que coubesse dentro dos recursos da Municipalidade. E é com espontânea alegria que posso anunciar para breve a inauguração de vários empreendimentos que atrairão para a Prefeitura o apoio esclarecido e justo dos que examinam as atividades públicas. Este mês, ainda, serão abertos ao público o primeiro restaurante da cidade e o serviço de ambulatórios do Hospital Municipal.

Nada preciso aduzir a esta notícia. Todos sabemos o que é o problema da alimentação do operário. Mal nutrido em casa, trazendo para o serviço, em pequenas latas, restos de um fermentado jantar da véspera, engolem, às pressas, assentados nos calcanhares uma ração que mal chega para adormecer-lhes o apetite insatisfeito.

Instalado no almoxarifado da Prefeitura, em frente à Estação Rodoviária da Feira, o primeiro restaurante da cidade, como denominamos, for-

necerá almoços sadios pela importância de um cruzeiro e quarenta centavos.

O Hospital Municipal abrirá as portas aos que precisam de assistência médica a partir de 30 deste. Colocação em bairro de população operária, e no extremo oposto a parte servida pela Santa Casa, estará habilitado a fornecer aos que padecem, sem recursos, o conforto de uma assistência cuidadosa e confortável. Possuindo ambulatórios para todas as especialidades, enfermarias e maternidade, raio X e instalações cirúrgicas, será o Hospital Municipal uma nova casa que se abre aos que, nesta cidade, vivem a vida do trabalho.

Prosseguindo nesse programa serão inaugurados em janeiro o primeiro pavilhão do Lar dos Meninos e em seguida o que denominamos Postos de Assistência Municipal, distribuídos pelos bairros da cidade.

O Lar dos Meninos já recebeu de vossa parte o aplauso consagrado. Destinado a abrigar menores desamparados, que ali se dedicarão ao cultivo de flores e legumes para abastecimento da cidade, alojará 300 crianças, distribuídas em grupos de vinte para cada "Lar". Sistema eminentemente humano, pois que tira ao estabelecimento o aspecto de presidio infantil, espera a administração proporcionar a Belo Horizonte uma notável escola de profilaxia do crime, educação para o Brasil inúmeros jovens que a rua transformaria em réprobos da sociedade. Os Postos de Assistência Municipal se comporão de um lactário para as crianças sem recurso, de uma sopa, de preço módico que lhe tire o degradante aspecto de esmola, de uma pequena biblioteca e de um consultório médico e dentário para a assistência da população suburbana. La gamente descentralizada, a cidade já oferece grandes distâncias aos que precisam de uma consulta ou aos que, lutando com escassez de recursos financeiros, precisam buscar alimento nas partes centrais da cidade".

A LIÇÃO DE ALEXANDRE

"Ai estão expostos, em linguagem sucinta, os empreendimentos a serem breve inaugurados. Não me poderia alongar em detalhes que me exporiam ao vosso desgosto. Muita coisa ficou sem referência. Muita coisa de verdade, porém, ser feita ainda. A cidade é eterna no tempo, quer dizer, os seus problemas nascem e se multiplicam de instante a instante. Não temos a vaidade de os haver resolvido. Apenas os afloramos. Ao ser dito a Alexandre que Demócrito afirmava que todas as estrelas são outros tantos mundos, saltaram-lhe as lágrimas pelos olhos e disse chorando: "Será possível que haja tantos mundos, quando eu ainda não acabei de conquistar um?". Vieira que conta isto nos sermões do Rosário chama a atenção para os vaidosos que supõem possível, dentro da precariedade dos esforços humanos, a solução dos problemas da vida. Conheço a lição e sei que além do meu, há inúmeros mundos que os meus olhos jamais fitarão. O que a cidade exige será obra de perene devoção de todos os seus filhos. Dentre eles, porém, cumpre citar, num preito absolutamente sincero e justo, a dedicação onímoda do governador Benedito Valadares, em cujo governo Belo Horizonte se transformou numa das mais encantadoras cidades do Brasil. As ligações rodô-

viárias e ferroviárias, que a colocaram como centro de Minas, as inúmeras iniciativas que aqui se desenvolvem, o Parque Industrial que é a semente formidável que fecundará a vida econômica do Estado, a assistência carinhosa e vigilante que dispensa aos administradores da cidade, fazem de de S. Excia. não somente o Governador mais amigo da capital, mas

igualmente o prefeito mais devotado da cidade. Sejam, agora, as minhas últimas palavras um agradecimento muito caloroso ao Rotary Club pela homenagem que prestou a Belo Horizonte e aos conceitos generosos de que imerecidamente fui alvo através das expressões brilhantes do seu grande presidente, dr. Eduardo Menezes.

E se, inadvertidamente os suppl-

ciel com a longa enumeração do que se realiza à sombra da Prefeitura foi para que pudesse prestar contas através do acolhimento generoso, a todos os habitantes de Belo Horizonte, seguindo ainda nisto um belo conceito de Vieira, segundo o qual para falar ao vento as palavras bastam, mas só com obras se pode chegar ao coração dos homens".

* * *

"UMA REALIZAÇÃO QUE DIZ DO VALOR DOS HOMENS DE M. GERAIS"

(CONCLUSÃO)

no que for exigido para perfeita adaptação às disposições legais vigentes. Belo Horizonte, 11 de dezembro de 1943. A Diretoria — aa) Cristiano França Teixeira Guimarães, José Osvaldo de Araujo, Sandoval Soares de Azevedo.

Fundada há apenas cinco anos, a Cia. de Seguros "Minas-Brasil" nasceu como um imperativo inadiável do profundo nacionalismo econômico que despertou na consciência do país, e da vontade firme de trabalhar e produzir dentro do Brasil e

para os brasileiros.

Superiormente conduzida pela clareza de mineiros sem jaca, a novel seguradora surgiu trazendo em seu próprio nome a bandeira que norteia os seus destinos: MINAS-BRASIL. Nunca o nome de uma organização sintetizou tão bem o seu próprio programa. A inteligência, as virtudes e o trabalho de Minas Gerais, ao serviço do Brasil!

Depois de estender a todo o território nacional a sua atividade nos ramos de fogo, transporte, acidentes pessoais e acidentes no trabalho, com o estabelecimento de agências em todos os Estados, depois de consolidar de modo firme e seguro as

suas operações em todas essas carreiras, vai a Cia. de Seguros "Minas-Brasil" começar a operar no ramo de seguro de vida, onde a sua atuação se fará sentir, certamente, com os mesmos benefícios que o público recebe dos seus modelares departamentos ora em vigor.

Justifica-se, portanto, o nosso registro sobre a importante assembléia, de que resultou a auspiciosa iniciativa que marcará o dia 21 de Dezembro de 1943 como uma data sob todos os pontos de vista histórica nos annais da Cia. de Seguros "Minas-Brasil" e, sobretudo, muito grata à economia mineira pela enorme significação de que se reveste.

*

A voz de ouro da Guarani

(CONCLUSÃO)

zart, Tchaikowsky, Carlos Gomes, Puccini, Liszt, Schubert, Strauss, Mignone e vários. Também apreciamos Alberto Costa, Luis Melgaço, Lucas Lacerda e Valdemar Henrique.

As irmãs Terezinha e Nupotira Pedroso são assim. Simples, encantadoramente simples em sua genialidade artística. Descendentes de famílias amantes da música e do canto, não é surpresa que a natureza as tenha dotado da maravilhosa voz a que o publico mineiro se habituou a chamar — a voz de ouro do radio mineiro!

*



Sr. José Marcelino da Mota, distinto cirurgião-dentista na vila de Rodeio, no Estado do Rio, cujo aniversário transcorre no dia 2 do corrente mês. Os parabens de ALTEROSA.

ALTEROSA DE FEVEREIRO publicará:

OS SANHAÇOS — Conto de Nóbrega de Siqueira, premiado no Concurso Permanente de Contos.

UM RAPAZ DE OURO — Conto de Maria Berço Torres, menção honrosa no Concurso Permanente.

MARTA — Conto de Juliana de Avila, também contemplado com menção honrosa no Concurso Permanente.

A MORTE DO GRAMATICO — Conto de Alberto Olavo.

LADRÃO DE AMOR — Conto de Wanderley Vilela.

A CONFISSÃO — Conto de Oreen Sherman.

OS TRÊS ENIGMAS — Conto de Mei Ling Chiang Kai-Shek.

MINHA TIA EMERENCIANA — Conto de Circéa Diniz.

*

VITRINE LITERARIA — Com colaboração de Oscar Mendes, Murilo Araujo, Roberto Gil, Alberto Renart e Alberto Olavo.

*

FALA COLOMBINA — Por Olga Obry.

MASCARAS E DISFARCES — Editorial.

CARNAVAL — Por Alberto Olavo.

*

PALPITANTE INQUÉRITO LITERÁRIO REALISADO POR O. LAGE FILHO.

*

SENSACIONAIS MODELOS PARA O CARNAVAL DE 1944.

*

CURIOSAS REPORTAGENS DE RADIO E CINEMA.

*

DESENVOLVIDA MATERIA DE BELEZA.

REPORTAGENS LOCAIS — NO MUNDO DOS ENIGMAS — REPORTAGEM DA VIDA SOCIAL MINEIRA, ETC.

Belkiss, filha do casal José Gonçalves e D. Aurea Gonçalves, residente em Pains

*

A interessante Zélia Maria, diletta filhinha dos nossos estimados colaboradores Álvaro de Assis Pinto e D. Zita de Macedo Pinto, residentes na cidade de Presidente Vargas

*

CRIANÇAS

*

Fernando, com 5 meses, filho do casal Celso Varela

*

Alisio, aos 3 anos, filho do casal Ataliba Siqueira - D. Alafide Xavier Siqueira

Dulcemar, filha do casal Maurício de Oliveira, da sociedade de Pains

*

Lélia Maria, filha do casal dr. José Parreira de Melo - D. Albertina Alves Parreira, residente em Formiga

Use
PYOTYL

...e os dentes
brilharão outra vez!

e CREME DENTAL

LIQUIDO



PYOTYL

"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentifrício mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS